FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

MARIA VITÓRIA LOUREIRO DO NASCIMENTO VIEIRA

DIÁSPORA LIBANESA: DESAFIOS E POSSIBLIDADES

Porto Velho – RO

2020

MARIA VITÓRIA LOUREIRO DO NASCIMENTO VIEIRA

DIÁSPORA LIBANESA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR como requisito parcial avaliativo para a obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientadora: Profa. Dra. Odete Burgeile

Porto Velho – RO
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

V658d Vieira, Maria Vitória.

Diáspora Libanesa: Desafios e possibilidades: Pesquisa etnográfica / Maria Vitória Vieira. -- Porto Velho, RO, 2020.

104 f. : il.

Orientador(a): Prof.ª Dra. Odete Burgeile

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Diáspora. 2.Interculturalidade. 3.Migração. 4.Libaneses. 5.Porto Velho. I. Burgeile, Odete. II. Título.

CDU 314.15(569.3)

Bibliotecário(a) Luã Silva Mendonça CRB 11/905

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

Maria Vitória Loureiro do Nascimento Vieira

Diáspora libanesa, desafios e possibilidades

Dissertação apresentada em 11 de dezembro de 2020 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Odete Burgeile
Presidente da Banca e Orientadora (PPGML/UNIR)

_____
Profa. Dra. Auxiliadora dos Santos Pinto
Membro Externo ao Programa (UNIR)

_____
Prof. Dr. João Carlos Gomes
Membro Interno (PPGML/UNIR)

Porto Velho – RO

2020

Documento assinado eletronicamente por **JOAO CARLOS GOMES**, **Docente**, em 11/12/2020, às 12:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **AUXILIADORA DOS SANTOS PINTO**, **Docente**, em 15/12/2020, às 13:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **ODETE BURGEILE**, **Docente**, em 18/12/2020, às 10:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0547995** e o código CRC **EE2EE73D**.

Referência: Processo nº 9991196206.000034/2020-95 SEI nº 0547995

AGRADECIMENTOS

Ao Dono da minha existência, meu Deus, Senhor, ao Grande El Shaddai, ao Eterno: “Bendize ó minha alma ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize ó minha alma ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios.” (Salmos 103: 1-2).

A Universidade Federal de Rondônia que abriu as portas para que eu fizesse parte deste Mestrado, minha admiração e respeito por tal Instituição que muito tem contribuído para o avanço das pesquisas em nosso estado de Rondônia.

Agradeço aos professores do Mestrado Acadêmico em Letras que enriqueceram a minha formação: viajar do Oriente à Amazônia com vocês foi fantástico.

Em especial, quero agradecer a minha orientadora Profa Dra Odete Burgeile, pela atenção e constantes orientações, pela paciência e compreensão nas situações difíceis que passei.

Aos amigos queridos que foram a mola impulsora ao me incentivarem à inserção ao Mestrado: Cláudia Lôbo, você de graça acreditou em mim! Humberto Bacic, meu mano do coração e Klivy Reis, o amigo mais chegado que um irmão.

Ao meu amado esposo, companheiro e motivador, Silvio Carlos, por sempre estar me ajudando e cuidando de nossas filhas para me oportunizar essa conquista.

Às heranças que recebi de Deus, minhas filhas amadas e mui desejadas: Ana Beatriz e Janine , por alegrarem meus dias e sempre mostrarem que preciso melhorar. Obrigada pela compreensão das minhas ausências durante todo esse processo.

A minha mãe, pelas suas orações que me mantêm firme combatendo o bom combate e guardando a fé; minha querida irmã Débora Loureiro e meu cunhado Jean Pereira pela força e apoio.

Aos queridos libaneses, ao Mikhael Esber que foi o canal para minha aproximação com Youssef Habib e Badra Hijazi; ambos tão bondosamente se dispuseram em participar desta pesquisa. A Mohamed Hijazi pela sua receptividade assim que cheguei em seu estabelecimento pedindo um momento para a entrevista.

A todos que de alguma forma contribuíram para que essa pesquisa se concretizasse com êxito.

VIEIRA, NASCIMENTO DO LOUREIRO VITÓRIA MARIA. **DIÁSPORA LIBANESA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**. 76F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. PORTO VELHO, 2020.

RESUMO

Essa pesquisa nasceu do interesse de conhecer mais sobre o povo libanês e principalmente como influenciaram a cultura em Porto Velho-Rondônia. A chegada dos libaneses foi acontecendo gradativamente, causando mudanças na cultura local. Assim, esse trabalho tem como objetivo geral o estudo da interculturalidade da diáspora libanesa. Os objetivos específicos são o de levantar os fatores que motivaram a saída do país de origem, verificar como se deu a integração linguística, social e cultural dos membros do grupo com o novo local e observar os elos com a terra natal. A pesquisa é qualitativa, de cunho etnográfico, com entrevistas a quatro libaneses. Para versar e sustentar nossa argumentação, destacamos as concepções sobre diáspora (HALL, 2003, 2005, 2008; CANCLINI, 1997; COHEN, 1997; BHABHA, 2003), o multiculturalismo e interculturalismo (MCLAREN, 1997, 1999; CANDAU, 2008, 2011;CANCLINI, 2004; FLEURI, 2003; WALSH , 2007, 2012) e as redes sociais (FAZITO, 2010; WARREN, 1993; BARNES, 1987; SOARES, 2002, 2004, 2007; MASSEY, 1987).

Os dados trouxeram um conhecimento sociocultural sobre os imigrantes libaneses, apontando que a diáspora libanesa foi suscitada por circunstâncias sociopolíticas e econômicas, ao passo que o movimento de entrada foi acontecendo à medida que oportunidades surgiam para a saída da terra natal, em busca de melhores oportunidades. No novo território, os imigrantes libaneses permaneceram com suas raízes, ao mesmo tempo em que houve uma hibridação com os da terra para serem integrados à comunidade portovelhense.

Palavras-chave: Diáspora. Interculturalidade. Migração. Libaneses. Porto Velho

VIEIRA, NASCIMENTO DO LOUREIRO VITÓRIA MARIA. **DIÁSPORA LIBANESA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**. 76F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. PORTO VELHO, 2020.

الموت اللبناني :التحديات والإمكانيات.

ملخص

وُلد هذا البحث من الاهتمام بمعرفة المزيد عن الشعب اللبناني وكيف أثروا بشكل أساسي على الثقافة في بورتو فيلهو روندونيا .كان وصول اللبنانيين يحدث بشكل تدريجي ، مما أحدث تغييرات في الثقافة المحلية .وبالتالي ، فإن الهدف العام لهذا العمل هو دراسة التعددية الثقافية للشتات اللبناني.
لأهداف المحددة في إثارة العوامل التي دفعت للخروج من بلد المنشأ ، والتحقق من كيفية الاندماج اللغوي والاجتماعي والثقافي لأعضاء المجموعة مع المكان الجديد ومراقبة الروابط مع الوطن .البحث نوعي وعرقي بطبيعته مع مقابلات مع أربعة لبنانيين معالجة حجتنا ودعمها ، نسلط الضوء على المفاهيم حول الشتات ؛ والتعددية الثقافية والتعددية الثقافية والشبكات الاجتماعية
اجتماعية وسياسية واقتصادية ، بينما كانت حركة الدخول تحدث مع ظهور فرص لمغادرة الوطن بحثا عن فرص أفضل.
.
ي الإقليم الجديد ، بقي المهاجرون اللبنانيون مع جذورهم ، في نفس الوقت الذي كان فيه هناك تهجين مع من هم من الأرض ليتم دمجهم في مجتمع بورتو.

الكلمات الدالة:

الكلمات الرئيسية :الشتات .بين الثقافات .الهجرة .لبناني .بورتو فيلهو

VIEIRA, NASCIMENTO DO LOUREIRO VITÓRIA MARIA. **DIÁSPORA LIBANESA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.** 76F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. PORTO VELHO, 2020.

ABSTRACT

This work was born from the interest of knowing more about the Lebanese people and mainly how they influenced the culture in Porto Velho, Rondônia. The arrival of the Lebanese was happening gradually, causing changes in the local culture. Thus, this work has as its general objective the study of the interculturality of the Lebanese diaspora. The specific objectives are to raise the factors that motivated the departure from the country of origin, to verify how the linguistic, social and cultural integration of the group members with the new location took place and to observe the links with the homeland. The research is qualitative, of an ethnographic nature, with interviews with four Lebanese people. To discuss and support our argument, we highlight the conceptions about diaspora (HALL, 2003, 2005, 2008; CANCLINI, 1997; COHEN, 1997; BHABHA, 2003), multiculturalism and interculturalism (MCLAREN, 1997, 1999; CANDAU, 2008, 2011;CANCLINI, 2004; FLEURI, 2003; WALSH , 2007, 2012) and the social networks (FAZITO, 2010; WARREN, 1993; BARNES, 1987; SOARES, 2002, 2004, 2007; MASSEY, 1987). The data brought a sociocultural knowledge about Lebanese immigrants, pointing out that the Lebanese diaspora was sparked by socio-political and economic circumstances, while the entry movement was happening as opportunities arose to leave the homeland, in search for better opportunities. In the new territory, Lebanese immigrants remained with their roots, at the same time that there was a hybridization with those from the land to be integrated into the community of Porto Velho.

Keywords: Diaspora. Interculturality. Migration. Lebanese. Porto Velho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Edifício Monte Líbano.....52
Figura 2: Pizzaria Roda Viva propriedade do Sr. Mikhael Esber.....73
Figura 3: Folder de divulgação das atrações musicais na Pizzaria Roda Viva.....73
Figura 4: Rio Litane.....75
Figura5: Papelaria Litane.....76
Figura 6: Restaurante e Lanchonete Sabor Libanês.....76
Figura 7: Jantar promovido pela Comunidade libanesa.....78
Figura 8: Mikhael Esber com Manelão fundadores da “Banda do Vai Quem Quer...80
Figura 9: Os homens dançando e celebrando na festa da Comunidade.....85
Figura 10: Salão de festa da Comunidade Libanesa.....85
Figura11: Dia de festa!!! Confraternização de final de ano.....86
Figura 12: Visita ao Líbano para encontrar os familiares.....87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10
SEÇÃO I- DIÁLOGOS DISTINTOS ENTRE CONCEITOS/TEORIAS.....15
1.1 DIÁSPORA.....15
1.2 MULTICULTURALISMO.....19
1.3 INTERCULTURALISMO.....29
1.4 REDES SOCIAIS 32
SEÇÃO II - O ÊXODO LIBANÊS : EM BUSCA DE UM NOVO TERRITÓRIO....399
2.1 IMIGRANDO PARA A TERRINHA.....39
2.2 QUANDO A COMBINAÇÃO ENTRE O KIBE E A FEIJOADA NÃO FICA SABOROSA: CONFLITOS NA IMIGRAÇÃO LIBANESA NO BRASIL.....44
2.3 LIBANESES NA AMAZÔNIA.....45
2.4 BUSCANDO TERRITÓRIO EM CRESCIMENTO.....48
SEÇÃO III- DO ORIENTE À AMAZÔNIA : DIÁLOGO ENTRE O CEDRO E O MADEIRA.....55
3.1 O PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....55
3.2 MOTIVAÇÃO PARA A SAÍDA DO PAÍS.....55
3.3 INTEGRAÇÃO COM O NOVO LOCAL.....59
3.4 INTEGRAÇÃO COM OS MEMBROS DO GRUPO E COM A TERRA NATAL..... 84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....89
REFERÊNCIAS.....93
ANEXOS.....102
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE (Versão em Português)..... 102
ANEXO B- LEI NÚMERO 2069, DE 23 DE ABRIL DE 2009.....103
APÊNDICE I QUESTIONÁRIO.....104

INTRODUÇÃO

Minha caminhada acadêmica inicia com o curso de Letras Português pela Faculdade Interamericana, aqui mesmo em Porto Velho e logo após a graduação tive a oportunidade de realizar a matrícula no Mestrado em Letras, como aluna especial, e escolhi a disciplina de Pluralidade Cultural. Ao nos ligar ao Programa, algumas leituras nos foram apresentadas e através delas paradigmas foram rompidos; surgiram inquietações sobre discursos estereotipados de sujeitos considerados marginalizados, por serem "diferentes".

Ao conhecer a obra *Orientalismo- O Oriente como invenção do Ocidente* de Edward W. Said (2007) percebemos alguns legados culturais que perpetuam em muitos discursos. Em sua obra, o autor ressalta que "a cultura europeia ganhou força e identidade ao se contrastar com o Oriente, visto como uma espécie de *eu* substituto e até subterrâneo" (p. 30). Alinhado a essa análise fizemos o diálogo da obra de Said (2007) com a de Neide Gondim (2007), que apresenta a Amazônia como o Oriente através da sua obra *A Invenção da Amazônia.*

Foi então que construímos um artigo, cujo tema era: Multiculturalismo libanês em Porto Velho, para apresentação de trabalho no XI Simpósio de Linguagens. A temática que envolvia o artigo era focada justamente nesse universo híbrido proporcionado pelo multiculturalismo, desconstruindo um discurso inventado por uma cultura eurocêntrica, legado deixado pelo colonizador , por onde passou.

Amazônia e Oriente, dois mundos cheios de encantos e histórias; libaneses e portovelhenses, duas etnias que se cruzam e constroem sua caminhada entrelaçando suas vivências, saindo do local marginalizado. A partir dessas leituras e dessa apresentação foi possível nossa inserção ao Mestrado.

Uma das principais características do Brasil é sua diversidade cultural e o processo imigratório que teve sua relevância nesse fato. A Amazônia brasileira e o Líbano do oriente: dois mundos tão distintos, mas idealizados, estereotipados, estranheza e dificuldades causadas por diferenças culturais, geográficas, sociológicas, organizacionais. A aproximação entre eles ocasionou uma contribuição cultural que enriqueceu esse espaço pluri.

Nossa pesquisa foi motivada por toda essa constituição histórica dos libaneses em nossas terras, porém percebemos um acervo limitado de pesquisas sobre esses sujeitos e o processo de imigração, principalmente no Estado de Rondônia, especificamente em sua capital, Porto Velho. A partir desse universo objetivamos analisar o multiculturalismo e o interculturalismo, como fatores que contribuíram para caracterização social de ambas as nacionalidades. Tais aspectos são propícios à sociedade inclusiva, democrática e facilitadora na promoção para transformações socioculturais e institucionais.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, Hall (1997) ressalta que as sociedades capitalistas são caracterizadas como lugares de intensas desigualdades, sejam essas de etnias, classes, gerações ,sexo e tais diferenças têm como a cultura a origem para estabelecer essa distinção. Segundo o autor, é no âmbito cultural que a luta pela significação alimenta a subordinação de grupos considerados inferiores que tencionam ir de encontro à ordem de significados que fortalecem e sustentam os grupos imperialistas:

> [...] a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica do novo milênio. Não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural. (HALL 1997, p. 20)

Homi Bhabha (2005) traz a diversidade como fator que abrange o universo de diversidades, as diferenças representadas são construídas para uma promoção à legitimação de determinadas culturas sobre as outras, ou seja, a supremacia cultural.

Analisamos a diáspora num plano, a priori, sob os critérios de alguns estudiosos. No entanto, trouxemos abordagens distintas com o intuito das discussões de sentidos históricos, políticos, morais, linguísticos, sociais e econômicos, relativos aos sujeitos envolvidos.

Stuart Hall (2005) salienta que a diáspora é definida pelas conjunturas históricas pessoais e estruturais e que a energia criativa e o seu poder resulta, em parte, das tensões não resolvidas. Todavia, Cohen (1997) comenta que a pátria das

diásporas assenta numa terra adotada emocionalmente e que cruza pelo menos duas culturas.

Estudar a interculturalidade da diáspora libanesa, na Amazônia brasileira, especificamente em Porto Velho foi nosso principal propósito. A partir disso, pautamos os seguintes objetivos específicos: 1) levantar os fatores que motivaram a saída do país de origem; 2) verificar como se deu a integração linguística, social e cultural dos membros do grupo com o novo local; 3) observar os elos com a terra natal. A abordagem teórica utilizada para o estudo foi sobre a diáspora (HALL, 2003, 2005, 2008; CLANCLINI,1997; COHEN ,1997; BHABHA,2003), o multiculturalismo e interculturalismo (MCLAREN,1997, 1999; CANDAU,2008, 2011; CANCLINI, 2004; FLEURI ,2003; WALSH,2007, 2012) e as redes sociais (FAZITO, 2010; WARREN, 1993; BARNES, 1987; SOARES, 2002, 2004, 2007; MASSEY, 1987).

A pesquisa é qualitativa, de cunho etnográfico, por percebermos que está fundamentada na observação cuidadosa das práticas realizadas, sobretudo entre a análise científica e experiências de vida. Para isto, trazemos a visão de Segovia Herrera (1988) sobre a pesquisa etnográfica, de que a finalidade é desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural e, para Mattos (2011, p. 50), a etnografia traz algumas contribuições no campo da pesquisa qualitativa, principalmente para estudos que se interessam por desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sociointeracionais.

Para tanto, aplicamos um questionário, composto por trinta e três perguntas, porém deixamos ao final delas os entrevistados livres para narrar fatores que estivessem ligados de alguma forma com as perguntas e que fossem convenientes para a análise.

Acreditamos que é de suma importância apontarmos o percurso metodológico que utilizamos na coleta, para a caracterização da pesquisa. Todavia, para que esta se concretizasse foi necessário submetermos nosso trabalho à Plataforma Brasil, com o parecer do comitê de ética da UNIR nº 3.663.990, de 26 de outubro de 2019.

Iniciamos a pesquisa em janeiro de 2020, no centro da nossa cidade, pois havia um estabelecimento comercial de um libanês, bem frequentado por portovelhenses e também por libaneses, sendo um ambiente conveniente para começarmos nossa pesquisa. Assim, escolhemos aleatoriamente quatro libaneses que estivessem em Porto Velho há mais de quinze anos.

A primeira parte do questionário foi contemplada com o perfil dos libaneses como: nome, estado civil, grau de instrução, descendência, entre outros aspectos identitários. Já a segunda parte foi composta por toda a abordagem dos fatores que levaram à saída do país de origem, levantando se houve ajuda financeira, os meios de locomoção, os lugares que passaram até o destino. Na terceira parte apreciamos a integração ao novo local, a escolha por Porto Velho, as dificuldades encontradas e a superação delas. A quarta parte do questionário traz a integração com os da terra e os elos com a terra natal.

A dissertação, em sua primeira seção, apresenta uma abordagem teórica, tecendo conceitos, explanando sobre diáspora, multiculturalismo e interculturalismo, redes, fundamentos teóricos que estão relacionados aos sujeitos envolvidos.

Na segunda seção fizemos um recorte histórico geral da saída dos libaneses, fatores internos e externos que forçam a busca por novos territórios. A partir desses pressupostos foi possível compreender as questões sociais que pesaram sobre a história desse grupo. Discorreremos sobre o espaço nacional, desde a chegada em solo brasileiro, os conflitos encontrados, até a escolha para territórios amazônicos.

E ainda nessa seção levantamos fatos políticos, econômicos e sociais que forçaram a saída dos libaneses de sua terra natal para outro território. Também abordamos o crescimento do Estado de Rondônia e especificamente sua capital Porto Velho, território de inserção de uma parte da comunidade libanesa.

Na seção três , temos a exposição dos dados coletados através das entrevistas, o encontro de dois mundos e os resultados desse encontro cultural. Nessa seção trazemos quatro etapas. A primeira diz respeito ao perfil dos imigrantes libaneses e nela há informações sobre a idade, estado civil, nacionalidade, número de filhos e grau de instrução. A segunda etapa aborda o movimento diaspórico, de acordo com as especificidades dos próprios libaneses, verificando os motivos que os levaram a sair do Líbano e escolher o Brasil, especificamente Porto Velho.

Na terceira etapa , observamos como foi a integração com o novo local e, sendo esse local de permanência, as dificuldades encontradas. Vimos também a força das redes sociais e a importância para a integração e recepção dos libaneses em Porto Velho. Analisamos também o sentimento de pertencimento nos libaneses nesse processo de inserção na cidade de Porto Velho.

Na quarta e última etapa, observamos a integração com os membros do grupo e com a terra natal : como eles mantém contato com os parentes do Líbano, se há desejo de retornarem à terra natal e como fazem para amenizar a saudade dos que ficaram lá.

1 SEÇÃO I- DIÁLOGOS DISTINTOS ENTRE CONCEITOS/TEORIAS

Analisar os processos de transformações de um determinado grupo ou de um sujeito implica primeiramente conhecer questões que estão envolvidas. Dessa forma, faz-se necessário também, estudar os sujeitos que vivem esses movimentos, observando os conflitos encontrados nos âmbitos sócio-político-econômico-cultural, delineando em que momento histórico passam por tais processos.

Para tanto, esta seção tem como propósito dialogar alguns conceitos que estão inseridos em todas essas mudanças. Portanto, trouxemos uma discussão enriquecedora e utilizamos pressupostos interdisciplinares, principalmente, de teóricos do campo filosófico, da sociolinguística, da linguística, bem como da antropologia, entre outras áreas de relevância para nossa pesquisa.

1.1 DIÁSPORA

As análises da diáspora nos dias atuais, organizam área de reflexão teórico-metodológico afirmado. Como nossa pesquisa é focada nessa vertente, para melhor compreensão, talvez seja útil abordar alguns conceitos, assim como os processos constituintes, sem qualquer pretensão de uma única verdade, mas referir a multiplicidade do tema, discutindo as possibilidades analíticas no campo de pesquisa em nossas academias. O homem, ao longo da sua história, vem tecendo uma série de mudanças, sejam psicológicas, econômicas, territoriais, sempre reinventando valores culturais. Com isso, o sujeito permite renovo de suas autenticidades, compondo um universo plural: permitindo diálogos culturais, mesmo que estranhamente conhecido, mas com o tempo percebido.

Diáspora é definida de forma ampla como dispersão, resultado da palavra grega “disporá”[1]. Pela História a diáspora produzida na terra de adoção denotava em afastamento que ocorriam entre as antigas e novas culturas. Na contemporaneidade o conceito está associado à emigração, independente das circunstâncias, seu significado tem outro embasamento, por conta do fenômeno da globalização (MIGUEL e ROCHA-TRINDADE, 2008, p.165).

[1] Disponível em:<https://www.dicio.com.br/diaspora/>>Acesso em: 17 nov. 2020.

Para avançarmos nas abordagens compartilharemos o entendimento de Hall (2003) que diáspora é um efeito cultural, que leva até mesmo as tradições a um caminho de reinvenção, possibilitando até mesmo rupturas nessas esferas, permite o surgimento de autenticidades renovadas, ampliando os horizontes culturais.

Sendo assim, captamos por meio dessa pesquisa que a diáspora não se limita a apenas uma travessia territorial, vai bem além, é a história humana reescrita, que não se limitou somente às consequências de guerras, escravidão, deportação, acordos econômicos; é a possibilidade de se permitir conhecer a história , a luta do homem para conquista de um novo tempo, uma nova busca, uma nova terra. Entender as causas e consequências da diáspora, permiti-nos conhecer e lutar contra opressões ideológicas que vivenciamos por conta das especificidades étnicas e culturais ao nosso redor.

Segundo estudos, por cerca de dois mil anos o termo diáspora, foi alinhado somente para história do povo judeu. Boyarin (1997, p. 10) comenta que:

> Culturas de povos diaspóricos, sua preservação cultural, e a dupla consciência desses povos - bem como os caminhos pelos quais a diáspora se tornou um paradigma de certa condição cultural no período pós-colonial *tout court* - são, de modo crescente, áreas do pensamento vividas dentro do paradigma. A diáspora judaica, por meio da qual o termo foi criado, fornece a história mais longa de produção e sobrevivência cultural diaspórica (BOYARIN, 1997, p. 10).

Sotelo (2010) em sua tese aborda que estudiosos da Alexandria começaram a traduzir o Pentateuco, os cinco livros da Bíblia Hebraica para o grego, o verbo “diaspeirein”, juntamente com o substantivo “diáspora”, representava uma angústia que assolava aquele povo que havia se dispersado de sua terra (Deuteronômio 28:25). Em nossa contemporaneidade, a ideia de diáspora tem tomado uma proporção desde a Segunda Guerra Mundial, quando os vínculos de solidariedade entre povos que foram dispersos circunstancialmente forjou esse “acolhimento”

É interessante também analisar no contexto histórico que a descolonização fez com que grupos fossem forçadamente expulsos e obrigados a migrarem, principalmente os de origem asiática. O reconhecimento pela Organização das Nações Unidas aos refugiados trouxe maior atenção e popularidade ao termo diáspora (ÁVILA, 2020, p.1-18).

Hall (2008, p.36), salienta que é “importante ver a perspectiva da cultura diaspórica como uma subversão dos moldes culturais tradicionais orientados para a nação”. Tal afirmação não tem o propósito de negar as conquistas das etnias hegemônicas, mas com o foco para inclusão do “outro”: respeitando-o e anulando a angustiante sensação de estranheza num lugar que ainda não é “meu”.

Para Canclini (1997) o conceito de diáspora está envolvido em adotar um chamado “olhar estrangeiro” para as coisas à nossa volta. Partindo do princípio de que território é aquele lugar estável e de organização, opõe-se ao ato de desterritorializar, que por sua vez, apresenta uma ação de desordem, de pulverização, na busca por novos saberes, menos óbvios, aprimorando-se de percepções diferenciadas que superem o que já fora previsto. Canclini (1997, p. 11) afirma que:

> Os cruzamentos intensos e a instabilidade das tradições, bases da abertura valorativa, podem ser também - em condições de competição profissional - fonte de preconceitos e confrontos. Por isso, a análise das vantagens ou inconvenientes da desterritorialização não deve ser reduzida aos movimentos de ideias ou códigos culturais, como é frequente na bibliografia sobre pós-modernidade. Seu sentido se constrói também em conexão com as práticas sociais e econômicas, nas disputas pelo poder local, na competição para aproveitar as alianças com poderes externos (CANCLINI, 1997, p.11).

Uma das questões aqui é de como poderá ocorrer a interação cultural democrática, mesmo que seja em longo prazo. Então pressupomos que quando não há uma interação cultural, no mínimo temos uma sensação apagamento da memória cultural de um povo, de não pertencimento do sujeito diaspórico em terras estranhas.

Segundo Bhabha (2003, p. 34) a visão diaspórica parte do lugar de fronteira, o autor aborda que a fronteira é um lugar onde algo começa a fazer presente num movimento não dissimular ao da articulação ambulante, ambivalente. Em outras palavras: quem vê a partir da fronteira tem a possibilidade de reconhecer e buscar aceitar o novo, embora o tempo para essa aceitação promova um espaço. Por isso que a diáspora, enquanto ação de espalhar povos, interfere sensível e diretamente na construção da identidade cultural dos sujeitos.

A diáspora, portanto, é capaz de influenciar o hospedeiro a agir em benefício da terra-natal. O meio de reterritorialização é capaz de materializar-se em novos elementos socioculturais associados à identidade territorial. Isso é ratificado, por

exemplo, pelos pequenos elementos, como a culinária, os empréstimos linguísticos, entre outras influências (HALL, 2003)

O autor continua ressaltando que quando ocorre tal processo, novas incitações entram em cena, como reprodução da unidade familiar, instalações de residências, estratégias socioeconômicas. Ir ao encontro entre culturas torna-se inevitável: um país com idioma, costumes e geograficamente diferente, sendo inevitável, não há como não relacionar os conceitos de diáspora sem perceber o hibridismo. É uma mistura de culturas, nomeada por ele de “diáspora”, migração de um povo para outro lugar: “Na situação da diáspora, as identidades tornam-se múltiplas” (HALL, 2003, p. 27).

Esse composto surge em diversos lugares, é importante ser encarado como processo social: permite ao sujeito novas e imprevisíveis adequações, por isso que os processos culturais não devem ser vistos como manifestações culturais estáveis e imutáveis(HALL, 2003, p. 27).

A mescla entre culturas para Hall (2005, p. 91) é “poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de culturas, mais apropriada à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado” , assim como também “nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas” (HALL, 2005, p. 30). Na verdade, a maioria das nações existem de culturas que ao longo dos anos, violentamente foram conquistadas e “unificadas”, através da derrogação forçada da diferença cultural, além das diferentes classes sociais, grupos étnicos e de gênero. Essas identidades não se livram do poder, dos contrassensos internos.

Dessa forma, quando falamos de identidades que se deslocam, temos em mente a forma em que a cultura nacional contribui. A questão dessa junção cultural e de identidade consoante ao plano físico-geográfico pela diáspora, através da dispersão das etnias que se deslocam de seu território e passam a viver em outro, mas a origem se mantém, mas também se mistura com o novo (HALL, 2005, p. 31)

Contudo, o sentimento de pertencimento àquele lugar também se transforma e as adequações nem sempre serão fáceis, de imediato ou até mesmo impossível. Para tanto, Hall (2003) conceitua a diáspora como uma ideia crítica numa circunstância política da globalização: “as diásporas são, sobretudo, um extraordinário laboratório cultural onde as tentativas de sobrevivência e as contra-negociações são trabalhadas e experimentadas” (HALL, 2003, p. 207).

Com isso trazemos as migrações, sejam essas livres ou forçadas, o autor salienta que elas estão diversificando e pulverizando as identidades culturais das potências imperialistas ou até mesmo o próprio globo. Dentro dessa perspectiva ele aborda que as migrações criaram cidades multiculturais, novas diásporas, esses fluxos de povos e culturas alcançam uma amplitude até irrefreável (HALL, 2003, p. 208).

Realizar seus projetos pessoais é o desejo e a luta das pessoas, conquistar cidadanias, engajam um novo processo de “minorização” dentro dos territórios com homogeneidade cultural, que aos poucos tem sido silenciosamente presumidos. O autor continua em sua abordagem salientando que as culturas são abertas e por isso são compostas em meio às diásporas, reinventam as tradições, fornecendo conceitos sincréticos, incorporando outros valores culturais (HALL, 2003, p.47).

É relevante analisarmos a abordagem de diáspora sobre os pressupostos teóricos de Cohen (1997), que por sinal é bem distinta das perspectivas apresentadas anteriormente, pois investiga a mudança de significados do conceito e a condição diaspórica contemporânea. Ele destaca que as diásporas são ambíguas, pelo fato do sujeito não assimilar completamente a culturas do local, o qual o acolheu e por cultivar elos sociopolíticos com a terra de origem. O autor continua mostrando que elas afirmam que o estado-nação apresenta duas vertentes: ferramenta opressiva de organização social e protetor da liberdade de expressão e da diversidade política. Ou seja, para ele as diásporas ora não são assimiladoras, ora não são separatistas, mas ricas em questões culturais intrínsecas não podendo ser confinado num único lugar. Essa ambiguidade política e cultural, para o autor talvez não lhes seja favorável, tanto pode ser vista como ameaça para o estado-nação, assim como também pode representar um poder de apear o nacionalismo.

Mas, se por ventura no passado a ideia de diáspora teve subdivisões regionais específicas de etnia, o autor afirma que hoje o termo está atado ao espaço transnacional, inserindo todas as etnias resultantes de culturas que perderam seus vínculos territoriais por consequência ao desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação(COHEN,1997,p.128). Sendo assim, essa concepção de transnacionalidade das diásporas não contribui em nada a desterritorialização dos estados-nação à comprovação das identidades sociais determinadas.

Para o autor a contemporaneidade das diásporas acabam fazendo a ponte entre o sujeito e a sociedade, entre o local e o global, sincretizando as culturas por complexidades. No mundo contemporâneo, a complexa interdependência econômica global, juntamente com a interpenetração cultural obscurece o entendimento de identidade nacional (COHEN, 1997, p.196). Ele ainda argumenta que a pátria das diásporas adequa-se numa terra amparada e que mescla no mínimo duas culturas. Situam-se desta forma "entre os estados- nação e as 'culturas viajantes' na medida em que envolvem a habitação num estado-nação no sentido físico, mas viajando num sentido astral ou espiritual, que fica fora dele" (COHEN, 1997, p.135).

Na verdade, fica claro que as diásporas pós-modernas apontam como causa o entendimento de "estado-nação", não como um território cultural puro, homogêneo, mas multi, plural, com um posicionamento subjetivo instrumental.

Já Bhabha (2003) aborda que o que é mais crítico nessa produção contemporânea de identidade é legitimar temas complexos fora do convencional, do dominante, é o caso das diásporas. Ele ainda desmistifica a ambiguidade sociopolítica e o mito da "homogeneidade nacional", propõe uma revisão radical do próprio conceito de comunidade humana. Apela à legitimação cultural que denota uma logicidade antinacionalista ele continua salientando que a essência da sustentação das diásporas impossibilita que se alicercem a um único local.

Ambos na verdade reconhecem que a cultura de hoje e a força cosmopolita colaboram para o hibridismo cultural, eliminando territórios nacionais, mas as diásporas da contemporaneidade afrontam o nacionalismo puro.

Ao evidenciarmos fatores como pobreza , falta de oportunidades e subdesenvolvimento, que como diz Hall é "reputado ao Império em toda parte" (2005, p. 28), podem forçar sujeitos a migrarem e que às vezes é noticiado de forma bucólica, como se essa condição fosse ocasionada de livre vontade, em sair de sua terra e alcançarem posições relevantes, no outro país, o que na verdade foge da realidade na maioria das vezes. Também é bom pensar que a diáspora pode ser associada à interculturalidade, de modo a analisar e integrar as partes que participam em todos os processos, o diálogo entre culturas.

Portanto, dado aos múltiplos traços associados às relações de diáspora ressaltamos que com a abrangência do vocábulo, não nos permite definir com precisão um conceito fechado. O que ficou evidente nessa caminhada de pesquisa é

que a diáspora deixou de ter uma implicação somente negativa, haja vista que nos dias atuais, muitos imigrantes com dinheiro ou sem ele podem deslocar-se para qualquer lugar de sua escolha. Entretanto, ao ultrapassarem suas fronteiras se depararão com outras adversidades culturais, ou multiculturais. Teremos mais abordagens a seguir.

1.2 MULTICULTURALISMO

Ao analisarmos a história do povo brasileiro percebemos que esta foi tecida desde sua colonização, caracterizou-se pela pluralidade cultural e, também pela ruína de valores, hábitos e costumes não advindos do colonizador. Mesmo que vivessem negros, brancos e índios no mesmo recinto, só uma cultura foi reconhecida de fato e propagada: a do colonizador europeu. A busca por reconhecimento de identidades é obsoleta.

João Evangelista Terra (2000) narra em sua obra *Catequese de Índios e Negros No Brasil Colonial* o início da construção multicultural no Brasil : os índios que habitavam em solo brasileiro muito antes da chegada do homem europeu, marcavam a presença com cerca de cinco milhões no período em que os portugueses atracaram em terras canarinhas. Como grupo, tinham seus costumes: trabalho era dividido por gênero, alimentavam-se da caça de animais e da agricultura, cultivada por eles mesmos; também tinham suas crenças e uma linguagem que fluía com seus povos.

Trinta anos depois os escravos que chegaram ao Brasil com a expedição de Martim Afonso de Souza, por volta de 1530, trouxeram suas expressões culturais, linguísticas, artísticas e religiosas. Ambos os povos sofreram um processo de violência cultural, em que seus costumes e hábitos tiveram que passar por intensas transformações, ou seja, teriam que se adequar a visão de cultura imperialista, etnocêntrica que girava em torno dos interesses do homem branco (TERRA, 2000).

Com o primeiro povo, os jesuítas impunham a língua portuguesa e introduziram sua religião, mesmo que esse povo estivesse habituada em suas ideologias e criam em seus próprios deuses. Não foi diferente com os negros: estes por sinal, foram roubados de seu território e comercializado em vários cantos do mundo como escravos. Povo com uma cultura riquíssima, viveu em condições

desumana: trabalharam sem remuneração e sofreram os piores castigos (TERRA, 2000).

Tais etnias foram responsáveis pela formação do povo brasileiro, muitas influências permanecem até hoje: dormir em redes, gosto pela pesca e pela caça, assim como hábito do plantio, entre outras. Já dos povos africanos: a paixão pela feijoada, acompanhada com o samba de roda, a prática da capoeira, assim também como as manifestações religiosas. Juntas elas caracterizaram a reinvindicação do respeito à diferença cultural no Brasil, mesmo quando lhes foram impostos o universalismo e a homogenia europeia embasada em interesses políticos e econômicos. (FABRINI, 2003, p. 20).

O multiculturalismo para McLaren (1997) ,é envolvido por uma pluralidade de sentidos e significados, faz-se necessário uma abordagem para explicitar as principais correntes dele , com o propósito que busque articulá-las às políticas culturais e sinalizar seus reflexos nos sujeitos envolvidos nessa pesquisa.

O autor o retratar sobre Multiculturalismo descreve que há uma presença forte de divergências fantasistas que acabam direcionadas ao conceito europeu ocidental. Com tal entendimento, renova-se a tradição colonialista: mascarada pelo multiculturalismo conservador, em que os que cedem aos caprichos de uma cultura imperialista, serão beneficiados.

McLaren (1997) aponta esse multiculturalismo conservador ou monoculturalismo, nessa perspectiva patriarcal ocidentalizada, ele aponta também outras possibilidades como o multiculturalismo crítico, multiculturalismo liberal de esquerda e multiculturalismo humanista liberal.

O autor aborda a maneira como o multiculturalismo conservador atua de forma contundente em seu bloco de tradições pressupondo a supremacia do homem branco sobre os demais grupos sociais. O multiculturalismo conservador não nega a existência de outras culturas, embora não faça qualquer esforço para valorizá-las e tão pouco seus conhecimentos, pelo contrário, assume a posição de poder absoluto.

Já o multiculturalismo humanista liberal leva o sujeito a crer na existência de uma igualdade intelectual entre os grupos, ou seja, aponta uma possibilidade e oportunidades de competirem no mesmo nível, mesmo num mundo regido pelo capitalismo, sendo assim é possível criar premissas numa igualdade material ,apta na diminuição da distância entre os grupos “um pré-requisito para juntar-se à turma é

desnudar-se, desconsagrar-se, e despir-se de sua própria cultura" (MCLAREN 1997, p. 115).

Mas, o cerne é que o autor contesta tal visão pois esconde a realidade de que a classe dominante está sempre em posição favorável às demais "acredita que as restrições econômicas e socioculturais existentes podem ser modificadas e reformadas com o objetivo de se alcançar uma igualdade relativa" (MCLAREN, 1997, p.119).

Enquanto as duas visões de multiculturalismo prestigiam na homogeneidade, o multiculturalismo liberal de esquerda aborda as diferenças no que tange às questões sociais, verdade que estas existam e precisem de relevância, pois apostar exclusivamente na paridade é o mesmo que apagar as diferenças culturais. Para McLaren "essência que existe independentemente de história, cultura e poder" (MCLAREN, 1997, p. 120) ou seja, o resultado dessa visão é elitizar os grupos dominantes ao mesmo tempo não levando em consideração outros de suma importância para diálogos sobre multiculturalismo.

Por sua vez o Multiculturalismo Crítico ou de Resistência procura entender a maneira de como o discurso dominante tece as representações e identidades dos sujeitos. Essa visão vai de encontro aos processos solidificados ao longo da história: que são produzidas pela sociedade capitalista as identidades étnicas, classe e gênero. Não é que esse multiculturalismo queira transformar atitudes discriminatórias, porém tem como propósito o de reconstruir os arranjos profundos da política, da economia, da cultura e do poderio dos sistemas contemporâneos, extirpar as articulações capitalistas para reconstruir uma ordem social a partir dos oprimidos (MCLAREN, 2000, p. 284).

Said (2011) aponta que cada povo, cada tribo, cada grupo social medra algumas características semelhantes nas quais se identificam. Esse aparato de atributos pode ser caracterizado como a cultura historicamente constituída deste povo. Em circunstâncias mais comuns possíveis, podemos bater de frente o confronto entre as manifestações singulares de cada cultura, que estarão em convergência, precisando de tolerância, ajustes e outros referenciais que refinem o relacionamento, de acordo com cada cultura singular. O autor continua enfatizando que cada cultura tem seus valores, não é errado o que cada sociedade considera ser; sendo assim essas possuem práticas e normas culturais diferentes. Conviver com as diferenças

culturais sem considerá-las inferior ou superior uma a outra livra a raça do Imperialismo Cultural, uma vez que esta visão tem como foco determinar identidades comportamentais como padrão a ser seguido.

De acordo com Gadotti (2004) é necessário pensar que o multiculturalismo não nasceu nos eixos universitários, nos ambientes de formação: é o resultado de grupos "marginalizados", na verdade, discriminados e até mesmo excluídos por uma imposição social "soberana", distinguir as diferentes concepções inspiram para uma construção

Segundo Candau (2008):

> Vivemos em sociedades multiculturais. Podemos afirmar que as configurações multiculturais dependem de cada contexto histórico, político e sociocultural. O multiculturalismo na sociedade brasileira é diferente daquele das sociedades europeias ou da sociedade Estadunidense (CANDAU, 2008, p. 50).

Nesta abordagem é enfatizada a descrição e a compreensão da construção da formação multicultural de cada contexto. Permutar uma hegemonia cultural por outra não é o objetivo do multiculturalismo, mas a troca e o diálogo entre diversas culturas.

A perspectiva prescritiva do multiculturalismo através de Canen (2001) não é simplesmente como um dado estatístico da realidade, mas como uma maneira de atuar, de intervir, de transformar a dinâmica social: é a riqueza de trabalhar relações culturais numa determinada sociedade e de conceber políticas públicas nessa direção, uma construção que acontece a partir do surgimento de determinados parâmetros

Quando evidencia-se a multiplicidade de culturas e a pluralidade de identidades nas relações de poder, Canen (2001) questiona e desafia as práticas silenciadoras de identidades culturais: questões como racismos, machismos, preconceitos e discriminações, tão importantes para a sociedade que devem ser analisadas significativamente sob uma perspectiva que leve em conta o crescimento dos Estudos Culturais.

Observamos que em nossa Nação vem aumentando o interesse pela abordagem cultural e multicultural, na medida em que as orientações e reformulações por que passam a sociedade em todas as esferas: políticas, educacionais, econômicas, considerando o caráter pluriétnico e pluricultural destas.

É interessante a ideia de Candau (2008) em que as culturas estão em contínuo processo de elaboração e não fixam os indivíduos em uma uniformidade cultural. A

autora (2008, p. 51) ressalta que “Concebe as culturas em contínuo processo elaboração, de construção e reconstrução. Certamente cada cultura tem suas raízes, mas essas raízes são históricas e dinâmicas. Não fixam as pessoas em determinado padrão cultural.”

É de grande relevância pensar que na sociedade em que vivemos os processos híbridos culturais são profundos e causadores dos processos de identidades abertas, em movimentos cíclicos, ou seja, não há cultura pura! A história nos mostra essa verdade: ao longo dos anos todas as vezes que pretendia-se impelir essa pureza, os resultados foram catastróficos. Por isso notamos que refletir sobre multiculturalismo é não aceitar ideologias de classes opressoras, dominantes, pelo contrário, tomar uma postura que reconheça a existência de grupos distintos, respeitando-os na afirmação de suas identidades. Assim afirma Vera Candau (2011, p17):

> Na América Latina e, particularmente, no Brasil a questão multicultural apresenta uma configuração própria. Nosso continente é um continente construído com uma base multicultural muito forte, onde as relações interétnicas têm sido uma constante através de toda sua história, uma história dolorosa e trágica principalmente no que diz respeito aos grupos indígenas e afrodescendentes. (CANDAU, 2011, p. 17).

Constatamos que uma das principais características do Brasil é sua diversidade cultural, o processo colonizador teve sua relevância para tal fusão. Mas, os fatores históricos acumulados de certa forma, trouxeram contribuições pejorativas e facilitadoras do preconceito étnico. Portanto, analisar a cultura dos povos que foram responsáveis pelo nascimento de uma sociedade, de certa forma é romper com intolerâncias e preconceitos, é uma maneira de entendermos os costumes atuais. Compreendemos através dessa pesquisa que as práticas sociais e correntes teóricas que objetivam reconstruir a sociedade, a partir das diferenças, preconizando a transformação da ordem social vigente, ganham espaço no território brasileiro.

Entendemos que com o tempo enfrentar os aspectos de dominação cultural e preconceitos sociais ganhará espaço através do caráter multiculturalista, gerando identidades que se sobrepõe às fronteiras nacionais para uma construção de identidades híbridas. Observamos que dizer que o Brasil é pluri não é tão atual, começa pela formação de seu povo: falamos de um país mestiço e híbrido, com a mistura de culturas, raças e etnias que compõe seu cenário. São muitas diferenças e

de várias esferas: regionais, culturais, sociais, raciais, religiosas de gênero e tantas outras.

Canclini (2006, p. 29) fomenta nossa bandeira híbrida com a seguinte elocução "Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas". O hibridismo tem uma abordagem heterogênea das identidades e retoma o regime de construção da linguagem como um dos marcos centrais da identidade, nesta perspectiva o alvo é a diferença.

McLaren (1999) reforça que, embora expresso o movimento por valorização das diferenças e pelo renovo social, os conceitos multiculturais são diversos, começando pela tendência liberal, comprometida com a preservação da ordem, até a perspectiva revolucionária ou crítica de que busca transformar as relações sociais desiguais e a organização de poder da sociedade vigorante.

Kincheloe e Steinberg (2012) afirmam que nenhuma ideologia racial pode tratar com indiferença os contextos sociais que cooperaram para formação de um determinado grupo. Nesse sentido, os estudiosos críticos como forçam uma análise complexa da identidade cultural, salientam que eclodir com uma estrutura exigida pelo capitalismo deve ser a precedência para aquele que deseja reverter a exclusão e combater o bom combate pela construção de uma sociedade justa.

McLaren (1999) apontou para uma mudança de ordem social vigorante como âmago ao multiculturalismo crítico. Todavia, não banaliza a importância de questionar as relações desiguais de raça, classe social, gênero e etnia, dentre outras, determinadas na sociedade excludente; consequentemente, intrinca as desigualdades e discrepâncias. O conceito multicultural que não se enreda com este propósito se afasta do sentido crítico:

> [...] avançar em uma concepção de multiculturalismo crítico diferenciando-o do multiculturalismo conservador ou empresarial, do multiculturalismo humanista liberal e do multiculturalismo liberal de esquerda. Esses são, com certeza, rótulos tipicamente idealizados com o objetivo de servirem apenas como um recurso "heurístico". (MCLAREN ,1999, p. 110).

Esta ideologia fragiliza os pressupostos dominantes e os delega à responsabilidade pela desigualdade e exclusão. Os indivíduos enredados com esta convicção, defendida por McLaren (1999), não podem estar inerte, pelo contrário,

devem assumir um posicionamento crítico diante da realidade cruel, indagando as injustiças presentes na sociedade.

McLaren (1999) destaca que o multiculturalismo crítico é como instrumento de luta em prol da conversão social, já que culpabiliza a sociedade capitalista e suas formas de domínio: seu alvo é transformar, minimizar as desigualdades tangentes do capitalismo. O alvo dos multiculturalistas “críticos” é um compromisso: reedificar a sociedade. Os movimentos transformadores demandam uma sociedade onde os direitos sejam merecidos por todos e as identidades valorizadas.

É necessário que a igualdade de oportunidade seja prioridade, as diferenças não podem definir a posição dos cidadãos. Inclusão! Esta é a palavra decretada nesse movimento. O termo multiculturalismo remete à multiplicidade, de variedade. Por certo, este verbete diz respeito à pluralidade cultural que compõe a sociedade e evidencia as diferentes características dos cidadãos híbridos. Na verdade, isso se contrapõe a ideologia universalista de cultura, incitando as concepções estereotipadas e anela recognição da identidade (MCLAREN, 1999, p. 111).

O “nascer” de nossa cultura e sociedade é um elemento de grande valor e principalmente para fomentar nossa identidade. Ao mesmo tempo que para muitos revolucionar a ordem social corrente é uma léria, para milhões de indivíduos é uma possibilidade de dias melhores, é o caminho para viver de modo honroso, ligada às condições imparciais de sobrevivência, em que prevaleçam a solidariedade, a coletividade e a pluralidade, sendo as diferenças aceitas, como diferenças e não marcas de subalternidades (MCLAREN, 1999).

Candau (2008, p.46) afirma que: “A igualdade de todos os seres humanos, independentemente das origens raciais, da nacionalidade, das opções sexuais, enfim, a igualdade é uma chave para entender toda a luta da modernidade pelos direitos humanos.” Em contrapartida tem-se o etnocentrismo sempre priorizando privilegiar um mundo de representações, propondo reduzir outros universos e culturas. Percebemos uma abrupta violência, concretizada historicamente por meio de várias estratégias, até mesmo em colocar o “outro” como perigoso por não viver a cultura padronizada pela classe imperialista.

O olhar humanizado como alicerce da sociedade multicultural é o alicerce para construção eficaz de uma sociedade multicultural, que continuará mudando socialmente. Abordar etnia, cor, gênero, entre outros tópicos, é importante

analisarmos nossa visão sobre o mundo, o que não é fácil, uma vez que exige de nós a anulação de preconceitos e uma maior compreensão das diferentes culturas e identidades (CANEN, 2000, p. 63-77)

Podemos exemplificar tal ação como uma colcha de retalhos que é composta de múltiplas contribuições culturais, para que cada retalho contribua com seu significado e beleza, a fim de formar a composição do belo, nesse mundo moderno através do encontro entre culturas. Há anos a humanidade vive de encontros e de relacionamentos culturais.

Todavia para Bauman (2001) tais encontros tomaram uma proporção acentuada com o processo de globalização. Lembrando que esta não é uma ocorrência puramente econômica, assim também se apresenta nas esferas políticas e culturais, por isso que é perceptível a ação para se romper com os obstáculos entre as relações, uma vez que passam a ganhar força no cenário mundial.

Canclini (2004) mostra os traços contraditórios da atualidade cultural no mundo: numa esfera a globalização está propensa a integração configurada por ações ideologicamente homogeneizantes, em outra abordagem temos uma infinidade de diversidade cultural fragmentada e assolada pelo planeta de forma consciente. Infere-se à globalização em termos econômicos e políticos é claro que será apontado para uma notória submissão da sociedade mundial nas práticas do mercado e com predominância dos conceitos pré-estabelecidos: centro-periferia.

Mas, se considerarmos a cultura como uma razão implícita às ações econômicas, assim como também o cultural ressaltado por Canclini (2004) como um grupo de processos, os quais são os sujeitos que vislumbram no imaginário o social e firmam fundamentos com outros sujeito, explicitando suas diferenças, torna-se perceptível que a globalização proporciona uma análise e uma necessidade por diálogos entre as diferentes etnias. Nesse encadeamento de globalização observa-se duas direções concomitantemente e opostas: peculiaridades nacionais, étnicas e culturais procuram estabelecer-se próximas e contrariamente à propagação exclusiva e contínua das culturas, forçosamente pelo domínio capitalista contemporâneo como sistema global.

Sendo assim, podemos nos situar nos pressupostos de que o multiculturalismo propõe a realização de convivência num mesmo espaço social de culturas diferentes sob o princípio da tolerância e do respeito à diferença, considerando as diversidades

de interesses caracterizados nas disputas das representações ideológicas, culturais e políticas na atualidade, encontrando um caminho na perspectiva do interculturalismo para compreender a diversidade entre os sujeitos. Faremos tal abordagem em seguida.

1.3 INTERCULTURALISMO

O interculturalismo crítico rompe com o capitalismo, explicitando as relações sociais desiguais de poder e seus antagonismos; é a existência de muitas culturas num único lugar. Candau (2008, p. 51) afirma que:

> [...] situo-me na terceira perspectiva, que propõe um multiculturalismo aberto e interativo, que acentua a interculturalidade, por considerá-la a mais adequada para a construção de sociedades, democráticas e inclusivas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade. (CANDAU, 2008, p. 51).

A relação, as inserções, o diálogo, todos esses fatores recíprocos são enriquecedores entre as culturas. A perspectiva intercultural é afirmada por Candau (2008) da seguinte forma:

> Como eixo fundamental promover experiências de interação sistemática com os “outros”: para sermos capazes de relativizar nossa própria maneira de situar-nos diante do mundo e atribuir-lhe sentido, é necessário que experimentemos uma intensa interação com diferentes modos de viver e expressar-se. Não se trata de momentos pontuais, mas da capacidade de desenvolver projetos que suponham uma dinâmica sistemática de diálogo e construção conjunta entre diferentes pessoas e/ou grupos de diversas procedências sociais, étnicas, religiosas, culturais etc. (CANDAU, 2008, p.54).

Para uma abordagem mais específica sobre interculturalismo Fleuri (2001, p 117-127) aponta que a Intercultura envolve uma série de fatores complexos no quesito debate, pois permeiam situações de processos identitários, socioculturais, com o foco de respeitar as diferenças para que as integre sem a nulidade destas.

O autor acrescenta que o interculturalismo vem se moldando numa nova roupagem epistemológica, além de ser objeto para estudos interdisciplinares e transversais, tematiza e teoriza a gigantesca complexidade, e que é importante ir além da pluralidade ou até mesmo da diversidade nos processos de composição nas

relações intergrupais e intersubjetivas concebidas de territórios identitários em termos étnicos, geracionais, e de condutas sociais.

Fleuri (2001) traz a afirmação de que utiliza o atributo intercultural para designar realidades e perspectivas incôngruos entre si: ele ressalva que "mas também há quem o diga que interculturalismo conceitua-se numa redução de significados entre as relações de grupos folclóricos; também há quem caracterize o conceito de interculturalismo para compreender o díspar que define a especificidade e a inflexibilidade dos sujeitos".

Portanto, a barreira de se examinar o vínculo da terminologia e de se conceituar eficazmente o grupo das diferentes propostas é obstáculo de produção simples e seguro. Todavia, abre um viés para que haja um debate fecundo dando abertura para um maior aprofundamento (FLEURI, 2003, p.19).

Reparamos através dos pressupostos de Fleuri (2003) que a riqueza para esse território de debate é claramente múltipla nas perspectivas que interagem e que não se reduzem unicamente esquematizadas como um protótipo removível globalmente.

Está claro pelas abordagens dos teóricos apresentados, que interculturalismo pode ser também interpretado com base de muitas terminologias, todavia, nessa diversidade de significados, podemos deparar com algo de extrema significância e que se identifica, principalmente se tratando da diversidade cultural de povos, religiões, línguas, costumes, tradições, costumes, etc.

Notamos que a cultura hegemônica é limitada para perceber a diversidade cultural existente entre as etnias, até porque estudando sobre o multiculturalismo é evidente perceber a defesa por essa pluralidade.

Walsh (2012) divide a interculturalidade em três esferas distintas relacional, funcional e crítica. Na esfera relacional traz uma abordagem de que o contato e o relacionamento entre culturas: pessoas, folclores, tradições, valores é definida numa perspectiva generalizada. Entretanto, ela cita que tal perspectiva é improdutiva, uma vez que os conflitos e os contextos de poder entre as etnias existem, com tal visão acaba omitindo essa verdade, além de limitar o interculturalismo no plano relacional, esquecendo que há estruturas sociais, as quais pautam e que de alguma maneira tolhem.

A segunda esfera seria a funcional "Está enraizado no reconhecimento da diversidade cultural e da diferença com os objetivos para sua inclusão na estrutura

social estabelecida" (WALSH, 2012, p. 64). Aqui ele seria “funcional”, ao grupo contemporâneo, ficaria inerte ao ataque às desigualdades culturais e sociais, sem contestar as regras do sistema, totalmente harmonizável com a ideia liberal-individualistas.

O mais importante para Walsh (2012) é o crítico: o qual o ponto supremo seria o problema estrutural-colonial-racial, que é imposto pela colonialidade, ligada ao capitalismo. A autora aborda que o interculturalismo crítico argumenta profundamente que a ideia irracional e instrumental do capitalismo, aponta para uma construção de uma nova ordem social (WALSH, 2012, p. 66). Sendo assim, é algo para se construir, não é posto; direciona para as transformações das estruturas que consolidam o imperialismo que mantém a subalternização, a inferiorização, a desigualdade, a racialização dos sujeitos, da existência.

Para Walsh (2007) há uma conceitualização: questiona e modifica a colonialidade imperialista do poder, pois na proporção em que se sugere como um modelo “outro” mostrando um caminho, observando as diferenças, através da descolonização com o propósito de se construir uma sociedade pluri:

> A interculturalidade representa uma lógica, não apenas um discurso, construído a partir da particularidade da diferença. Uma diferença, na terminologia de Mignolo, que é colonial, que é consequência da subalternização passada e presente de povos, línguas e conhecimentos. Essa lógica, como parte da diferença colonial e, mais ainda, de uma posição de exterioridade, não é fixa nela, mas trabalha para transgredir as fronteiras do que é hegemônico, interior e subalternizado. Em outras palavras, a lógica da interculturalidade compromete o conhecimento e o pensamento que não estão isolados dos paradigmas ou estruturas dominantes; da necessidade (e como resultado do processo de colonialidade) essa lógica "conhece" esses paradigmas e estruturas. E é através desse conhecimento que “outro” conhecimento é gerado. Um pensamento "outro" que guia o programa do movimento nas esferas política, social e cultural, enquanto opera afetando (e descolonizando) as estruturas e paradigmas dominantes e a padronização cultural que constrói o conhecimento "universal" do Ocidente. (WASH, 2007, p. 51).

Para o antropólogo e sociólogo Ansion (2007, p.41) o interculturalismo é definido, a princípio, como relações interculturais, que sejam reais, existam de fato: "Quando grupos de diferentes origens culturais se encontram, o aprendizado ocorre - e o aprendizado de ambos os lados". Para o autor há uma propagação e um aumento

de inteligências, convicções e relatos sendo tecidos, a fim de que os mundos e as ideias uns dos outros se transformem, como também se influenciem:

> Se reconhecermos que qualquer cultura é o produto, entre outras coisas, de uma longa história de trocas, o conceito de interculturalidade praticamente se identifica com o de cultura e, portanto, se torna inútil e redundante. Por esse motivo, propomos reservá-lo para indicar situações de influências mútuas particulares: aquelas em que grupos culturalmente diferentes são forçados pelas circunstâncias a coexistir, a compartilhar espaços geográficos e sociais comuns de maneira diária, permanente, duradoura e intensiva. Esta situação ocorreu, por exemplo, na Espanha dos mouros, cristãos e judeus, e ocorreu muito mais geralmente nas sociedades mediterrânicas. Também ocorreu nos Andes pré-hispânicos e continuou ocorrendo, em um contexto certamente muito diferente, após a invasão espanhola. Basta observar as grandes mudanças atuais produzidas por grandes migrações internacionais para verificar se o mundo está se tornando, nesse sentido, cada vez mais intercultural. (ANSION, 2007, p. 42).

Outro entendimento que o autor traz, é a batalha pelo reconhecimento das diversas culturas, e acima de tudo como uma maneira de confronto às formas de marginalização e desprezos ativas no cotidiano, bem como nas instituições do Sistema "Trabalhe para criar condições de maior patrimônio para grupos subordinados. Isso significa promover concretamente o respeito pelo outro cultural, especialmente por quem foi desprezado" (ANSION, 2007, p. 44). Nessa visão, o respeito pelo outro permite que se leve a sério as outras culturas, permitindo aos indivíduos possibilidades para uma interação com outras culturas, que para o autor isto só é possível, caso as culturas tiverem status público (ANSION, 2007, p. 44-45).

O caminho que o interculturalismo aponta fica claro: a inclusão, encontro solidário com o outro, possibilitando a aceitação do diferente, oportunizando riqueza para ambas as partes, rompendo o imperialismo cultural, construindo diálogos, em vista de uma sociedade justa, livre, pluri, solícita e pacífica. Para tanto, abandonar a cultura de origem não implicará em grandes resultados, mas somar sua cultura com a do país em que vive, fortalecerá o sujeito diaspórico. Por fim, percebemos que o interculturalismo é para humanização entre os sujeitos envolvidos, haja vista a conexão, as vivências, as relações entre estilos de vida.

1.4 REDES SOCIAIS

Dialogaremos agora sobre as redes e as construções de ressignificações identitárias e territoriais. Na antropologia utiliza-se o conceito referindo-se a redes de parentesco, vizinhança; já na sociologia é usada a ideia de redes como articulação ideológica, simbólica e política.

Fazito (2002), através de seu artigo analisou as redes sociais na migração, teoricamente, fazendo menção às relações sociais presentes no emaranhado curso migratório que vincularia os migrantes e os não imigrantes. Para o pesquisador, descobertas que relacionam as migrações às redes são novas (década de 80), como foco as relações envolvendo indivíduos e famílias , e entre regiões ; também em trocas de informações , recursos e de pessoas: “Assim, não faz sentido pensar em redes sociais de migração sem pensar na interação dos atores distribuídos em suas respectivas estruturas sociais” (FAZITO , 2002, p.2).

De modo geral, os fatores migratórios envolvem certas ligações em comum, como aqueles que chegam e os que já residem no território, define-se como redes esse entrelaçamento social, recíproco, ressignificante em ações sociais, na passagem ou na permanência do imigrante no lugar desejado, a fim de integrá-lo, adaptá-lo à nova situação.

As redes, segundo o autor, são notoriamente políticas, algumas comerciais, há também as religiosas, em minoria as promovidas pelo governo: possuem peculiaridades, mas podem abrigar mais de uma ao mesmo tempo. Todavia, as redes sociais anexas na vida social e produtividade econômica são buscas de sobrevivência e sustentabilidade dos migrantes envolvidos. Ele continua exemplificando que se uma pessoa ou uma família ausente de sua terra natal e inserida em outro território simboliza mais que um simples deslocamento, pois o que se analisa é a transformação de um evento vital com um emaranhado de significados particulares numa estrutura social, na qual está inserido o sujeito ou um grupo familiar (mudanças sociais profundas ocorrem tanto na origem como no destino). Aborda que o deslocamento físico é também um deslocamento de poder, sendo o poder de significação do evento na estrutura social: esse poder como uma simbologia no ato de migrar, para fortalecer essa abordagem destacamos Sayad (2000, p.14 apud FAZITO, 2010, p. 90):

> [...] não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares. Não se prescinde impunemente do grupo e de sua ação cotidianamente presente, [...] bem como de seus mecanismos de inserção

> social, mecanismos que são ao mesmo tempo prescritivos e normativos e, enfim, largamente performativos (SAYAD, 2000, p.14)

Fazito (2010) conclui que tal duplicidade de ausência /presença representa uma profunda ruptura na ordem do tecido social, disparada por processos populacionais regulares, no caso da migração, ele afirma que pode-se pensar nos migrantes internacionais que buscam novas oportunidades para conquista econômica/social em outra nação , questiona que mais uma vez o macro não explica o micro (social), ou seja, os emigrantes possuem redes pessoais interconectadas. O autor finaliza sugerindo estudos para se analisar a forma em que essas redes situa-se de forma concreta nas relações sociais dos sujeitos nesse complexo processo de deslocamento.

Scherer-Warren (1993), em sua obra “Redes de Movimentos Sociais”, assim como outros trabalhos produzidos, aborda alguns indicativos para se analisar em que medida, capacidade e potencialidade as redes estão inseridas no processo de emancipação propriamente dito. Ela retrata a sociedade civil numa integração da diversidade recorrendo ao uso das redes “a sociedade civil é a representação de vários níveis de como os interesses e os valores da cidadania se organizam em cada sociedade, para encaminhamento de suas ações em prol de políticas sociais e públicas, protestos sociais, manifestações simbólicas e pressões políticas”. (SCHERER-WARREN, 2006, p. 110).

Propositalmente, a autora enfoca os conceitos antropológicos e sociológicos para assimilação às redes (1999). No campo antropológico, ela faz menção a Barnes (1987) em que: tipifica-se nas intensidades entre elos fracos e fortes as relações dos indivíduos, através de conexões de alguma forma já existentes, como: grau de parentesco, vizinhança, amizade, trabalho, classe, entre outras.

Scherer-Warren (1999) ressalta que as redes entrelaçam-se com o tecido social, ao apresentar as duas abordagens anteriores, caracterizando um sistema social ou decorrente de relações preexistentes.

Scherer- Warren analisa os movimentos sociais em termos de redes "as formas de articulação entre o local e o global, entre o particular e o universal, entre o uno e o diverso, nas interconexões das identidades dos atores com o pluralismo" (SCHERER-WARREN,1999, p. 27). É necessária a compreensão desses movimentos sociais que

vão surgindo em número cada vez maior, de acordo com os interesses e valores se organizam em cada contexto social (SCHERER-WARREN, 2007).

Por conseguinte, vai se configurando o que a autora denomina de rede de movimento social, faz essa referência aos vínculos entre sujeitos ou corporações. Por isso que as diferentes formas de associar-se com grupos da mesma identidade social ou política, começam a ganhar visibilidade na esfera pública, para que se tornem possíveis as construções de pautas focadas em políticas emancipatórias, as quais integram as múltiplas especificidades dos indivíduos, transformando-os em sujeitos participativos de fato e de direito. Apontamos Touraine (1994, p.1-2 apud SCHERER-WARREN, 2008, p. 508) acentuando a seguinte análise:

> Uma sociedade democrática é uma sociedade que reconhece o outro, não na sua diferença, mas como sujeito, quer dizer, de modo a unir o universal e o particular [...], uma vez que o sujeito é ao mesmo tempo universalista e comunitário, e ser sujeito é estabelecer um elo entre esses dois universos, ensaiar viver o corpo e o espírito, emoção e razão.(TOURAINE,1994, p.1-2).

Scherer-Warren (2008) dialoga com ideias de autores que abordam conceitos de mundo em linhas teóricas sobre os movimentos sociais para que se debata o pluralismo. Para tanto, os conceitos de redes e movimentos sociais entrelaçam-se numa importante ferramenta crítica buscando a compreensão das novas composições dos movimentos sociais nesse século, propondo diálogos que ultrapassem fronteiras culturais, físicas, temporais e territoriais; relações que possam se estabelecer entre os diversos movimentos para ganharem novos delineamentos e sentidos para uma compreensão mais profunda:

> Se, por um lado, esse encontro da diversidade dos movimentos representa também a possibilidade de fragilidade das lutas, devido à sua fragmentação e efemeridade, por outro lado, representa um avanço no plano do reconhecimento intersujeitos e interorganizacional, criando um potencial de democratização no âmbito das relações sociais e políticas. (SCHERER-WARREN, 2008, p. 509).

Embora apontemos alguns conceitos de autores sobre as redes, queremos enfatizar que as redes migratórias são como redes sociais, das quais o sujeito está inserido com a finalidade de migrar.

Para embasar esse conceito Weber Soares (2002) faz uma abordagem interessante sobre a importância que ele confere às redes sociais, na perspectiva migratória, traçando duas questões que coloca como “chaves”: uma é “por que o

sujeito torna-se migrante?" e outra "por que algumas pessoas de um segmento populacional, sob efeito das mesmas transformações estruturais econômicas, sociais ou políticas, migram e outras não?".

Soares aponta esses processos sociais concretos incluindo redes institucionais e de pessoas, que agindo entre campos micro e macro, que de fato organizam a migração (SOARES, 2002, p. 19). Soares (2004, p. 106) argumenta que os elementos efetivos da migração não são famílias, nem indivíduos, mas grupos de sujeitos entrelaçadas por relações de amizade, de parentesco, de conhecimento e até mesmo de trabalho, apresenta a hipótese da migração ser pensada como uma estrutura comunitária que se traslada; sendo assim, os movimentos migratórios transplantam as principais parcelas das redes sociais efetivas: as "redes migram".

O pesquisador continua com as abordagens de Tilly (1990), em que este lembra que os migrantes internacionais não trazem sua identidade coletiva como se fossem apetrechos para uma viagem, mas aponta a natureza dos relacionamentos inseridos, através das seguintes considerações: 1) - grupos permanecem: sobrevivência à viagem, de alguns grupos depende da combinação populacional, dos grupos estabelecidos em volta das pessoas que focaram suas vidas ao destino; 2) - as redes criam novos grupos: migrantes que não tem identidade comum no lugar original, com regularidade obtém , através da interação com o outro, nova identidade; 3) - as redes transformam grupos existentes: a membresia de determinada rede cuja identidade e estruturas internas mudam e negociam novas relações com outras redes, incluindo as do país de origem.

O dinamismo migratório no que cerne a perspectiva oferecida pelas redes sociais, deixa explícito que, em vez de apenas transformações individuais no foco de uma cultura dominante, os sujeitos acordam novas relações dentro/e através das redes, essas mudanças variam, pois, tais transformações alcançam dimensões coletivas e individuais.

Já na visão de Massey (1987) as redes sociais entrelaçam as relações de parentescos, de amizades entre outra origem que comungam, essas relações não são originárias do processo migratório, entretanto, são transformadas por ele, com o passar do tempo são enfatizadas através das vivências semelhantes da migração. Deste modo, "a migração pode ser entendida como processo social, organizado por

meio de redes forjadas por conexões interpessoais diárias, que caracterizam todos os grupos humanos" (MASSEY,1987, p.169).

Assim como Massey (1987), Soares (2002) salienta que os teóricos que buscam ir além de algo como uma ideia da existência das redes sociais, procurando o propósito que prestam no processo migratório, focam atenção nas relações interpessoais, baseiam-se em metodologia estabelecida, fundamentada em informações sobre atributos individuais, o que vai de encontro ao reconhecimento da origem estrutural e relacional dessas mesmas redes: o simples conjunto de atributos é insuficiente para caracterizar aquilo que assomam das relações.

Para o pesquisador, não há espaço para dúvidas sobre a importância das redes sociais para compreender, em especial, as migrações internacionais, porém é importante buscar além dessa mera indicação e definir as bases iniciais da perspectiva teórica que está estabelecida, por consequência das oscilações vistas em parte da literatura sobre o conteúdo, redes migratórias, redes pessoais e redes sociais.

Por conta disto, convém reconhecer que: rede social significa o grupo de indivíduos, organizações ou instituições sociais que estão ligadas por algum tipo de relação, ela pode agregar várias redes sociais em prol do processo em torno do qual ela se organiza; outra questão : rede pessoal é um outro tipo de rede social que se alinha em relações sociais de parentesco, amizade, etc; já a rede migratória não se implica com redes pessoais, uma vez que estas preexistam a migração e são ajustadas a um propósito: o ato de migrar; rede migratória, cujas especificidades consistem do tipo dos contextos sociais que ela manifesta, pode ser também um tipo de rede social que abriga redes sociais existentes e facilita a origem de outras.

Sendo assim, as redes migratórias demandam origem e destino, bem como a percepção do retorno como o componente peculiar da condição de migrante, o que se coloca alguns pontos importantes para análise: esforço individual, no limite, a apropriação absoluta caracteriza a negação da própria posição de migrante.

Soares (2002) aponta que a noção do retorno que outorga condição reflexão à dinâmica migratória, que é a saudade da origem que reveste uma pessoa à posição de migrante. Por fim, as redes não limitam a ação do sujeito, entretanto, são muralhas de proteção, mesmo que relativamente, dos conflitos e tensões, abrandando as adversidades do cotidiano, elas são o diferencial, na interação social, pois permitem

reflexões sobre as situações , reflexões relativas aos indivíduos e da relações destes com suas posições e circunstâncias.

Nessa perspectiva de estudo sobre rede, compreendemos que o deslocar é um procedimento social e canalizado à rede, ligado e alimentado por ações migratórias retratadas através do sair e adentrar em novo território. Enfatizamos que tais procedimentos são constantemente alicerçados pelas redes, uma vez que no movimento diaspórico, as relações sociais são a mola impulsora para criação de ambientes em rede.

2 SEÇÃO II - O ÊXODO LIBANÊS: EM BUSCA DE UM NOVO TERRITÓRIO

As motivações que impulsionaram o processo imigratório possibilitam-nos uma boa medida de reflexão sobre tal circunstância, em especial o que significou a vinda de libaneses ao Estado de Rondônia. O propósito seria buscar vida nova, ainda que o preço fosse a travessia por um Oceano, ancorando em um local de cultura e hábitos distintos aos seus, terra não conhecida e tão diferente da sua natal.

Sendo assim, analisaremos essa diáspora e suas possibilidades, a partir de algumas observações no decorrer da pesquisa. Antes da chegada em nosso Estado faz-se necessário a análise da chegada ao Brasil, uma vez que os pressupostos estiveram ligados ao povoamento do território, bem como ter mão-de-obra para lavoura de café, depois na imigração para o Estado e por fim, a análise dessa etnia nos municípios de Porto Velho e Guajará-Mirim, ambos como central de estudo para a acomodação e a moldagem do grupo, embora foquemos apenas no município de Porto Velho. Mas analisemos a primeira ancoragem: O Brasil!!

2.1 IMIGRANDO PARA A TERRINHA

Faremos um breve recorte histórico da saída dos libaneses, de sua terrinha, até a chegada ao Brasil, utilizando estudiosos que trazem informações sobre toda essa imigração. Fugindo das dificuldades econômicas em suas regiões de origem, os sírios e libaneses começaram a migrar para vários países, partindo do povo essa atitude, uma vez que não houve em nenhum momento posicionamento oficial; não foi o governo que os hospedou em casas de imigração e nenhum gerenciador os trouxe para o país de destino. Cada um escolhia onde fazer seu “check-in”, pagava suas passagens e começava a trabalhar, tudo por conta própria, seguindo a mascateação [2]

No Brasil, a entrada foi bem mais fácil em comparação a países com os Estados Unidos, já que muitos não haviam conseguido visto, mas em terras brasileiras a

[2] Vantagens imediatas de dispensar qualquer habilidade ou soma significativa de recursos, não exigir mais do que o conhecimento rudimentar da língua portuguesa, e possibilitar a acumulação de capital em função exclusiva do esforço individual. Depois de poucos anos de mascateação, o capital dos libaneses deslocava-se para o varejo e dali para aplicações no comércio atacadista e na indústria, constituindo um setor totalmente integrado verticalmente, em que as indústrias e atacadistas supriam as necessidades de uma rede ampla de varejistas e comerciantes ambulantes pertencentes à mesma etnia. (GATTAZ, 2005, p.96)

entrada aconteceria sem problemas (BUCHABQUI, 2017, p. 164). Em suas bagagens uma boa dose de esperança e perspectiva para dias melhores. É importante pensarmos que quando tratamos de um processo imigratório faz-se necessário focar no agente deste- o emigrante. Vale lembrar que deixar sua terra, sua gente, sua cultura, sua origem, não é fácil e simples, lançar-se ao desconhecido envolvendo série de fatores como: nova língua, nova cultura a ser conhecida e trabalhada, conviver com novas pessoas, cuja convivência é uma incógnita

Com o propósito de estabelecer-se em outro território, a fim de uma vida melhor, o emigrante sai de sua terra. Mas, na maioria das vezes permanece na que escolheu para trabalhar, nem sempre isso foi estabelecido no início. Por ser uma ferramenta de trabalho momentânea, aceitando viver em terras que não sejam a sua, se isso for provisório, por ter a esperança de que sempre voltará para casa. Mas, se o emigrante é forçado a deixar seu país por viver um momento de grande dificuldade, o faz para que melhore sua vida e dos seus (MEIHY, 2016, p. 164).

Deixar seu país de origem é doloroso e até sem volta, então, que fatores podem levar as pessoas a emigrarem? Deixar sua família para trabalhar, viver longe em uma sociedade com valores distintos dos seus. Temos como explicações para tais questões os fatores de expulsão de seu território e a atração do novo escolhido para viver.

Encontramos esta conjunção de circunstâncias que levariam as pessoas a emigrarem. As pessoas relacionadas com essa tarefa de juntar dados sobre a imigração libanesa em nossa nação mexe com o emocional, pois elas estão envolvidas por suas memórias e de seus familiares: as rodas de conversas, os encontros para celebrarem datas, mesmo que não haja registro histórico, suas memórias e narrativas precisam ser tomadas com todo respeito e esmero (MEIHY, 2016, p. 217).

Então, voltemos à história e apresentemos o fator que foi a mola impulsora para a diáspora de expulsão dos libaneses. Entre os anos de 1880 a 1940 foi percebido a diáspora de milhares de libaneses às terras da América, Oriente Médio, África e até Austrália, de acordo com Gattaz (2005). Segundo o autor, tais movimentos tiveram início entre 1850 a 1860, tendo uma proporção em 1880 chegando a atingir os anos de 1910, até o início da Segunda Guerra .

Todo esse período pode ser dividido em suas especificidades no que cerne aos sujeitos e às circunstâncias dessa emigração. Quando o domínio turco-otomano muda para o domínio francês, nos anos de 1920 a 1940, 120.000 pessoas deixaram a Síria e o Líbano, principalmente, indo em direção aos Estados Unidos, Brasil entre outros países da América Latina. No Monte Líbano, aponta-se uma emigração de 15.000 a 20.000 de pessoas por ano, sendo 1/ 4 da população a deixar seu território, segundo pesquisas (GATTAZ, 2005, p. 24 - 25). Já a chegada ao Brasil estima-se que entre 1880 a 1913 houve um movimento de aproximadamente 11.101 imigrantes sírio-libaneses, pelo Porto de Santos.

Lembramos que o governo central impôs medidas com restrição, diminuindo ao longo dos anos a entrada de imigrante, que chegou a ser de 5.000 por ano, na década de 20, ressaltamos que a imigração libanesa naquela época representou a sexta maior entrada de imigrantes no Estado de São Paulo. (GATTAZ, 2005, p. 24)

Na verdade, entre os séculos XIX e XX o maior número de emigrantes que chegaram em terras canarinhas eram europeus (alemães, espanhóis, italianos e portugueses) fatores como: crescimento demográfico e a afirmação das formas de produção de acordo com as suas especificidades. Inglaterra e França (meados do século XVIII) passaram a viver um momento de transição demográfica marcado por baixas taxas de mortalidade, mantendo-se altos índices de natalidade, essa notoriedade espalhou-se por toda a Europa. (GATTAZ, 2005, p. 90)

A expansão do capitalismo na Europa, leva ao aumento da mecanização agrícola, resultando numa menor proporção da necessidade de mão-de-obra, sendo muitos trabalhadores para pouca demanda, uma vez que o quadro era de inovação, economicamente viável ao que se pretendia. Tal quadro resultou numa demanda de camponeses sem trabalho, passando fome e com uma família grande para sustentar. Por outro lado, no continente europeu, especificamente Brasil, Argentina e Estados Unidos, tinham motivos atrativos para esses emigrantes. (GATTAZ, 2005, p. 85).

Com muita terra e pouca mão-de-obra, havia uma necessidade de trabalhadores qualificados e ainda os salários oferecidos eram maiores do que os oferecidos pela Europa, além da possibilidade da conquista do tão sonhado pedaço de chão, como seu. Dias de vida em miséria, escassez, condições limitadas, embora tais fatores se apresentava dessa forma, por conta disto a imigração passa a ser algo comum em terras da América. (GATTAZ, 2005 p. 84 - 85).

Deixar sua terra e encontrar acolhida como: apoio para compra de passagem, estadia para abriga-se com sua família, trabalho, todos esses fatores levaram os emigrantes a deixar sua terra natal e abrigar-se em outro lugar om mais segurança, mesmo essa mudança seja temporária. Vê-se então um processo imigratório, embora não fosse subsidiado pelo governo, mas pela própria família, diferente do período de 1870 até a Primeira Guerra Mundial, foi subsidiada pelo governo brasileiro. Dos países mais procurados na América, o Brasil ficou em terceiro lugar na procura pelos estrangeiros (MENEZES, 2001, p.123)

O Brasil seria uma boa escolha, este não impunha barreiras por causa da necessidade de trabalhadores estrangeiros para o campo. Os libaneses não ocuparam regiões determinadas no Brasil, o propósito destes era fugir da miséria econômica do Líbano, aproveitando o período da nascente industrialização e urbanização brasileira. Diferente dos imigrantes europeus, não com a perspectiva de trabalhar nas lavouras de café; mesmo acontecendo, mas em quantidade muito menos expressiva que dos europeus. (GATTAZ, 2005, p. 82 - 85).

Os libaneses começaram vendendo mercadorias de casa em casa e acumularam dinheiro com essa atividade, criaram pequenas confecções e lojas de tecidos. O sucesso no comércio que obtiveram no Brasil foi importante para sua própria sobrevivência. (GATTAZ, 2005, p. 106)

Segundo Seyferth (1996, p.41) a partir de 1877, com o início do Curso de Antropologia, no Rio de Janeiro, passou-se a analisar de forma mais sistemática a inserção de algumas etnias, inclusive as nativas: marcando abordagens em pressupostos de superioridade e inferioridade étnica

Entre 1880 a 1930, a entrada foi expressiva na nação brasileira, contribuindo com o comércio, mas esse movimento foi-se reduzindo após Getúlio Vargas assumir a presidência e por suas “políticas” restritivas sobre imigração, como 2% para entrada de estrangeiros que ocorreu com o propósito de que não fixasse num só lugar um número excessivo de estrangeiros. Muitas restrições foram impostas como a proibição do ensino da língua estrangeira para crianças menores de 14 anos, a fim de que não afrontasse a soberania nacional (MENEZES, 2001, p.125).

O fluxo imigratório na metade do século XIX provocou análises sobre a chegada de imigrantes conforme a idealização das etnias merecedoras e privilegiadas para esta inclusão em solo brasileiro. (GATTAZ, 2005, p. 91- 92).

A aprovação e desaprovação aos libaneses era respaldada por alguns critérios, como disciplina no trabalho, o grau de aproximação com os brancos, a importância do país que o acolhera, num aspecto do grau civilizatório deste, e a inclinação de se deixarem envolver pelo meio brasileiro. Caso isso não ocorresse, não teria boa receptividade, como foi o caso dos alemães pois tinham dificuldades de relacionar-se com os brasileiros, embora esses fossem brancos e europeus. Etnias como espanhóis, italianos, portugueses eram mais recebidos amigavelmente, pois eram brancos e com uma cultura mais próxima à brasileira (RAMOS, 1996, p. 61).

Através da tabela 1, percebemos a entrada de imigrantes embranquecidos, o que agradava à política imigratória republicana, por fortalecer o ideal de tornar o Brasil um país promissor, em que aqueles contribuíssem para nossa formação nacional.

Em contrapartida, os da terra não se enquadravam nos projetos coloniais, uma vez que além de serem considerados inferiores intelectualmente, também eram negros, índios e mestiços. Estes eram apropriados para trabalhos braçais e com pouco ônus aos empregadores, além da cultura estigmatizada pela indiferença do valor aos conterrâneos (GATTAZ, 2005 p. 82).

Tabela 1 — Imigração por nacionalidade, Brasil

Imigração no Brasil, por nacionalidade (períodos decenais: 1884 a 1933)					
Nacionalidade	Efetivos Decenais				
	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22.778	6.698	33.859	29.339	61.723
Espanhóis	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405
Italianos	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177
Japoneses	–	–	11.868	20.398	110.191
Portugueses	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650
Sírios e turcos	96	7.124	45.803	20.400	20.400
Outros	66.524	42.820	109.222	51.493	164.586
Total	883.668	852.110	1.006.617	503.981	717.223

Fonte: BRASIL: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatística e 500 anos de povoamento. p. 226.

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/brasil500/tabelas/imigracao_nacionalidade_84a33.htm>

2.2 QUANDO A COMBINAÇÃO ENTRE O KIBE E A FEIJOADA NÃO FICA SABOROSA: CONFLITOS NA IMIGRAÇÃO LIBANESA NO BRASIL

Meihy (2016) retrata a construção que os libaneses puderam efetivar com suas famílias aqui no Brasil, é externada com gratidão, porém dizer que não houve conflitos nessa chegada, seria anátema, uma vez que estigmatizado alguns pontos com a chegada de outros imigrantes como: japoneses, alemães, portugueses, espanhóis, imagine os libaneses, não seria diferente!

A princípio eram tratados por estereótipos como “árabes” ou “turcos,” até por conta do imaginário cultural do brasileiro em relação à etnia, por conta deste e de outros fatores comentários difamatórios por conta de uma sociedade conservadora e estruturada, lembrando que o país passava por uma transição de Império para República (MEIHY ,2016, p.218).

O comércio em si é um ambiente competitivo naturalmente, tão pouco não foi diferente quando “estranhos à nossa porta” (BAUMAN, 2016) chegaram para disputar um espaço tão cobiçado. Diga-se que este foi o primeiro “arranhão” entre os “brimos” e os brasileiros. Sem contar com a difusão difamatória, propagada com a ajuda da imprensa local, pois difundia o descontentamento das elites locais que se sentiam ameaçadas por conta de os libaneses terem naturalmente uma visão empreendedora e um “jogo de cintura” na acessibilidade de flexionar os preços com clientes e fornecedores. Por conta de tamanha simpatia que os imigrantes iam conquistando com os clientes, os discursos “raivosos” iam, se estendendo à medida que a clientela também crescia. (MEIHY ,2016, p.218).

A presença dos libaneses trazia um certo incômodo, o que era justificável, uma vez que esses obtiveram uma grande parte do território verde-amarelo. Entretanto a “Guerra do Pente”, foi a situação de maior conflito entre os libaneses e o conservadorismo social brasileiro. (MEIHY ,2016, p.218).

Essa “guerra” aconteceu em dezembro de 1959 quando houve o início de uma campanha estadual para o aumento de imposto, que tinha como frase de impacto “seu talão vale um milhão”. O propósito era que o cliente solicitasse a nota fiscal daquele produto para que depois trocassem por bilhetes que dariam oportunidades de ganharem um prêmio de um milhão de cruzeiros, em dinheiro, mas havia duas condições para o ganhador: “era preciso juntar três mil cruzeiros em notas para trocá-

las por um bilhete, e os estabelecimentos comerciais só estariam obrigados a emitir a nota fiscal a partir de compras com o valor mínimo de 50 cruzeiros" (MEIHY, 2016 p. 220). Mas algo inusitado aconteceu:

> No fim da tarde daquele dia, o subtenente da Polícia Militar do Estado do Paraná, Antônio Tavares, entrou na loja do comerciante libanês Ahmed Najar, em plena Praça Tiradentes, centro de Curitiba, para comprar um pente com valor inferior aos 50 cruzeiros considerados o menor preço para a emissão da nota fiscal. O subtenente ignorou a condição do valor mínimo e exigiu que o comerciante libanês emitisse a nota. Ahmed Najar se recusou a fazer o documento fiscal afirmando que não sabia escrever em português. Indignado, Antônio Tavares disparou uma sequência de insultos ao libanês, que, enraivecido, entrou em luta corporal com o subtenente; dando-se melhor no duelo, Ahmed Najar chegou a quebrar a perna do cliente. A notícia do enfrentamento se espalhou pela cidade e foi seguida por tumultos que começaram com o apedrejamento da loja de Najar, e em seguida fugiram ao controle. Teve início, a partir desse episódio, uma onda de destruição que atingiu não somente propriedades de libaneses, mas também de outros comerciantes de origem estrangeira, além de prédios públicos. A situação chegou a níveis tão alarmantes que as Forças Armadas foram chamadas para conter a população enfurecida. Somente dois dias depois, com a participação ativa de diversos órgãos de segurança, é que a revolta foi controlada." (MEIHY, 2016 p.220-221)

O autor aborda que por conta de tal episódio o tom preconceituoso sobre a presença dos árabes das cidades brasileiras evidencia uma visão romântica do mascate amigo. Isso era apenas uma das muitas imagens que foram se formando da colônia libanesa, em solo brasileiro. Meihy (2016) ressalta que a "Guerra do Pente" trouxe um aprendizado sobre a intolerância, sendo reproduzido pelos descendentes libaneses aqui no Brasil. E quanto aos brasileiros: que aprendizado assimilaram sobre a vil intolerância com o outro?

2.3 LIBANESES NA AMAZÔNIA

Segundo Gondim (2007) em *A Invenção da Amazônia*, a narrativa é feita sobre os escritos dos primeiros viajantes cronistas e dos ficcionistas que construíram uma identidade amazônica baseada em fantasias e imaginações. Como consequência, essa "Amazônia" foi vista como um lugar excêntrico, habitada por sujeitos "estranhos" que ornavam o imaginário europeu. Esse olhar sempre existiu e configura um conflito antigo: o civilizado contra o selvagem.

> Era como se céu e inferno se tocassem e os dois pólos brotassem e para eles mesmos fluíssem e refluíssem a concepção de vida, o misticismo, o ideal cavalheiresco, formalmente acomodados em alicerce abstratos que apontavam para o abandono e melhoria do mundo. A fuga das pestes, da violência da cobiça, dos demônios das injustiças; o medo do inferno, do fim do mundo e das bruxas teria pelo sonho que havia que possibilitaria uma vida mais bela (GONDIM, 2007, p.15).

Contudo, para a autora, esse imaginário foi iniciado nos séculos XV e XVI , quando as viagens marítimas começaram e os colonizadores tiveram que reconhecer realidades diferentes, incertezas, insegurança, ou seja, não sabiam o que encontrariam pela frente, o que tinham eram as informações advindas de livros de outros navegadores.

> [...] contrariamente ao que se possa supor a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída: na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes (GONDIM, 2007,p.9).

Todavia, fins do século XIX, início do XX surge o interesse pela Amazônia, que passa a substituir o Oriente, este fornecedor de produtos primários à Europa, essa passa a desempenhar o novo papel. A partir dessa perspectiva de comparação, é importante nos reportar ao que Said (2007) que traz uma definição sobre “Orientalismo”, uma vez que essa Amazônia assume esse protagonismo nos discursos eurocêntricos.

> O Orientalismo é mais bem compreendido como um conjunto de restrições e limitações do pensamento do que simplesmente como uma doutrina positiva. Se a essência do Orientalismo é a distinção indelével entre a superioridade ocidental e a inferioridade oriental, devemos estar preparados para notar como no seu desenvolvimento o Orientalismo aprofundou e endureceu a distinção (SAID, 2007, p.76).

Logo, a Amazônia assume essa identidade, sendo considerada esse Oriente, um lugar que foi totalmente categorizado, fichado e inferiorizado pelos colonizadores.

O homem ao longo da sua história, vem tecendo uma série de mudanças, sejam psicológicas, econômicas, territoriais, sempre reinventando valores culturais. Com isso, o sujeito permite renovo de suas autenticidades, compondo um universo plural: permitindo diálogos culturais, mesmo que estranhamente conhecido, mas com o tempo percebido. É interessante também analisar no contexto histórico que a descolonização fez com que grupos fossem forçadamente expulsos e obrigados a migrarem, principalmente os de origem asiática.

O reconhecimento pela Organização das Nações Unidas[3] aos refugiados trouxe maior atenção e popularidade ao termo diáspora. Com isso trazemos as migrações, sejam essas livres ou forçadas, elas estão diversificando e pulverizando as identidades culturais das potências imperialistas ou até mesmo o próprio globo. Dentro dessa perspectiva, percebemos que as migrações criaram cidades multiculturais, novas diásporas, esses fluxos de povos e culturas alcançam uma amplitude até irrefreável.

Vimos que o olhar humanizado sobre a história de povos marginalizados é o alicerce para construção eficaz de uma sociedade multicultural, que continuará mudando socialmente. Como pesquisadora abordar etnia, cor, gênero, entre outros tópicos é importante para analisarmos nossa visão sobre o mundo, o que não é fácil, uma vez que exige de nós a anulação de preconceitos e uma maior compreensão das diferentes culturas e identidades.

Para Emmi (2009, p. 263) refletir sobre os fluxos migratórios internacionais que se direcionaram para a Amazônia no período da segunda metade do século XIX , até as primeiras metades do século XX, está implicado em saber as diferentes motivações que os países de origem resultaram aos sujeitos, bem como os países de destino apresentavam-se nesse período. Em se tratando desse fluxo na Amazônia, a autora aborda os cinco maiores sendo de portugueses, italianos, espanhóis, sírio-libaneses e japoneses (EMMI, 2009, p. 265).

Em se tratando do fluxo sírio-libanês na Amazônia, a autora vai tecendo que esse segmento era constituído por grupos familiares, oriundos de muitos lugares, tanto do Líbano como da Síria, esses vinham tentar a vida como comerciantes em Belém, Manaus, Porto Velho , Rio Branco percorrendo o laivo deixado pela economia da borracha. Ela continua apontando que se tratava de uma imigração familiar, uma

---

[3] A Convenção de 1990 sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias define o termo “trabalhador migrante”. Ver também o Artigo 11 da Convenção da OIT de 1975 sobre Migrações em Condições Abusivas e Proteção da Igualdade de Oportunidades e de Tratamento dos Trabalhadores Migrantes (nº 143) e da Convenção da OIT de 1979 sobre Trabalhadores Migrantes (nº 97); assim como o Artigo 1 da Convenção Europeia de 1977 relativa ao Estatuto Jurídico do Trabalhador Migrante. Por exemplo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos; o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos; e o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais; assim como outros tratados internacionais e regionais importantes, reconhecem que todas as pessoas, incluindo migrantes e refugiados, possuem direitos humanos. Disponível<https://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>.Acesso em: 17 nov. 2020.

vez que vinham solteiros e mandavam buscar suas noivas, do lugar de origem e de preferência com algum grau de parentesco (EMMI, 2009, p. 266) .

Zaidan (2001, p. 64 apud Emmi, 2009, p. 266) aponta que quando os libaneses chegavam ao porto de Belém, eles tomavam caminhos para o interior do estado, seja por meio fluvial ou pela estrada.

> Era bastante divulgado nos portos marítimos, que o Estado do Pará e a Região Amazônica eram prósperos e ricos devido à época do ciclo da borracha. Em Beirute já informavam que o Pará ex- portava cacau, castanha, tabaco, borracha, etc., mais que a exportação da Bolívia, Guatemala, Peru, Paraguai e até o México. A propaganda que faziam era a de que o Pará aumentava sua população por ano em 20.000 habitantes. (ZAIDAN, 2001, p. 64).

A autora analisa os Censos Demográficos de 1920 e 1940 ressalta que os estados do Pará, Acre, Mato Grosso e Amazonas estão entre os 12 estados com o maior número de sírios e libaneses; evidenciando que a propaganda sobre a Amazônia brasileira era forte nos portos de emigração. Lembrando que neste mesmo período acontecia o declínio da borracha, uma vez que esta outrora atraía imigrantes pelo fascínio pela busca de riquezas, mesmo assim continuava como mola impulsora, pois outros serviços surgiram como consequência, a fim de suprir as necessidades da população remanescente.

Emmi (2009, p. 266) continua suas prerrogativas apresentando algo peculiar às imigrações sírio-libanesa distintamente aos outros fluxos imigratórios: sendo tipicamente laboral, fixada ao comércio na Amazônia, principalmente ao longo dos rios, levando suas mercadorias aos lugares mais longínquos.

É interessante pensarmos que além dessas explorações longínquas que os libaneses souberam tecer nesse espaço amazônico do território brasileiro, permitiu também uma hibridização das culturas.

Percebemos que essas travessias e encontros, construíram ambientes que impulsionaram um mundo policêntrico e plural na Amazônia, expandindo-se aos Estados regionais, com possibilidades para relações entre os sujeitos envolvidos.

2.4 BUSCANDO TERRITÓRIO EM CRESCIMENTO

Porto Velho e Guajará-Mirim além de alguns migrantes receberam também imigrantes estrangeiros como: barbadianos, turcos, sírios, libaneses, cubanos, panamenhos, porto-riquenhos, chineses, transformando essas cidades num universo cultural.

Buchabqui (2017) faz uma abordagem de forma denotativa sobre a inserção dos sírios libaneses em partes do território brasileira, inclusive na Amazônia. A saga traz relatos orais de um libanês pioneiro da Amazônia até sua trajetória à Guajará-Mirim, município do Estado de Rondônia.

Segundo Buchabqui (2017, p. 50- 52) o libanês Tanous Melhem Bouchabk, chegou em terras rondonienses por volta de 1925, primeiramente em Abunã, onde ficou por volta de oito meses e logo depois migrando para Guajará-Mirim. Estabeleceu-se como comerciante juntamente com o irmão até 1930; logo depois retornou ao Líbano, contraiu matrimônio e ficou em sua terra natal até 1938, pois a saudade pela Pérola do Mamoré[4] bateu forte.

Ao retornar, muda o ramo de atividade abrindo uma indústria de malas, colchões, maletas, vassouras e sabão. Mais tarde abre uma serraria, mas com a situação econômica do país instável, logo encerra essa atividade e abre uma loja de ferragem, ainda teve fôlego para abertura de uma indústria de móveis de ferro e fórmica, gerando emprego e fomentando a economia local, além de expandir o nome da indústria guajaramirense para Bolívia, Rio Branco, Porto Velho e Manaus. O autor declara que o libanês foi o percursor da indústria local:

> Hoje, sem temor de errar, pode -se dizer em alto e bom som que Tanous foi o precursor da indústria em Guajará-Mirim. Ao suprir as necessidades da cidade como dos seringais adjacentes,não mediu esforços para atender a vasta clientela formada. Daí o eleger como um homem progressista, exemplo de dignidade, fidalguia, de compreensão, de educação, vontade de crescer e trabalhar pelo engrandecimento deste pedaço de solo brasileiro. (BUCHABQUI, 2017, p.51).

Ao traçarmos todo o processo de imigração libanesa em terras rondonienses, impossível não fazermos menção ao empreendimento que marcou o crescimento de

[4]O município de Guajará-Mirim, que em tupi-guarani significa "Cachoeira Pequena", tem sua história intimamente ligada à construção da Estrada de Ferro Madeira - Mamoré, na primeira década do século passado. Com muitas belezas, a cidade ficou conhecida como a Perola do Mamoré, por ser banhada pelo rio do Mesmo nome. Disponível em:<<https://portalamazonia.com/noticias/guajara-mirim-a-cidade-perola-do-mamore-completa-88-anos>>Acesso em: 17 nov. 2020.

Rondônia, que passara de território federal para sua emancipação como Estado brasileiro; assim como o crescimento dos municípios de Porto Velho e Guajará-Mirim , que foi a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Ela foi construída entre 1907 e 1912, ligou Porto Velho a Guarajá-Mirim, no atual estado de Rondônia.

Tal empreendimento considerado emblemático nas obras de infra-estrutura, estas associadas à modernização, num período da história republicana, vejamos o que destaca Nogueira e Pimentel (2010, p. 94) :

> A Porto Velho moderna e funcional surge com a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, que torna-se o ícone do projeto de modernização na selva Amazônica, quando os engenheiros enviados por Percival Farquhar resolvem abandonar a Vila de Santo Antônio e descer a via férrea sete quilômetros e instalar a sede da ferrovia no espaço que recebeu o nome de Porto Velho. Esse espaço surgiu baseado nas tradições das cidades construídas na Europa do século XIX e deveria conter os três pilares de modernização da época que eram: a higienização, o embelezamento e a racionalização. Uma nova relação espacial emerge nessas paragens amazônicas com a definição e demarcações de espaço público e privado, além de efetivar normas disciplinares com funções de ordenar, regular e punir (NOGUEIRA e PIMENTEL 2010, p. 94).

Ferreira (2005) aponta que o interesse pelo território foi impulsionado pela produção de matéria-prima existente na região: “o século XX inicia, tendo a borracha amazônica como produto regional mais valioso do mundo” (FERREIRA, 2005, p. 27). Essa ferrovia interligava os trechos encaichoeirados dos rios Madeira e Mamoré, deveria ser um símbolo como representação máxima da tecnologia e da civilização desse mundo Amazônico (TEIXEIRA e FONSECA, 1998, p. 142).

Como os meios de comunicação na Região Amazônica eram de difícil acesso, os rios sendo as principais vias de locomoção de pessoas, assim como também o escoamento das produções, todavia distantes dos centros consumidores. Borzacov (2007, p. 15) diz que “a Estrada de Ferro .Madeira-Mamoré, única no gênero na Amazônia, propiciou e constituiu secular aspiração dos povos do Brasil e da Bolívia, como meio de ligar esses países ao oceano Atlântico, e, por consequência, ao comércio internacional [...]”, uma vez que essa construção possibilitaria o contorno dos trechos onde estavam localizados as grandes cachoeiras, sendo assim traria possibilidades de acesso navegável do Rio Madeira, afluente do principal rio da bacia amazônica: o rio Amazonas.

Por se tratar de uma obra gigantesca demandou-se um grande contingente de recursos humanos, possibilitando uma compreensão de sujeitos envolvidos nesta

obra, como exemplo os “21.817 homens” contratados entre os anos de 1907 e 1912. (FERREIRA, 2005, p. 301).

A Estrada de Ferro Madeira Mamoré é um símbolo do processo de colonização do que se tornou Porto Velho, sendo o resultado de um amplo processo que se funde com a história do nosso país desde a época do Brasil colônia. Segundo nos retrata Constantinidou (2009, p.71):

> O amanhecer do século XX trouxe o desafio da retomada da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, no extremo noroeste amazônico, atual Estado de Rondônia. [...] Até 1912, mais de 30 mil homens (incluindo os contratos informais) de 40 nacionalidades diferentes trabalharam na construção da ferrovia. Entre eles cerca de mil gregos, sendo a maioria dos remanescentes, da Ilha de Creta. (CONSTANTINIDOU, 2009, p. 71).

Ferreira (2005, p. 212) atesta que no “ano de 1910, chegaram a Porto Velho, contratados pela companhia, seis mil e noventa homens (6.090)”, entretanto estima-se que tenham sido contratados ao longo de todo o período de construção da estrada de ferro cerca de 20 mil homens de mais de 50 países, dentre essas nacionalidades temos os libaneses, demarcando a inserção desse grupo em terras rondonienses.

Imaginamos assim os lugares de onde vieram: América Central, Europa e Ásia, alterando a região numa babel de línguas e culturas.

Ferreira (2005) evidencia a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré que apesar de ser uma obra com tamanha singularidade, tinha como questão central que a sua construção estava em uma região de difícil acesso de recursos materiais e humanos, tornando-se inviável, pois os principais mercados consumidores passaram a ser atendidos pela borracha produzida na Ásia:

> A EFMM entrou em operação com a sensação de fracasso, em consequência da desvalorização da borracha amazônica no mercado internacional, uma vez que a Malásia já produzia, nesta época, o látex em grande escala, fazendo o preço de produção ser competitivo. (FERREIRA 2005, p. 37).

Mesmo com a desativação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, alguns grupos de imigrantes e migrantes permaneceram no território, como os libaneses (FERREIRA 2005, p. 48).

Todavia, Rondônia continuara a passar por um processo de crescimento e expansão econômica: por volta dos anos 50 a extração de cassiterita estava em alta

na Região Norte, Porto Velho, na época ainda território do Guaporé, encantava migrantes e imigrantes com ofertas de empregos (OLIVEIRA, 2001, p. 66)

Os ciclos do Diamante e da Cassiterita e a pavimentação da BR-364, entre as décadas de 50 e 70, coloca fim ao relativo isolamento do Estado, em relação às demais regiões do País. O garimpo atingiu uma proporção surpreendente em sua exploração, com áreas que fomentavam a economia de um Estado em crescimento, todavia não eram atividades (MARTA, 2018, p. 69)

Marta (2018) retrata que finalizando a década de 70, o Estado de Rondônia produzia muito, respondendo por boa parte da produção nacional. Além dessa ascendência de garimpeiros para o Estado, também ocorreu uma procura de migrantes agricultores, levando o governo a criar colônias agrícolas em Porto Velho. Não podemos deixar de destacar que a Agricultura, na época foi considerada uma atividade econômica que deixou o Estado em liderança na região. As microrregiões formadas por algumas cidades do Estado foram felizes tendo a esta atividade como “mola impulsora” para o crescimento econômico destas, as quais receberam migrantes de várias partes do país.

Entretanto, na década de 60, a antiga BR-29 (hoje BR 364) se solidificou, permitindo então nos anos 70 que se iniciasse o fluxo agrícola do Território Federal de Rondônia (na época ainda era Território da União), hoje não mais Território (MARTA, 2018, p.365)

Todos esses fatores contribuíram para uma ligação econômica do Norte com as demais regiões do país. Possibilitou ao Território Federal de Rondônia um crescimento econômico, tornando-o a Estado e Porto Velho, capital. O que antes dava o monopólio econômico por via fluvial Porto Velho/Manaus/Belém, com todo esse progresso, o Estado passa a caminhar ao crescimento econômico através de sua rodovia. (MARTA, 2018, p.338-339).

Segundo Buchabqui (2017,p.199) a imigração libanesa diferenciava-se pela opção pessoal de aqui estar, pela língua e pela atuação mais urbana e tinha um preço a ser pago: no norte do País, participavam do ciclo da borracha; no centro, com extração de minérios; e no sul, na fase da cafeicultura.

Diferente de outras capitais que já possuíam uma migração mais efetiva de várias nacionalidades, Porto Velho , tornava a concorrência maior para conquistarem e povoarem a terra, ou seja, chegaram no tempo certo e no lugar certo, para aquilo

que eles desejavam, mesmo que não atuassem nas atividades em ascensão econômica como o garimpo, a extração de minerais e a agricultura, protagonizando o comércio da capital (BUCHABQUI, 2017, p.189)

É importante mostrar a facilidade desse povo em territorializar-se em ambientes como se já fossem deles. Nesse contexto de fluxo imigratório na capital, lembrando que a agricultura não era o forte desse povo, a escolha seria a área urbana. A busca por melhorias ficava mais próxima à sua concretização. Em alguns casos morava mais de uma família na mesma casa, o que não era um problema, já que a família tem suma importância (HAJJAR, 1985, p.42-43)

Quando a missão é transformar, não é fácil, é árduo e requer uma proposta de ação harmoniosa, com os recursos adotados, é de suma importância ser coerente. A hibridação é um elemento de grande valor para o "nascer" de nossa cultura e sociedade, e, principalmente, para fomentar nossa identidade. Esse aparecimento de identidade híbrida podemos dizer que é fruto de encontros interculturais, que busca reinventar num território estranho, a ideia de pátria-mãe, já que o indivíduo reinventa suas tradições para não perder sua essência.

Ao longo da história, esses mundos (Amazônico e Oriental) sempre exerceram um "certo" fascínio sobre muitos viajantes e pesquisadores, a sua cultura e modo de vida atraem pelo exotismo que passa por ser diferente. Durante o período de colonização da Europa sobre os territórios, os colonizadores desenvolveram fortes características de imperialismo e intolerância cultural contra esses, para que pudessem validar a sua "superioridade" cultural naquele momento. Said (2007, p. 76) e Gondim (2007, p. 9) destacam que:

> O Orientalismo é mais bem compreendido como um conjunto de restrições e limitações do pensamento do que simplesmente como uma doutrina positiva. Se a essência do Orientalismo é a distinção indelével entre a superioridade ocidental e a inferioridade oriental, devemos estar preparados para notar como no seu desenvolvimento o Orientalismo aprofundou e endureceu a distinção (SAID, 2007, p. 76).

> [...] contrariamente ao que se possa supor a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída: na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes (GONDIM, 2007, p. 9).

Porto Velho, a Cidade do Sol, terra acolhedora, alento de outras regiões, cidade município, inclusiva e exclusiva, com seus raios estradas perenes, lugar dos libaneses. Essa mistura surge e deve ser observada como composição de um processo social, os pressupostos culturais precisam ser vistos como procedimentos de uma sociedade que está aberta para imprevisíveis e novas adequações, não é saudável analisá-los como expressões estáveis, mas em constante mudanças.

O Edifício do Monte Líbano (figura 1) foi a primeira construção totalmente em alvenaria, feita em Porto Velho pelos anos de 1915 e 1917 e foi edificado pelo Libanês Jorge Bichara que o concluiu em 1950.

O prédio tem três pavimentos e no passado várias empresas ocuparam o local: Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários, INPS, Comércio Abidão Bichara, Empresa Aérea Cruzeiro do Sul, Shell Mex Brasil e a representação da Air France. Foi abandonado e depois comprado pelo INSS – Instituto Nacional de Previdência Social. Restaurado na década de 1990.

Figura 1 — Edifício Monte Líbano

Fonte: Disponível em: <https://minhaportovelho.com/2018/12/11/conheca-a-historia-do-edificio-monte-libano-em-porto-velho/> Acesso em: 17 nov. 2020.

É por isso que Hall (2005, p. 91) aborda que a mistura entre as culturas é uma poderosa fonte criativa, produz novas formas de culturas que estejam apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado.

SEÇÃO III- DO ORIENTE À AMAZÔNIA: DIÁLOGO ENTRE O CEDRO E O MADEIRA

3 ANÁLISES DOS DADOS DOS SUJEITOS

O propósito desta seção é fazermos uma abordagem dos dados que coletamos, até porque nos permite uma maior compreensão dos processos diaspóricos e a reterritorialização desses sujeitos, entre outros fatores relevantes, os quais serão também comentados. Dialogarmos mesmo que de maneira geral o que poderia ser compreendido sobre interculturalismo e o porquê dele, é importante para analisarmos a convivência dos sujeitos nos dias atuais. Nessa perspectiva de diálogos interculturais trazemos a importância da entrada libanesa como contribuição sociocultural para Porto Velho.

3.1 O PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Iniciamos com o perfil dos nossos informantes, observando fatores que nos auxiliaram a conhecê-los. Sendo assim, as perguntas de 01 a 06 (veja apêndice I) do questionário traçam essas informações como: idade, grau de instrução, estado civil, número de filhos e nacionalidade. Tivemos a oportunidade de realizar a entrevista com três homens e uma mulher, sendo de grande riqueza e conhecimento partilhado conosco. Dentre eles, conhecemos os senhores: Mohamed Hijazi, 66 anos de idade e com ensino fundamental, casado e pai de dois filhos; Michael Esber,69 anos e com ensino fundamental, casado e pai de dois filhos; Youssef Habib Kmeih, 62 anos, ensino superior, casado e pai de dois filhos; Badra Hijazi Zaglout, 64 anos, com ensino superior, viúva e mãe de quatro filhos. Todos eles têm nacionalidade libanesa.

3.2 MOTIVAÇÃO PARA A SAÍDA DO LÍBANO

Apresentaremos nesse item os dados levantados sobre a motivação da saída do país de origem para um outro local.

Brah (2002) ressalva que diáspora em todas as circunstâncias irá retomar a ideia de uma viagem, até por ser uma dispersão. Mas, a autora vai além desse conceito, ela analisa as referências das relações diaspóricas como componente de

estudos culturais de que nem toda viagem é considerada uma relação diaspórica. Para isso, não queremos que haja confusão entre deslocamento motivado por diáspora e viagem casual, vimos a viabilidade de analisarmos nessa perspectiva da autora e também do propósito de nossa pesquisa: “quem viaja, mas quando, como e sob que circunstâncias? Que condições socioeconômicas, políticas e culturais marcam as trajetórias dessas viagens? Que regimes de poder inscrevem a formação de uma diáspora específica?” (BRAH, 2002, p. 182).

Para tanto, através das questões 07 a 11analisamos esse processo diaspórico. Fizemos a seguinte pergunta: Qual foi o motivo da saída do seu país? Nossos entrevistados responderam de acordo com as circunstâncias vividas. Começamos com Mohamed, ele não tinha pretensão alguma de ficar aqui, pelo contrário, queria conhecer o lugar, rever parentes e depois retornar, só veio para uma visita. Mas, como seu tio, que também era o tio mais velho de seu pai, tinha muita estima por ele, considerava-o como um filho e pediu para que ele ficasse, pois aqui teria oportunidade para trabalhar e crescer profissionalmente. Ele está aqui há 50 anos. Veja sua narrativa:

> Eu vim ao Brasil para visitar meus tios e conhecer meus primos, em dois meses aprendi a falar português e acabaram me segurando, não deixaram eu voltar. Falaram pro meu pai que eu era filho dele quando eu estava no Líbano, mas aqui no Brasil, eu era filho do tio mais velho do meu pai (MOHAMED HIJAZI).

Vimos que a diáspora acontece por vários fatores, por conta dessas circunstâncias os sujeitos são obrigados a encontrarem um escape, sendo a diáspora a melhor solução. Mesmo saindo de seu território, os sujeitos não deixam de ser quem são, por conta da diáspora, pelo contrário, levam consigo suas representações, além de suas especificidades: “(...) potencialmente, também lugares de espaços e novo recomeço. Elas são terrenos culturais e políticos disputados, onde memórias individuais e coletivas se colidem, se reagregam e se configuram” (BRAH,2002, p.193)

Já Mikhael Esber está aqui no Brasil há 59 anos, a princípio veio para passear, porém a guerra implicou em seu retorno ao Líbano. Youssef Habib Kmeih, está há 44 anos no Brasil, sua vinda deu-se inteiramente por conta da guerra de 1975.

> Eu vim para passear por 90 dias, mas assim que cheguei estourou a guerra no Líbano e acabei não voltando e ficando por aqui. (MIKHAEL ESBER)
> Por causa da guerra de 1975 no Líbano, meu pai resolveu sair de lá. (YOUSSEF HABIB KMEIH).

Após as narrativas de nossos informantes, vimos que esse período da saída de ambos deu-se por conta da guerra, lembrando que entre os anos de1975 a 1990 foi o resultado de um processo de desintegração do Império Otomano, também como consequência o território libanês passou a servir como campo de batalha para as guerras do Oriente Médio. Por conseguinte, trouxe fragilidade na segurança dos seus, levando muitos libaneses a migrarem para outros lugares, motivados por tais circunstâncias. Gattaz (2012) deixa claro em sua abordagem que:

> Verifica-se, portanto, que a guerra do Líbano desempenhou um papel fundamental na expulsão de centenas de milhares de libaneses de seu país natal, porém nem tanto através dos atos de guerra propriamente ditos (bombardeios, sequestros, assassinatos, perseguições etc.) como pela depressão econômica que o país atravessou e pela falta de perspectivas de crescimento pessoal através da educação e do trabalho. Isto fez com que a grande parte dos imigrantes que vieram para o Brasil nos anos da guerra tenham aqui permanecido mesmo após o término dos conflitos. (GATTAZ, 2012, p. 70).

Badra veio para morar, uma vez que seu pai já estava integrado aqui no Brasil: “Meu pai já estava no Brasil há cinco anos, mandou buscar a mim, minha mãe e minhas duas irmãs”. (BADRA HIJAZI ZAGLOUT)

Gattaz (2012, p.84 -87) ressalva que alguns fatores contribuíram para que os libaneses escolhessem o Brasil como destino, embora os Estados Unidos fosse a primeira opção, todavia alguns eram impedidos de entrarem por conta das cotas ou das cláusulas sanitárias, direcionando os imigrantes às terras canarinhas, onde acabaram ficando. O autor aponta as relações de parentesco como uma razão para imigração em terras brasileiras:

> Nas décadas de 1970 a 1990, ser nacional de um país com a imagem – e realidade – do violento Líbano trazia inconvenientes práticos à vida dos jovens que buscavam deslocar-se para outros países para estudar, trabalhar, ou simplesmente fugir da guerra. Por esse motivo, muitos imigrantes dirigiram-se para cá visando especialmente a *obtenção de nacionalidade brasileira,* especialmente os filhos de pai ou mãe brasileiros ou portadores de nacionalidade brasileira e aqueles que já tinham parentes vivendo aqui. (GATTZ, 2012, p 71-72).

3.2.1 A ESCOLHA PELO BRASIL

Dessa forma, perguntamos aos informantes o porquê da escolha pelo Brasil, pois havia outros lugares mais próximos do Líbano. Todos responderam que tinham

parentes aqui e por conta disto tinham o Brasil como referência, até por discursos que eram construídos pelos parentes a respeito do território e as vivências.

> Porque tinha um tio que já havia migrado para o Brasil por volta de 1940, irmão de meu pai. Tínhamos uma referência aqui no Brasil, então meu pai resolveu trazer toda a família (YOUSSEF HABIB KMEIH)
> Tenho muitos parentes aqui no Brasil: meu tio Artur, irmão do meu pai que mandou a passagem para eu vir conhecer o Brasil (MICHAEL ESBER)
> Por causa dos meus tios e primos que já moravam aqui (MOHAMED HIJAZI)

Gattaz (2012) faz uma abordagem sobre os fluxos de imigração no Brasil, tais políticas levantavam a bandeira para uma orientação favorável à intensificação das boas correntes imigratórias. O autor discorre em sua apresentação que o país tinha projetos de economia em desenvolvimento no firme propósito de livrá-lo dos altos défcits da balança comercial; como parte deste projeto havia o estímulo à imigração de mão-de-obra especializada e semi-especializada dos países europeus – especialmente Espanha, Portugal e Itália, que à época apresentavam certo excedente populacional e graves problemas sociais. Entretanto a entrada libanesa no Brasil foi inevitável, povoando as regiões do país. Gattaz (2012, p. 97-98) atesta que:

> (...) os sírios e libaneses, entre os oito principais grupos imigrantes, são aqueles que apresentam a maior distribuição entre as cinco regiões do Brasil – o que justifica a comum expressão: “Em toda cidade do Brasil tem uma lojinha de turco”. Enquanto os sete principais grupos concentravam, em 1950, entre 96,7% e 98,9% de seus imigrantes nas regiões Leste eSul,* para onde se dirigira o grosso da imigração –, entre os sírios e libaneses este número era de apenas 91,4%,(...). Por outro lado, nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste os sírios e libaneses apresentavam-se como o grupo com a maior porcentagem relativa de imigrantes. Em números absolutos, a etnia sírio-libanesa ficava em segundo lugar na região Norte e em primeiro lugar na região Centro-Oeste. (GATTAZ, 2012, p.97-98).

A inserção dos libaneses nas regiões do Brasil traz uma moldagem em terras amazônicas. Segundo Ferreira (2009) foram cinco os maiores fluxos de migrantes internacionais que se dirigiram para a Amazônia brasileira dentre eles os sírio-libaneses.

Gattaz (2012, p. 90) informa que ao longo de todo o século XX, os libaneses chegaram ao Brasil como grupo que não estimulado de imigração, até porque eles mesmo financiavam suas próprias passagens e arcavam com os custos de instalação no Brasil , diferente dos europeus, pois eram considerados ótimos na formação da nacionalidade brasileira e que tiveram sua imigração financiada pelo governo federal, estadual ou até por sociedades particulares.

3.2.2 A TRAJETÓRIA ATÉ O DESTINO

Prosseguimos com nossa entrevista e perguntamos aos informantes sobre o trajeto que eles percorreram até chegar ao Brasil e os meios de transporte utilizado e se tiveram alguma ajuda financeira. O trajeto percorrido foi: via Líbano, Egito, Roma , Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Velho; Beirute, Egito, Itália, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Velho; Beirute, Dakar, Campinas, Porto Velho; Karaoun de carro até Beirute, Senegal, Dacar, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Porto Velho; todos utilizaram transporte aéreo, vieram de avião e a viagem totalmente subsidiada pela própria família. É o que atestam nossos informantes:

> Egito, Roma, em Recife, primeiro estado brasileiro, fui pro Rio, fiquei uma semana, depois peguei um avião para São Paulo, também fiquei uma semana para depois vir a Porto Velho. Ajuda financeira sim, só do pai e da mãe. Como eu era turista, os gastos eram pela companhia, não tive gasto nenhum (MOHAMED HIJAZI).
> Saí do Líbano dia 18/05/1971, passamos um dia no Egito; passamos pela Itália, da Itália para o Rio de Janeiro, do Rio de Janeiro chegamos em São Paulo, de avião. Ajuda financeira sim, meu tio (MICHAEL ESBER)..
> De Beirute, pela Air France, fizemos uma escala em Dakar, depois direto para o Brasil, chegando em Viracopos. Não tivemos, nossa situação financeira estava boa e viemos com recurso próprio (YOUSSEF HABIB KMEIH)
> Viemos de avião. Saímos da nossa cidade Karaoun de carro até a capital (do Líbano) Beirute. De Beirute (de avião) para Senegal- Dacar- Recife- Rio de Janeiro- São Paulo- Manaus- Porto Velho. Tivemos ajuda financeira do meu pai, Mohamad Kassem Hijazi. (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).

Percebemos o quão desafiador foi o trajeto até o destino de cada um, a começar pelo custo da viagem, pois não tiveram ajuda financeira nem do governo libanês, tão pouco do brasileiro, apenas de seus familiares. Podemos dizer que foi uma viagem recheada de desafios que dignificam esses imigrantes, numa persistência de dias melhores com ou por suas famílias. Embora a rota percorrida até o destino tenha sido realizada através de avião, muitos desafios foram encontrados e vencidos para que hoje esses destemidos pioneiros fizessem história. Teriam que reconstruir suas vidas em outro território, desde a juventude, integrando-se a outro grupo no tempo mais rápido possível para o novo ciclo que passava a acontecer em suas vidas.

3.3 INTEGRAÇÃO COM O NOVO LOCAL

Brito (2004) aborda que o Brasil desde sua descoberta esteve ligado ao processo migratório, intensificando mais ainda após a abolição da escravidão; quando o país começou a estimular a entrada de imigrantes, a fim de povoar o território e fomentar o desenvolvimento da sua economia.

Patarra (2005) destaca que a imigração é um tema de grande relevância aqui no Brasil: é uma questão social e vem se constituindo de forma crescente:

> a crescente importância das migrações internacionais no contexto da globalização tem sido, na verdade, objeto de um número expressivo de contribuições importantes, de caráter teórico e empírico, que atestam sua diversidade, significados e implicações. (PATARRA, 2005. p.23).

No entanto, o juízo de que o imigrante é estereotipado como um fora da lei é vivo, fazendo com que países adotem leis mais restritas, surgindo a necessidade de encontrar um ponto de equilíbrio nos direitos de ir e vir da pessoas humana, assim como as legislações apontadas nos países, através do Direito Internacional Público.[5] Sendo assim, leis precisavam ser implantadas para inserção legal de imigrantes em terras brasileiras.

Historicamente os primeiros registros que tratam sobre legislação relacionada a imigração no país retorna a 1850, Lei nº 601 ou Lei das Terras, que tratava sobre os direitos e deveres dos proprietários de terras.[6]

De forma discreta, a Constituição da República de 1891[7] , em seu art. 35, 2º, voltou a tratar do assunto delegando ao Congresso a competência para tratar dos assuntos relacionados à imigração. Todavia, a Constituição da República de 1934[8] (art. 121, § 6º) limitou o ingresso de estrangeiros no país.

Por conseguinte, essas limitações inseridas no art. 121, § 6º da Constituição da República de 1934, foi reeditada no artigo 151 da Constituição da República de 1937.[9]

---

[6] Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm>Acesso em: 06 nov. 2020.
[7] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm> Acesso em: 06 nov. 2020.
[8]. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>Acesso em: 06 nov. 2020.
[9] Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm > Acesso em: 06 nov. 2020.

Mas a promulgação da Constituição da República de 1946 [10] assegurava aos estrangeiros os mesmos direitos que os nacionais.

De 1964 a 1985 a questão da legislação relacionada aos imigrantes permaneceram com os mesmos direitos assegurados. Em 1985 finalizando o período da ditadura militar uma assembleia constituinte foi eleita para elaborar e aprovar uma nova constituição, promulgada em 1988[11], sem muitas alterações estabelecendo no artigo 22, inciso XV que "compete privativamente à União legislar sobre emigração e imigração, entrada, extradição e expulsão de estrangeiros" (FIGUEREDO, 2016, p.252-274)

Gattaz (2012, p. 89) faz menção à Constituição de 1937 de que nesse período e ela não fazia qualquer referência às raças proibidas de entrar no Brasil, porém era mantido o sistema de cotas de 1934, que possuía uma série de leis complementares e circulares secretas que davam liberdade às autoridades diplomáticas brasileiras, as quais tinham liberdade para aplicar uma política imigratória, intensificando as boas correntes imigratórias e foi o que aconteceu: a entrada expressiva de imigrantes, dentre eles, é claro, os libaneses!!!

Então perguntamos aos nossos informantes se enfrentaram algum problema quanto à migração e se conheciam as leis de imigração do Brasil na época: Mohamed, Youssef e Badra responderam que não tiveram nenhum problema e desconheciam as leis na época, porém um deles relatou que hoje é conhecida por ele.

> Não, eu vim com o visto de turista, mas como aqui em Rondônia era território, então não tinha condição de me dar documento algum pra me registrar, até pra renovar meu visto aqui. Até o próprio delegado da Policia Federal na época, Dr. Eulício Miranda, que me ajudou muito , me indicou pra que eu fosse ao Acre, para me registrar como imigrante no Acre, porque como era território, não teria como me registrar, só tinha autonomia pra registrar estrangeiro no Estado, o mais próximo era o Acre. Me registrei, depois de 16 anos pedi minha naturalização, eu procurei pedir e consegui (MOHAMED HIJAZI).
> Não e é claro que não sabíamos, é tanto que contratamos um advogado e fizemos toda a documentação legal. (YOUSSEF HABIB).
> Não, mas não entendia nada de migração. Atualmente conheço bem as leis de migração. (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).

[10] Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm > Acesso em: 06 nov. 2020.
[11] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm >Acesso em: 06 nov. 2020.

Contudo, para Mikhael Esber a experiência na época foi bem diferente, teve dificuldades pois o desejo de muitos libaneses era vir para o Brasil já que era fácil abrir comércio aqui. Por conta dessa diáspora bem intensa havia um pedido do Líbano ao governo brasileiro para limitar a aceitação de libaneses no país:

> Na época, 1971 tivemos dificuldades, até porque a pedido do Líbano era para que aceitasse o libanês no Brasil, porque todo mundo queria vir para o Brasil, então havia facilidade de abrir um comércio. Mas eu tinha 17 anos e vim para passear. Já hoje é assim: eu quero trazer um parente, eu vou à Embaixada, ele tem que ter um valor (U$ 50.000) para abrir um negócio para não tirar o ganha pão do brasileiro. Pra isso tem que ser feito uma escritura pública, em cartório, da pessoa que está trazendo o parente, responsabilizando-se em tudo que for necessário na permanência desse parente aqui no Brasil. Esse documento se chama Escritura de manutenção do estrangeiro no Brasil.

Mesmo que as leis internas assegurassem aos imigrantes os mesmos direitos que os nacionais, percebemos que a restrição a esse ingresso não impedia a concretização desse fenômeno migratório. A Lei 13445/17 (Nova Lei da Migração)[12] avançou em alguns aspectos, porém apresenta uma certa arbitrariedade, não reconhecendo o Direito Humano de Imigrar.

É importante o reconhecimento de direitos subjetivos às pessoas em situação de mobilidade humana, analisando as práticas que envolvem a imigração, desmistificando os estigmas aos imigrantes para promover um bem em prol da sua dignidade. (REDIN, 2013, p.124)

3.3.1 A LÍNGUA COMO DESAFIO

Além das leis que de uma certa forma construíam barreiras para interação dos grupos ao país, um outro fator foi ferramenta de dificuldade: a língua.

Ao chegarem no Brasil esses libaneses se depararam com um novo mundo, tiveram que aceitar um novo desafio: aprender uma nova língua, além de compreender uma nova cultura, com pessoas diferentes das quais eles não conviviam anteriormente.

É interessante fazermos a análise da ocupação espacial da comunidade libanesa em que esta apresenta uma singular diferença às demais comunidades

[12]Disponívelem:<http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/lei-de-migracao/impactos-da-nova-lei-de-imigracao-no-13445-2017> Acesso em: 17 nov. 2020.

territorializadas aqui no Brasil, por terem atividades ligadas ao comércio tiveram que se distribuir e interagir com os da terra, assim como também com o idioma .Essa diferença é de muita relevância pois facilita a compreensão das circunstâncias que motivaram ao modo de como esses falantes adquiriram o português brasileiro. Gattaz (2012) traz essa abordagem de forma explícita:

> A fim de facilitar sua integração à sociedade local, os imigrantes libaneses reelaboraram os estereótipos correntes sobre a etnia vi- sando excluir os aspectos negativos e reforçar os positivos, numa tentativa de forjar uma nova identidade que fosse compatível com a tolerância étnica brasileira. Essa nova identidade, ademais, forma- va-se naturalmente com a adoção da língua portuguesa e assimila- ção da cultura e dos hábitos locais – uma identidade mais *brasileira* do que *libanesa*. (GATTAZ, 2012, p.108).

É importante conhecer a língua do local onde se reside, até porque a interação social obriga ao imigrante esse conhecimento: trabalhar, estudar e realizar qualquer atividade leva o sujeito a busca pelo aprimoramento na comunicação.

Raffestin (1993, p. 97) aborda que a língua é um dos instrumentos de grande valor de base da identidade seja de qualquer população, sua utilidade é incontestável, ocupando um lugar primordial na cultura.

Percebemos que apesar da diferença linguística ser grande, o fato deles terem o conhecimento de uma outra língua que não fosse a sua trouxe uma facilidade para aprender o português, integrando-os à sociedade brasileira. Vale ressaltar que apropriar-se da Língua é o mesmo que apropriar-se também da história, do ambiente do outro. Além de uma prática social e cultural, a linguagem é uma ferramenta de comunicação, a partir desta adquirimos poder e construímos nossas subjetividades (FOUCAULT, 2002, p. 236).

Nessa perspectiva a língua foi uma das maiores dificuldades enfrentadas por dois dos nossos informantes, Badra Hijazi e Michael Esber.

> A maior dificuldade com o idioma, você fala árabe e um pouco de francês, com pouco estudo dificultava um pouco. Não tive outras dificuldades. (MICHAEL ESBER).
> A principal dificuldade encontrada foi com o idioma, já que nós só falávamos árabe, e a alimentação, pois muito do que nos tínhamos costume de comer, aqui não se encontrava material pra fazer, exemplo: Farinha de quibe. (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).

Para Heye (2003, p. 233) alguns fatores caracterizam as situações bilíngues como: comunidades linguísticas, papéis e funções sociais, status relativo dos falantes e das línguas, tópico e domínio linguístico e social.

Podemos deduzir que a idade, o local e o contexto em que a língua foi adquirida, determinam as mudanças, pois fatores sociais, familiares, escolares, comportamentais e profissionais dão origem às diferenças linguísticas que o ser humano terá durante sua vida.

Maher (1998, p. 74) aborda que o bilíngue tem competência de transitar de uma língua para outra, pois as mudanças de códigos ele consegue prevê, pois o bilíngue sabe em qual situação as diferentes línguas devem ser usadas Para a autora as línguas servem como expressão no meio social.

Prova disto foi as experiências de nossos informantes: Youssef Habib e Mohamed Hijazi, eles já falavam outros idiomas e por conta disto viram aprender o idioma local não foi tão difícil assim.

> A maior dificuldade foi o idioma que eu não falava, pois só falava o inglês e o árabe. Cheguei aqui e o português onde todo mundo tem dificuldade em estudar, eu achei o idioma que tem mais fácil pra falar, falar e escrever, porque do jeito que você pronuncia a palavra, você a escreve. Enquanto que os outros idiomas não, você fala de uma maneira e escreve de outra. Então isso foi uma facilidade …… eu agradeço a Deus que ter caído nisso (MOHAMED HIJAZI).
> Mas o Português não foi difícil para mim. Sou formado e a educação no Líbano nos ensina a falar três idiomas fluentemente. Como falávamos o francês fluente, então como tem um pouco do latim, então foi um pulo pro português. Não achei dificuldade nenhuma. O idioma poderia ser, mas como eu falava francês acho que ficou mais fácil eu aprender o português, então foi tudo muito rápido. (YOUSSEF HABIB).

Percebemos que apesar da diferença linguística ser grande, o fato deles terem o conhecimento de uma outra língua que não fosse a sua, trouxe uma facilidade para aprender o português, integrando-os à sociedade brasileira. Vale ressaltar que apropriar-se da Língua é o mesmo que apropriar-se também da história, do ambiente do outro.

Para Castells (2010, p. 70) a língua indica o elo entre esferas, passado e presente, mesmo que não haja reconhecimento efetivo de uma determinada comunidade cultural pelas esferas do Estado. É salutar mostrar a relevância da linguagem, a aquisição da língua de um determinado território para o sujeito que acabou de ser inserido possibilita sua inserção com os nativos.

Faraco (2005, p. 65) afirma que somos fundamentalmente seres da linguagem, assim como também as práticas dessa linguagem além de nos preceder e nos constituirmos nelas, vivemos nelas; visto que essa vivência vai acontecendo

naturalmente por conta da adoção da nova língua, assimilando inclusive hábitos locais no decorrer do tempo.

Assim, continuamos a entrevista perguntando como procuraram aprender a Língua Portuguesa com outros libaneses que já moravam aqui e se haviam frequentado lugares onde havia muitos brasileiros para tentar aprender/aperfeiçoar o português.

As experiências vividas foram bem distintas: Mohamed usava estratégia bem atrativa aos nativos, pagava uma cervejinha enquanto os brasileiros iam conversando em português e ele aprendendo o idioma. Por fim acabou se tornando o tradutor da família, do seu idioma para o português.

> Eu aprendi primeiro a língua portuguesa., conversando com brasileiro e observando Eu era o tradutor entre os libaneses. O aprendizado foi com brasileiros. Eu ia às vezes com os meninos , eu pagava cerveja, como eu não bebia, eu pagava cerveja pra eles ficarem falando comigo e eu ia aprendendo. Eu aprendia lá e quando chegava em casa meus tios e primos perguntavam " o quê que é isso ?" Me perguntavam em árabe e eu explicava em português. (MOHAMED HIJAZI).

Já Youssef Habib o aprendizado deu-se através do trabalho, em seguida foi matriculado em uma escola, na cidade de Cuiabá, capital do Estado do Mato Grosso.

> Aprendi a língua portuguesa, quando cheguei no início, em Aparecida: trabalhei na loja do meu tio, assim que cheguei. Depois entrei na escola em Cuiabá e aprendi na escola. (YOUSSEF HABIB KMEIH).

Badra Hijazi foi logo matriculada em uma escola, de acordo com sua narrativa por ter uma dificuldade com idioma apanhou de palmatória para aprender a língua. Também teve ensinamentos de seu pai e tios, pois estavam inseridos há mais tempo no Brasil.

> Quando chegamos no Brasil, meu pai nos matriculou e uma escolinha particular (professora Edna), que nos ensinou a falar e escrever. Apanhei muito de palmatória... Meu pai e meus tios nos ensinavam falar, já que estavam no Brasil há mais tempo. (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).

Para Mikhael Esber o aprendizado com o idioma deu-se através do trabalho sendo ensinado pelos próprios libaneses que já estavam inseridos no local.

> Mas lá em Uberlândia tinha a comunidade libanesa, muito grande, meu tio tinha uma padaria, eu aprendi com os libaneses que trabalhavam lá, em 90 dias comecei a falar um pouco do português. (Mikhael Esber).

Contudo, outros grupos étnicos que vieram para Porto Velho tiveram seus descendentes adotando a língua portuguesa, porém tentaram manter sua identidade cultural preservando seu folclore, datas comemorativas, religião, comida e outros fatores (BURGEILE, 2009, p. 236).

Prova disto é a estratégia utilizada pelos imigrantes para essa inserção com o novo idioma: pelo fato dos libaneses possuírem competências comunicativas, buscaram estratégias como a interação social: na escola, bate-papo com uma cervejinha, granjeando amizades a fim de facilitar sua integração à sociedade local.

3.3.2 RELIGIÃO

Outro fator de suma importância que procuramos abordar com os informantes foi sobre sua religião, até por conta de muitos discursos construídos erroneamente sobre a religião desse grupo.

Pinto (2005, p. 242) ressalta o atentado de 11 de setembro de 2001 e os discursos que refletiram no território brasileiro sobre as comunidades muçulmanas, tão forte propagação que estigmatizava-os como até mesmo um problema de segurança nacional, despertando sentimentos de hostilidade, sendo ovacionado mais ainda quando a revista Carta Capital ter noticiado que havia uma investigação por parte da polícia federal nas atividades de uma Mesquista em São Paulo.

Fica claro que a falta de conhecimento traz anomalias na humanidade como: intolerâncias, inferiorização do outro, pois os discursos são generalizadores, construídos fora da realidade dos sujeitos envolvidos na sua fé, impedindo também o conhecimento da história que está intrinsecamente ligada à identidade desses imigrantes.

Cavalcanti (2002) deixa claro um outro agravante pela falta de conhecimento, inclusive em nosso século, quando percebermos que as informações midiáticas trazem uma forte influência sobre os que não buscam por conhecimentos:

> A própria mídia é preconceituosa quando constrói seus estereótipos. Faz parte de nossa razão elaborar cálculos, não matematicamente falando neste sentido, mas psicologicamente. Assim, muitas vezes o preconceito pode servir como norma de prudência que nos serve como um sinal de alerta, seja para não cairmos no erro de contatar certas pessoas que deveríamos evitar ou para entrarmos em certos locais que não parecem ser atraentes aos nossos olhos etc. Quantas vezes não acertamos então em nossas previsões 'preconceituosas'? Por outro lado, quantas vezes falhamos em nossas previsões? Portanto, a resposta sobre a questão do preconceito não

> comporta uma resposta absoluta e objetiva, mas pode implicar em uma incógnita, ou seja, tudo depende... (CAVALCANTI, 2002, p. 1).

Podemos perceber que o estigma possibilita a um grupo ou a um sujeito, por conta de certos atributos que não são aceitos socialmente , vivenciam situações de condenação, desse modo vai se moldando num preconceito, numa cédula definitiva tão concreta que acaba anulando a inclusão do indivíduo no meio social. Silva (2004, p. 8) traz essa análise:

> A intolerância religiosa soma-se a intolerância política, cultural, étnica e sexual. A inquisição está presente no cotidiano dos indivíduos: no âmbito do espaço doméstico, nos locais do trabalho, nos espaços públicos e privados. Ela assume formas sutis de violência simbólica e manifestações extremadas de ódio, envolvendo todas as esferas das relações humanas. A intolerância é, portanto, uma das formas de opressão de indivíduos em geral fragilizados por sua condição econômica, cultural, étnica, sexual e até mesmo por fatores etários. (SILVA, 2004, p. 8).

Quando o espaço é fechado, ele não proporciona uma hibridação, impossibilita diálogos e negação da história do outro. Tendo em vista essas análises dos teóricos, perguntamos aos libaneses se tiveram liberdade em praticar sua religião. A resposta que tivemos foi da Badra Hijazi, a qual nos respondeu que sofreu muita discriminação, ela pratica a religião mulçumana. Segundo nossa informante, as pessoas por não conhecerem, ignoram completamente os que professam essa crença e ainda tem outro agravante: a mídia que segundo Badra, distorce o conceito de Islamismo e por consequência os mulçumanos como ela são discriminados. É o que atesta nossa colaboradora Badra Hijazi Zaglout:

> Sou Muçulmana. Tivemos muitas dificuldades para praticarmos a nossa religião. Sempre sofremos discriminação até nos dias atuais, pois a mídia distorce muito o conceito de Islamismo e em consequência disso, nós (muçulmanos), somos discriminados por pessoas racistas e ignorantes (aquele que não tem conhecimento). (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).

Osman (2006, p.266) diz que a religião é vista aqui no Brasil como exercício da fé, a liberdade religiosa é ressaltada, as divisões religiosas relevadas. Em contrapartida, no Líbano ela é vista com conotação política, não apenas como diversidade cultural. Ela está ligada a guerra e divide a sociedade, do ponto de vista da cultura, dependendo da região ocupada no país é dizer a que religião você pertence.

No Líbano tem uma particularidade interessante: é que cada libanês, cidadão precisa estar ligado à religião de nascimento ou de escolha, até porque ele é classificado em seus documentos oficiais pela religião ou comunidade, essa é ensinada e transmitida pelo patriarca e está inserida na identidade jurídica do libanês. (KHATLAB, 2017, p.134)

O interessante é que o Líbano constitui uma das sociedades mais diversificadas e multirreligiosas do Oriente, é o único país do Oriente Médio que não tem em sua Constituição uma religião oficial, todas são respeitadas. No artigo 9, a liberdade de culto ou crença é qualificada, as relações entre política e religião são bem fortes. Segundo o Pacto Nacional (1943) há liberdade pública e direitos fundamentais do homem, sendo a base de diálogo entre cristãos e muçulmanos. (KHATLAB, 2017, p.143)

Vimos a importância de abordar todo esse estudo sobre todo o processo religioso dos libaneses até porque os nossos informantes trouxeram essa bagagem religiosa ao chegarem aqui no Brasil. Ao contrário de Badra, os libaneses Mikhael, Mohamed e Youssef sentiram liberdade em viver e expressar sua religião.

Mikhael Esber é católico ortodoxo, não é mulçumano e sentiu liberdade para viver sua religião: Sou católico ortodoxo, temos muita fé. Não sou muçulmano, tive liberdade (MIKHAEL ESBER).

Mohamed Hijazi é mulçumano e seu discurso mostra a liberdade em expressar sobre seu entendimento em relação à importância de cada religião e uma amizade que havia entre ele e o arcebispo de Porto Velho, Dom Moacir Grechi (in memorian, arcebispo emérito de Porto Velho):

> Sou da religião muçulmana, aqui no Brasil tem muito já, e eu agradeço, pra mim todas as religiões são iguais. Todas as religiões que vieram tanto judaica como cristã, mulçumana, vieram com uma mensagem da obra, pra completar a obra, e as três são parentes, as três são descendentes de Abraão. Nenhuma, nenhuma dificuldade. O meu melhor amigo que eu era aqui na época era o Dom Moacir. (MOHAMED HIJAZI).

Youssef, pertencente à religião maronita, não teve problema algum em professar sua fé vivendo sua religião: Sou católico maronita[13], de Santo Maron, somos

[13] Maronita: trata-se da comunidade religiosa católica, ligada à Santa Sé, cujo catolicismo possui um rito todo próprio e tem particularidades como o casamento dos padres seculares. Disponível em :< www.igrejamaronita.org.br > História da igreja maronita

mais conservadores. Claro, evidente, sem problema nenhum, nenhum (YOUSSEF HABIB). Fica claro no discurso de Youssef sua liberdade e esse hibridismo religioso entre o catolicismo romano e o catolicismo oriental, com ritos diferenciados, embora reconheça a autoridade eclesiástica do Papa.[14]

Cardoso (2003) chama a atenção ao destacar a religião quando conceituada de forma homogênea, nega a pluralidade humana, relega o diferente, o não-idêntico ao lugar do submisso, do anormal, do estranho, do não-existente ou do não-manipulável. O autor deixa muito claro sua ideia em sua refutação:

> Nessa visão, os indígenas encontravam-se também num estado de menoridade espiritual e não somente de menoridade racional. Por isso, participar da civilização, ainda que como subalternos significava também a conversão ao cristianismo, a remissão dos pecados e a salvação da alma. E assim o conquistador aparece como indulgente, alguém que, por piedosa tolerância, vai inserir os indígenas na civilização e salvar suas almas, em troca da submissão de seus corpos ao trabalho escravo. E assim completou-se a justificativa da dominação: a civilização superior e a religião verdadeira. A cultura autoritária do colonizador era a única verdade em que residia a salvação da ignorância e do pecado. (CARDOSO, 2003, p. 133-134).

3.3.3 CASAMENTO

Hobsbawm (1984) aponta que na imigração, desenrola-se o aparecimento das identidades híbridas, consequência de encontros interculturais, até mesmo pela busca de reinventar no lugar estranho a idealização de pátria-mãe, pois o sujeito reinventa tradições e comemorações, para reafirmar as identidades. Todavia, há aspectos que são alicerces para conservação da cultura libanesa, um deles é o casamento.

Segundo Dornellas (2008, p.69) as alianças familiares era um ponto demarcado para fortalecer a manutenção da cultura , sendo concretizada de preferência dentro do próprio meio, a pesquisadora ressalta que os casamentos eram em sua maioria endógenos, a fim de mantivessem os hábitos, os pais que decidiam com quem seus filhos contrairiam o matrimônio, mandando buscar o futuro marido ou a futura esposa do lugar de origem.

Outro fator importante apontado por Dornellas (2008, p. 69) para essa posição dos pais era que acreditava-se que casando entre pessoas da mesma cultura, a convivência seria mais fácil, até para que diminuísse a sensação de desenraizamento e continuaria mantendo os costumes, lembrando que isso era muito forte na primeira

[14] <http://www.igrejamaronita.org.br/conteudos/?eFh4fDExNQ== > Acesso em: 17 nov. 2020.

geração dos filhos de imigrantes libaneses, que também eram libaneses, essa preservação das tradições visava a manutenção do casamento.

Sendo assim, quanto ao estado civil perguntamos se nossos informantes libaneses vieram casados ou casaram aqui no Brasil e se a nacionalidade dos cônjuges era libanesa, se essa interferiu na escolha.

Mohamed continuou com a tradição, casou-se com sua esposa que é sua prima, que veio do Líbano com cinco anos de idade, estão casados há 43 anos. Segundo ele a ser libanesa ou não, não fez diferença em relação ao seu matrimônio:

> Ela veio do Líbano com 05 anos de idade, ela é mais brasileira que qualquer outro brasileiro, ela veio com cinco anos e nós casamos, graças a vida e estamos casados há 43 anos. Não pra mim, não. Ela é brasileira, minha prima, então nós viemos completar o que eles queriam (MOHAMED HIJAZI).

Para Badra a nacionalidade do seu esposo facilitou a concretização de seu casamento, até porque ela deixa clara que seus pais não permitiriam um relacionamento com alguém de outra nacionalidade: O meu esposo também era libanês (hoje falecido). O fato de ele ser libanês facilitou tudo. Meus pais, nunca nos permitiram namorar alguém de outra nacionalidade (BADRA HIZAJI ZAGLOUT)

Todavia Dornellas (2008) mostra que há aqueles que firmaram e firmam matrimônio fora da colônia, fato comum que foi facilitado até pelo contato que os filhos mantinham com pessoas de outras etnias.

Osman (2011) alega que em nível de Brasil, a análise feita pelos pais no sentido de casamento fora da comunidade não representaria uma ruptura com as tradições culturais libanesas e que haveria acomodação do cônjugue à cultura imigrante.

Santos (2019) salienta que a formação de novas famílias libanesas e sírias deu-se através de casamentos interétnicos.

Essa dinâmica não foi diferente com os nossos entrevistados, Mikhael Esber casou-se com uma brasileira de Uberlândia, Minas Gerais; segundo ele não houve interferência de sua família sobre a nacionalidade de sua esposa: Minha esposa é de Uberlândia, não (MICHAEL ESBER).

Todavia, para Youssef Habib houve em algum ponto a interferência por parte de seu pai, pelo fato de sua escolha para o matrimônio ter sido uma brasileira: Minha

esposa é brasileira, em algum ponto sim, referente ao meu pai e minha mãe. (YOUSSEF HABIB).

Percebemos nitidamente nesse processo uma ação híbrida. Ser híbrido não está somente no espaço físico, mas no sujeito, nos costumes, na identidade.

Isso nos remete a Bauman (2005) que traz o entendimento de um mundo pós-moderno, encontramos uma sociedade em mudanças e em processos de construção identitária, ou seja, está num território diferente está ligado ao processo de hibridação cultural dos sujeitos.

Para Freyre (1990) o Brasil é um país de uma diversidade gigantesca: com díspares culturais, sociais, geográficos, mas que há harmonia, transformando o Brasil numa terra abençoada.

Por conta dessa diversidade existente no Brasil, um imaginário é construído, principalmente sobre a Amazônia. Durante muito tempo ela foi vista como um lugar excêntrico, habitada por habitantes diferentes, sendo povoada pelo imaginário europeu. Isso fica muito claro com as abordagens de Gondim (2007), ela narra sobre o surgimento da Amazônia: construída através dos escritos dos primeiros viajantes, construíram uma identidade amazônica baseadas em imaginações.

3.3.4 A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO

Procuramos nessa fase da pesquisa analisar sobre a construção de um imaginário do local e dos da terra pelos libaneses.

Por conseguinte, quando lançamos nossa visão sobre a trajetória libanesa que vieram para o Brasil queremos ovacionar essa trajetória que começou e foi veiculada no imaginário social. Mohamed Hijazi imaginava um lugar pequeno, igual sua cidade:

> Bom como eu vim de uma cidade pequena, eu imaginava ser igual e de fato quando cheguei aqui, Porto Velho era uma cidade pequena, o final de Porto Velho ficava aqui na feira do Um. De lá pra cá só tinha essa Caiari, a balsa e essa área aqui (MOHAMED HIJAZI).

Esse imaginário se constrói por um conjunto de relações imagéticas atuando em nossa memória afetiva de uma determinada cultura que é disseminado por uma comunidade, inserida no local, todavia não é de omitir a verdade em relação aos futuros problemas que serão encontrados e vencidos, mas suportá-los. Segundo Moraes (2002):

> O imaginário não é apenas cópia do real; seu veio simbólico agencia sentidos, em imagens expressivas. A imaginação liberta-nos da evidência do presente imediato, motivando-nos a explorar possibilidades que virtualmente existem e que devem ser realizadas. O real não é só um conjunto de fatos que oprime; ele pode ser reciclado em novos patamares. Como nos propõe Ernst Bloch ao indicar um nexo entre as potencialidades "ainda-não-manifestas" do ser e a atividade criadora da "consciência antecipadora". A função utópica da consciência antecipadora é a de nos convencer de que podemos equacionar problemas atuais em sintonia com as linhas que antecipam o futuro. (MORAES, 2002, p.95).

Badra Hijazi veio muito criança e nem imaginava como era o lugar e as pessoas: Não tinha noção de como seriam as pessoas, pois era criança (BADRA HIJAZI ZAGLOUT). O discurso de Youssef Habib foi semelhante: pelo fato de ter vindo ao Brasil muito jovem e nunca ter saído do Líbano, nem imaginava como era o lugar, segundo ele não tinha como imaginar, apenas pensava que seria algo diferente: Eu nunca tinha saído do Líbano, tinha entre 15 e 16 anos, não tinha noção do mundo a fora. Eu imaginava um mundo diferente e realmente foi. Não tinha ideia nenhuma das pessoas do local, não tinha como imaginar porque não sabia (YOUSSEF HABIB)

Sendo assim, Mikhael Esber havia construído esse imaginário justamente por discursos que ouviu, até mesmo pelo fato de seus parentes estarem aqui: a fama dos brasileiros, povo amistoso, não ficou preocupado como que encontraria, pois esse discurso tecia um “bom retrato“ dos brasileiros: Como meus parentes já estavam aqui, a fama dos brasileiros era que eram amistosos. Eu vim para passear, não estava preocupada com nada e com ninguém, temos o Brasil como segunda pátria, sempre amor por essa raça. (MIKHAEL ESBER)

3.3.5 FIRMADOS ATRAVÉS DAS REDES

Retomando o discurso de Mikhael Esber percebemos a forte influência dos parentes na construção do imaginário, sendo forte também na questão das redes sociais como instrumento de integração ao novo local.

Para Portes (1995) as redes sociais são instrumento dos imigrantes utilizados para evitar a competição do mercado aberto e alcançar melhores ocupações, status social e econômico na sociedade anfitriã. As redes ajudam além das decisões de migrar e onde migrar, elas se estabelecem em todo o processo imigratório: inserção ao trabalho, empregabilidade além posição ocupacional no grupo. Outro aspecto a

abordar é que, quanto maior a densidade e a multiplicidade das redes sociais, maior será a homogeneidade para a escolha profissional dos seus membros.

A escolha por Porto Velho como território para fixarem-se, observamos que as redes sociais foram uma mola impulsora para essa integração e recepção libanesa na capital do estado de Rondônia. Então fizemos a pergunta direta: Por que você escolheu ficar em Porto Velho?

Os discursos foram semelhantes, todos nossos informantes tiveram forte influência dos parentes para fixarem-se aqui:

> Escolhi ficar em Porto Velho, primeiro porque a família já morava aqui e aqui foi que nós construímos família e patrimônio. (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).
> Já tinha parentes aqui. Porque Porto Velho é minha família eu não fico no Líbano hoje, mas fico em Porto Velho, no Líbano não tem mais ninguém, tá tudo aqui em Porto Velho, tá tudo aqui no Brasil, então eu já plantei raízes aqui , 50 anos, eu tenho meus filhos, meus netos, já nasceram agora gêmeas. Graças a Deus, tá tudo bem. (MOHAMED HIJAZI).
> Quando chegamos ao Brasil, ficamos primeiro em São Paulo, na cidade de Aparecida do Norte, por oito, nove meses, pois meu tio Maurício morava lá. Depois fomos para Cuiabá, moramos por lá cinco anos. Depois para Jí-Paraná, cheguei entre os anos de 1979/1980. Eu vim sozinho, queria construir minha vida sozinho e acreditava que o lugar mais certo pra isso são lugares menos explorados, por isso que vim para Jí-Paraná e depois Porto Velho. (YOUSSEF HABIB).
> Eu tinha um parente meu, praticamente um irmão, trabalhamos juntos. Ele morava em Jí-Paraná, como tive algumas dificuldades em Uberlândia ele fez o convite para eu vir passear aqui. Então na época eu comprei umas mercadorias (o sangue é de mascate), botei em cima do caminhão: Uberlândia-Cuiabá-Rondônia: vim conhecendo a estrada, me estabeleci em Vila de Rondônia na época, hoje Jí-Paraná. Ainda não estava satisfeito, queria conhecer a capital, ao chegar aqui andei, andei, andei até a margem do rio e falei: Aqui é o meu lugar. (MIKHAEL ESBER).

Os libaneses tiveram uma forte influência das redes já estabelecidas, através de parentes fixados aqui que ajudaram financeiramente. Houve duas exceções, que viajaram com recursos próprios. A chegada dos primeiros libaneses aqui estabeleceu redes familiares contribuindo para acolher outros libaneses que viriam. Essas redes foram importantes no processo migratório libanês, pois os libaneses receberam ajuda de parentes que estavam inseridos aqui, além de terem acolhido outros:

> Meu pai e meus tios me ajudaram muito, quando chegamos em Porto Velho – Brasil (BADRA HAZIJI ZAGLOUT).
> Meu pai, meus tios, meus parentes (MOHAMED HIJAZI).
> Eu comecei abrindo comercio aqui quando saí de Jí-Paraná, recurso próprio. (YOUSSEF HABIB)

Mikhael Esber ao chegar em Porto Velho abriu um comércio pois tinha recursos próprio, uma vez que estava vindo de Jí-Paraná e a ajuda financeira foi no início de

sua inserção no Brasil que começou em Minas Gerais até chegar em Porto Velho: Eu comecei abrindo comércio aqui quando saí de Jí-Paraná, recurso próprio. (Mikhael Esber).

Uma das primeiras Pizzarias (figura 2) intitulada Roda Viva, em Porto Velho, pertencia ao libanês Mikhael Esber. Lá forneciam um folder (figura 3) que divulgava as atrações musicais que estariam presentes no final de semana. Geralmente eram grupos musicais da cidade de Porto Velho. Antes de se tornar uma pizzaria, no mesmo local funcionava uma padaria que, além de oferecer salgados de origem libanesa, também forneciam quitutes regionais.

Figura 2 — Pizzaria Roda Viva propriedade do Sr. Mikhael Esber

Fonte: Arquivo pessoal de Mikhael Esber

3.3.6 O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Entendemos que estar inserido num contexto familial, escolar amigável, alimenta nossos relacionamentos. Notamos que construíram histórias, carregam marcas de uma trajetória cheia de desafios, as dificuldades surgiram, afinal migraram em um território totalmente desconhecido, reiniciar um novo ciclo, tudo era novo, mas a Cidade do Sol tecia a trajetória desses pioneiros. A inserção foi tão intensa que o novo capítulo de suas vidas começou a ser escrito.

Figura 3 — Folder de divulgação das atrações musicais na Pizzaria Roda Viva

Fonte: Arquivo pessoal de Mikhael Esber

Lestinge (2004) acentua que pertencimento é um sentimento que o sujeito sente pertencente a um território ou a um grupo, identifica-se com aquilo ou faz parte, logo vai zelar, defender, construir, pois internamente há uma verdade para esse sujeito de que todo aquele ambiente faz parte do próprio sujeito. Continua a autora trazendo uma discussão sobre a relação do homem com o meio em que vive, um envolvimento sem compromisso e por consequência desse descompromisso, o desenraizamento. Nutrir sentimentos de identidade e pertencimento leva-nos a despertar a nossa criticidade, os bons sentimentos, faz-nos sentir parte de algo e que é conhecido por algo, ela continua destacando sua ideia:

> A priori, esse conceito – pertencimento - pode nos remeter a, pelo menos, duas possibilidades: uma vinculada ao sentimento por um espaço territorial, ligada, portanto, a uma realidade política, étnica, social e econômica, também conhecida como enraizamento; e outra, compreendida a partir do sentimento de inserção do sujeito sentir-se integrado a um todo maior, numa dimensão não apenas concreta, mas também abstrata e subjetiva. (LESTINGE, 2004, p.40).

Ao trazer tais possibilidades sobre o conceito de pertencimento, Lestinge (2004) define de forma que o primeiro poderá levar o segundo e vice-versa, ficando claro que quando se fixa a um determinado território, como também às suas peculiaridades, despertará emoções relacionadas ao ambiente, fazendo análises com criticidade, despertando ideias autônomas para transformar sua visão de mundo.

Pichon-Rivière (2007) traz o sentimento de pertença como algo que está diretamente ligado à necessidade do sujeito de estar inserido em um grupo, participando das evoluções e mudanças do lugar; consegue ver-se como pertencente a um grupo, adquire uma referência, assumindo uma identidade particular em função

desse grupo, a qual lhe permitirá conhecer-se, localizar-se e desenvolver a prática para a mudança.

Ao fixarem-se no território, perguntamos se eles sentiram algum sentimento de pertencimento em Porto Velho e se sentiram a sensação de estarem invadindo um território que não lhe pertencia. Obtivemos as seguintes respostas:

> Porto Velho? Eu não troco Porto Velho por cidade nenhuma do mundo, nem pela cidade que eu nasci, nasci no Líbano. Porque eu sou do tipo de pessoa que tem a religião mulçumana que me ensina o seguinte: Onde eu ganho o pão de cada dia eu tenho que defender com unhas e dentes" então é por isso que tenho esse sentimento. Não, me senti em casa, desde quando cheguei, até hoje, nunca fui discriminado em nada, como se fossem meus primos, todo mundo me chama de "primo". (MOHAMED HIJAZI).
> Claro, existe um provérbio que fala "Aonde se dá bem é que você tem que ficar", então, não tem outra, não tem explicação. Não, em absoluto, pelo contrário: o brasileiro é um dos poucos, menos do dedo de uma mão de um povo que realmente recebe com braços abertos, o brasileiro me deixou à vontade. Eu não tive problema nenhum, pelo contrário e nenhum libanês teve essa sensação que não pertencia, não tem como sentir isso aqui no Brasil. (YOUSSEF HABIB KMEIH).
> O meu sentimento de pertencimento em Porto Velho, é de gratidão orgulho e respeito à cidade que nos acolheu e nos deu dignidade e identidade, posso dizer :Eu amo Porto Velho. (BADRA HIJAZI ZAGLOUT)
> Eu vim para passear e acabei morando em Jí-Paraná, mas meu coração não bateu lá, eu queria conhecer a capital, cheguei na Rodoviária e saí andando, cheguei na beira do Rio Madeira e falei: Aqui é o meu lugar, quero ficar por aqui. (MIKHAEL ESBER).

Percebemos que sentiram-se totalmente inseridos e acolhidos ao novo território, mesmo assim continuamos a perguntar se em algum momento sentiam que estavam invadindo o local, as respostas foram:

> Não, me senti em casa, desde quando cheguei, até hoje , nunca fui discriminado em nada, como se fossem meus primos, todo mundo me chama de "primo" . (MOHAMED HIJAZI)
> Sou libanês com o coração em Rondônia, não tem preço a receptividade do povo brasileiro (MIKAHEL ESBER)
> Não, em absoluto, pelo contrário: o brasileiro é um dos poucos , menos do dedo de uma mão de um povo que realmente recebe com braços abertos, o brasileiro me deixou à vontade. (YOUSSEF HABIB)

Trazemos em seguida algumas imagens dos negócios que alguns de nossos entrevistados construíram aqui em Porto Velho. Badra com seu esposo foram proprietários de uma papelaria que leva o nome do rio Litane (figura 4) que banha grande parte do Líbano, terra natal dos proprietários.

Figura 4 : Rio Litane

Fonte: Arquivo pessoal da Sra Badra Hajazi Zaglout

A primeira Papelaria Litane (figura 5) funcionava na Av. Pinheiro Machado com Marechal Deodoro. Depois de um certo tempo houve a necessidade de ampliação, gerando mais empregos e contribuindo com a economia local.

Figura 5: Papelaria Litane

Fonte: Arquivo pessoal da Sra Badra Hajazi Zaglout

Verificamos que o dinamismo de empreender aumenta o padrão de vida, valoriza o lugar, além da troca cultural entre os sujeitos. Ao estabelecer a propriedade comercial (figura 6) no centro da cidade, facilitou mais ainda a integração no território, além de apresentar a excelente gastronomia libanesa ao solo portovelhense.

Figura 6: Restaurante e Lanchonete Sabor Libanês

Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/ ShowUserReviews-g737097-d5754307-r471958541-Sabor_LibanesPorto_Velho_State_of_Rondonia

3.3.7 DIÁLOGOS ENTRE CULTURAS

Segundo Hall (2006, p. 47- 49) nossas culturas são ferramentas, as quais nascemos com elas, porém são desenvolvidas e também transformadas em nosso interior, por conta das nossas representações. Ele explicita que “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”; entretanto dentro dos elementos que formam uma nação, encontra-se as especificidades regionais, as quais podem promover um leque de especificações de um grupo para um outro. Fatores históricos, políticos, sociais, religiosos e também culturais fazem a distinção de um grupo menor para o maior.

> O homem é o resultado do meio ao qual foi socializado, sendo herdeiro de um período acumulativo, o qual reflete o conhecimento e as experiências daqueles que o antecederam. Inovações e invenções são ações criativas do seu patrimônio cultural. (LARAIA, 2001, p.45).

Para tanto temos uma adição de cultura, sendo a fusão dos contatos construídos no decorrer das gerações . Numa perspectiva generalizada, percebemos com muita força entre os libaneses a tentativa de manter as tradições e os hábitos culturais também através de festas, com jantares (figura 7) envolvendo suas músicas e danças.

Outro aspecto de suma importância que foi também uma fonte interrogativa: sobre a cultura libanesa, perguntamos se eles sentiam liberdade de viver essa cultura, se ela contribuiu com a cultura local. Obtivemos as seguintes respostas:

> Não a cultura também, essa liberdade, tanto da cultura brasileira como de lá pra cá. Muita coisa ela contribuiu, muita gente que anda no mesmo caminho, ver agente caminhando e caminha igual. Primeiro quem a gente respeita é a família, porque a família é o alicerce da humanidade, a pessoa que perde a família nunca mais recupera. Eu vejo um pai que não ver o filho, o filho que não ver a mãe, então isso eu chamo pra falar, eu não sou tão estudado , mas os cara me ouve, Mohamed fala e ouve Mohamed pra falar que é verdade, que é certo, então eles aceita Graças a Deus, então isso me orgulha, eu me orgulho. Às vezes pela religião, pela educação, pela cultura, eu já tenho as duas, eu misturo as duas. (MOHAMED HIJAZI).
> O libanês quando gosta de uma pessoa, ele ensina tudo o que sabe: dança, culinária, o valor da família, tudo que pode contribuir, contribuímos. (MIKHAEL ESBER).

Figura 7:Jantar promovido pela Comunidade libanesa.

Fonte:< https://www.rondoniaovivo.com.br >. Acesso em: 17.nov.2020

Analisamos que esse processo imigratório dos libaneses buscou a preservação e adaptação , desejando manter as tradições e melhorar a vida. Ou seja, ao longo dos anos o processo de inserção foi crescendo, mas com a tentativa de manter seus traços culturais de maneira que não prejudicasse a instalação ao novo território.

Como consequência de um mundo globalizado , as conexões entre povos e suas culturas tece esse multiculturalismo e desencadeia uma perda homogênea de uma supremacia cultural (HALL, 2006, p. 47-49).

> Tive liberdade. A cultura libanesa, contribuiu muito na cultura local. Nos bons exemplos familiares, comida, danças e também o idioma. Com certeza adotei costume portovelhense, já que tenho mais tempo aqui do na minha terra natal, nos costumes, alimentação... (BADRA HIJAZI ZAGLOUT). A minha cultura é a cultura do povo brasileiro em geral, não tem nada da minha cultura que o brasileiro não gosta, ou não ache a minha cultura no povo brasileiro. Um filósofo libanês diz assim: “Aonde tem um libanês no mundo, o Líbano tá, onde ele está. Então a gente vive o nosso país e compartilha ele com todo mundo. E pouco a pouco o libanês conseguiu fazer isso no início do século. Então a cultura libanesa para o povo brasileiro não é mais algo estranho, pelo contrário: seja de música, seja de poesia, música árabe o povo brasileiro

> adora. A gente conquistou o brasileiro pelo estômago, é claro. Qual é a comida libanesa que o brasileiro não gosta? Nenhuma! Eu vivo aqui no Brasil, não me falta nada, na verdade de diferente do Líbano. (YOUSSEF HABIBI)

Hall (2006) aborda que uma nação é uma comunidade simbólica, e, como consequência, proporciona um sentimento de identidade, uma vez que há constituintes que especificam determinados grupos sociais.

Para Hall (2003, p. 44) a cultura, além de ser uma redescoberta, é também uma viagem de redescoberta e de retorno, ela não é uma arqueologia, mas uma produção; os desvios através do passado nos capacitam através da cultura, levando-nos a produzirmos em novos tipos de sujeitos. Ele continua abordando que não é o que as tradições fazem por nós, mas daquilo que nós fazemos das tradições, estamos sempre em processos de formação cultural.

Então, ao perguntar se eles já haviam adotado algum costume portovelhense, tivemos as respostas:

> Tudo. Eu sou portovelhaco, nem mais portovelhense, portovelhaco!!!!Já dormi em rede, já tomei açaí, já tomei tucupi com pão, já comi pupunha com arroz e farinha, já me chamaram de “caboco” (MOHAMED HIJAZI)
> Com certeza adotei costume portovelhense, já que tenho mais tempo aqui do na minha terra natal, nos costumes, alimentação... (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).
> Não sei, porque eu me considero uma pessoa portovelhense, quer dizer, eu não sei o quê que é o costume de Porto Velho. Se refere à comida regional, alguma coisa assim, claro! Nossa raça é super fácil pra acostumar rápido com as coisas, nós não temos dificuldade nenhuma. A gente aprende rápido, se mistura rápido. (YOUSSEF HABIB).

É importante percebermos que quando se agrega culturas, conflitos são evitados. Através dos discursos de nossos informantes fica evidente que a população portovelhense teve a postura acolhedora em relação à cultura libanesa e entendeu a rica contribuição ao desenvolvimento da capital, percebemos que o mesmo fizeram os libaneses com outras etnias.

> Não sei, porque eu me considero uma pessoa portovelhense, quer dizer, eu não sei o quê que é o costume de Porto Velho. Se refere à comida regional, alguma coisa assim, claro! Nossa raça é super fácil pra acostumar rápido com as coisas, nós não temos dificuldade nenhuma. A gente aprende rápido, se mistura rápido. (YOUSSEF HABIB).
> Eu participo de todas as festas daqui. Só não durmo em rede, não consegui. Tinha uma padaria e vendia tapioca, mingau, mas não deixava minha culinária. (MIKHAEL ESBER).

Na figura 8 temos um pequeno recorte dessa faceta cultural entre portovelhenses e libaneses: Mikhael Esber (libanês) e Manelão (portovelhense), foram

os fundadores da Banda do vai quem quer. Ela é um bloco carnavalesco em que os foliões brincam o carnaval acompanhados por um trio elétrico, cumprindo o percurso em algumas ruas da cidade de Porto Velho. Até os dias atuais a banda continua ativa, levando consigo muitos foliões, com muita alegria e entusiasmo. Constatamos que a interculturalidade é evidente aqui, efetivando uma interação cultural entre os sujeitos, representando tentativas e acertos para as relações.

Figura 8— Michael Esber com Manelão, fundadores da “Banda do Vai Quem Quer”

Fonte: Arquivo pessoal de Mikhael Esber

Bhabha (2005) diz que chegou o tempo de modificar esse discurso hegemônico desestabilizando-o a fim de que se crie um discurso híbrido. Confrontar a hegemonia cultural é um dos desafios mais enfrentados durante alguns anos pelas nações, pois as imposições do eurocentrismo e o padrão que propaga a superioridade cultural ainda é uma herança que precisa ser desconstruída.

É fabuloso pensarmos que o encontro entre culturas é a bandeira e o discurso do multiculturalismo, um encontro que pode acontecer entre tempos, espaços, pessoas diferentes, misturam-se e constroem histórias, memórias, valores e costumes.

Para Franco (2004, p. 169-186), a ancoragem desempenha um papel fundamental no estudo das representações sociais e do desenvolvimento da consciência, pois se formam na parte central, mediante a apropriação individual e personalizada através de diferentes pessoas constituintes de grupos diferentes. Essa ancoragem consiste no processo de integração do objeto representado para um sistema de pensamento social preexistente e para as transformações, culturais e históricas implícitas em todo o processo.

Com clareza, consideramos que os contatos, os encontros nos mostram uma realidade em escala mundial: culturas diferentes proporcionam uma interculturalidade, um processo de interação entre sujeitos e culturas, nos interpelam e amenizam as desigualdades, injustiças e permitem uma aceitação acerca do outro.

As ondas migratórias causadas desde a Segunda Guerra Mundial, como: discriminações raciais, religiosas e políticas, conflitos armados, desastres naturais; exigem mudanças em relação ao acolhimento ao estrangeiro, voltado para o bem-estar dos refugiados, além de reformulações das leis referentes a esses.

Em pleno século XXI é normal uma visão de que o refugiado seja um infrator, aumentando mais ainda a intolerância e o preconceito e por incrível que pareça há leis que restringem a circulação destes em alguns países de "primeiro mundo", mas como diz Bauman (2016) temos que ter clareza no que realmente rege essas motivações "humanitárias":

> As estratégias que os políticos empregam para aproveitar essa oportunidade podem ser- e são muitas e diversas, mas uma coisa deve ficar clara: a política da separação mútua e de manter distância, com a construção de muros em vez de pontes, contentando-se com "câmaras de eco" à prova de som, em vez de linhas diretas para uma comunicação sem distorções(e, tudo considerado , lavando as mãos e manifestando indiferença sob o disfarce da tolerância), só leva à desolação da desconfiança mútua, do estranhamento e da exacerbação. Enganosamente reconfortantes a curto prazo (por colocarem o desafio fora da vista), essas políticas suicidas armazenam explosivos para uma detonação futura. (BAUMAN, 2016, p.14).

Tal assunto tem tanta relevância que está inteiramente ligado ao conceito de direitos humanos, ou seja, para onde irão esses desabrigados? Há assistência necessária para que tenham uma vida digna? Aplicar políticas públicas específicas para atender e abrigar imigrantes é necessário cada vez mais e acima de tudo, baseada na dignidade e ao respeito humano, princípio de nossa Constituição brasileira. De acordo com Santin (2013) :

> As políticas públicas têm ligação direta com o Estado Democrático de Direito, como se nota no próprio preâmbulo da Constituição Federal de 1988, o qual direciona as finalidades do Estado para a preponderância dos direitos sociais e individuais, preservando-se a liberdade, a segurança, bem estar e desenvolvimento, edificados na harmonia social e na solução pacífica das controvérsias. (SANTIN, 2013, p.19)

Figueredo (2016) discorre mostrando que encontrar um trabalho é um dos principais objetivos dos imigrantes que ancoram no país de destino. Trabalho este que seja capaz de suprir suas expectativas, que permita condições mínimas de

sobrevivência sua e da família, que por sinal na maioria das vezes, ficaram na terra natal, para que possam de alguma forma as políticas públicas são de grande relevância para o estabelecimento desse processo.

Por estarem tão bem inseridos, fizemos a seguinte pergunta: Você como imigrante já integrado no Brasil, o que acha que deveria ser feito para ajudar os imigrantes recentes em Porto Velho? Obtivemos as seguintes respostas:

> Esse aqui é um ponto muito complicado, muito triste. Os haitianos pediram emprego e tão vivendo muito melhor. Onde eu respeito os haitianos. Ofereci a venezuelanos trabalho, tanto pro marido como pra mulher. Ajudar, mas ajudar naquele essencial, toma aqui, ele pode trabalhar. Tem tanta construção civil. (MOHAMED HIJAZI).
> Os emigrantes libaneses, quando chegam no Brasil, tem muitas dificuldades para ingressarem nas escolas de acordo com o nível escolar adquirido no Líbano. Aqui é exigido muitas provas e pra iniciar o ingresso nas escolas, são sujeitos até a níveis inferiores aos seus (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).

Constatamos que as dificuldades enfrentadas em uma trajetória de um novo ciclo em um novo território, leva-nos ao lugar do outro. Dialogar, sem criarmos hierarquias culturais é um ponto de suma importância que precisa ser sempre discutido, apagando sempre a supervalorização de um grupo étnico e a desvalorização do outro.

> O povo brasileiro recebe muito bem os que chegam aqui. Contratei mais ou menos uns dez haitianos, também venezuelanos, tenho dois, já trabalham comigo por oito meses. Acho que o governo deveria ajudar no início pelo menos com a “boia”, depois a pessoa ia procurar trabalho, igual os árabes. Se eu pegar 100 reais emprestado, trabalho pra render mais e volto pra devolver. (MIKHAEL ESBER).

Compreendemos que a hibridização acontece fora dos moldes do colonialismo, não há espaço para subordinações, luta cultural e muito menos dependência, pelo contrário, há combinações diferentes que trazem riqueza para os grupos relacionados. Isso traz um significado grande aos sujeitos envolvidos, dessa maneira, o Governador do Estado de Rondônia, Ivo Narciso Cassol, através da Lei nº 2069, de 23 de abril de 2009 reconheceu a importância da Comunidade Libanesa, decretando o Dia da Comunidade, sendo este dia 22 de novembro. (Ver anexo B)

Moscovici (1988) afirma que as representações têm como propósito tornar familiar aquilo que é desconhecido. Ele aponta dois mecanismos que geram representações sociais: um é a objetivação, pois transforma as representações em algo perceptível e concreto; o outro é que torna o desconhecido familiar, para que

possamos comparar e interpretar. Outro fator é que pelo fato de sermos consumidores de uma elevada quantidade de informações audiovisuais, através da televisão, internet; se as imagens propagadas nesses meios sobre os imigrantes forem de teor negativo, as representações sobre esta população tendem a ser construídas de acordo com as prerrogativas que são veiculadas pela mídia.

Continuando com a entrevista, fizemos a seguinte pergunta: Você se sente representado pelas campanhas das mídias de inclusão social para imigrantes/refugiados no Brasil? Por quê? Badra afirma que: “De certa forma sim, pois o Brasil é um país acolhedor porém, tem muito a melhorar, já que a discriminação torna difícil o trabalho e a socialização dos imigrantes refugiados”. (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).

É muito importante a questão apontada pela Badra Hijazi, embora acolhedor o país há uma deficiência em políticas públicas para inserção de imigrantes refugiados, talvez seja o rumo adequado para a fomentação do multiculturalismo, afinal as identidades individuais possibilitam uma emancipação o que torna harmoniosa a diversidade de mundos e histórias diferentes, mas que se entrelaçam.

3.4 INTEGRAÇÃO COM OS MEMBROS DO GRUPO E COM A TERRA NATAL

Para facilitar a integração ao local, os imigrantes libaneses reconstroem discursos estereotipados sobre etnias, procurando excluir os aspectos negativos, melhorando os positivos, numa perspectiva de construir uma nova identidade compatível com a tolerância ética brasileira.

Khodr (1987, p. 50), diz que os libaneses, “em sua quase totalidade, imigraram sozinhos e não em colônias. Também, em vez de se voltarem à agricultura, foram atuar no comércio, por isso tiveram que aprender a língua portuguesa de forma mais rápida. Com isto, percebemos que tal fato favoreceu a integração à vida brasileira. Assim, suas relações foram diferentes de outros imigrantes que, muitas vezes, conviviam isolados em colônias

Massey (2000) pensa que, tem uma proposta de ver a construção dos lugares de uma forma progressista, sem discursos de auto-afirmação e acabam gerando preconceitos para com as minorias, discriminando-as e, as vezes, tratando as diferenças com descaso, como se os espaços se desenvolvessem de forma

homogênea.

Para Hall (2003, p.29) estar em contato com um núcleo que não muda e é atemporal, ligando-se ao passado, o futuro e o presente, numa linha ininterrupta é ter uma identidade; esses cordão umbilical, segundo o autor é chamado de “tradição”, em que a fidelidade às origens é o teste da autenticidade de si mesma.

3.4.1 EM CONTATO COM OS CONTERRÂNEOS

Nesse último item buscamos informações sobre o relacionamento dos nossos informantes com outros libaneses estabelecidos em Porto Velho, com os portovelhenses e com a terra natal. Analisamos também se os encontros eram frequentes e como aconteciam.

Todos responderam que sempre que fosse possível havia encontros entre nossos entrevistados e os libaneses locais, que aconteciam em suas residências ou na casa de amigos, parentes, ou o que mais fosse conveniente: “Sim, sim , tenho amigos , nos encontramos nas nossas casas, em festas, sem que podemos (MIKHAEL ESBER); “Claro, nos encontramos direto, ligo, converso, na minha casa, na residência deles. Não tem local, é na hora que eu quero e onde eu quero” (YOUSSEF HABIB). E, no caso de Mohamed, por ser ter estabelecimento comercial, acaba atraindo libaneses que chegam em Porto Velho:

> Bom, os que vem pra cá, eles procuram a gente por causa do nome: tem o Sabor Libanês, então eles sabe que aqui é como se fosse uma embaixada, eles procuram a gente. Também aí pra isso não precisa chamar ninguém não, a minha família é 92 pessoas, se reunir só a família só com 92 pessoas...Nós temos esses encontros: temos sábado, domingo, feriado, final de ano. Como no Natal e no Final de Ano, todo mundo numa casa só, num local só, todo mundo junto, 94 pessoas da família, por isso que a gente fala que o ano foi espetacular porque estava todo mundo aí. A gente tira foto, todo mundo junto, todo ano tira uma foto e todo ano tem um ou dois a mais. (MOHAMED HIJAZI).

A Comunidade Libanesa tinha como costume a realização de encontros anuais, jantares e festas como pode ser visto na figura 9 que eram realizados com o propósito da interação entre os libaneses e brasileiros, permanecendo viva sua essência e renovando seus valores.

Através do interculturalismo as minorias ganham espaço e voz e passam a ter as mesmas importâncias identitárias e culturais que outras etnias consideradas marjoritárias; percebemos as distâncias começam a serem rompidas proporcionando

um hibridismo cultural. Para Canclini (1997) o hibridismo cultural, passa a ser um acontecimento que não seria possível estabelecer uma identidade fixa, haja vista ao seu mecanismo cultural, pois não possui um acervo único além de não ser desenhado de acordo com as bases culturais da atualidade.

Figura 9: Os homens dançando e celebrando na festa da Comunidade

Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Mikhael Esber

Os libaneses comumente organizavam seus encontros (figura 10) e o que nos chama a atenção é a forma explícita de demonstrarem o valor que dão ao encontro cultural dos países, representados pelas bandeiras do Brasil e do Líbano.

Figura 10 — Salão de festa da Comunidade Libanesa

Fonte: Arquivo pessoal de Michael Esber

Entendemos que hoje, os libaneses juntamente com o novo território planejaram e construíram projetos ao longo dos anos, com sonhos, entregas, renúncias e desencadearam um conjunto que os vinculou à Cidade do Sol, Porto Velho.

3.4.2 QUANDO A SAUDADE BATE AO CORAÇÃO

Além de tentar superar a saudade da terra através desses mecanismos apresentados pelos libaneses, eles sempre se comunicam com seus familiares, via telefone, redes sociais, e-mails entre outros recursos.

> Eu sempre ligo pra lá, falo com frequência com parentes. Todo ano visito o Líbano (MIKHAEL ESBER).
> A única maneira de superar a falta da minha terra natal é ir lá, aliás eu vou duas ou três vezes no ano. Não é problema, a globalização facilitou muito. (YOUSSEF HABIB).
> A maneiras para superar a falta da minha terra natal, é convivendo com a família, conversando em árabe, comendo nossas comidas, fazendo festas árabes (normalmente em família), e visitando de vez em quando o Líbano. (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).

Conforme a figura 11, estar em família para os libaneses finca essa veracidade

Figura 11: Dia de festa!!! Confraternização de final de ano

Fonte: Arquivo pessoal da Sra Badra Hijazi Zaglout

Sayad (1998) diz que o retorno tem um poder simbólico: nasce justamente da impossibilidade de não poder retornar. Portanto, os deslocamentos não são comandados somente no espaço físico, porém num espaço de relações sociais entre os sujeitos.

Para Osman (2006, p. 107) a dinâmica do retorno implica relações: país de origem/país de destino. Quanto ao retorno para o Líbano, os homens deixaram claro que seria apenas para visitar, como já faziam:

> Como turista, não como morador. Infelizmente depois que faleceu a minha mãe, não tenho ninguém vivo, tinha papai trouxe ele pra cá.... (MOHAMED HIJAZI).
> Só para passear, morar não. (MIKHAEL ESBER).
> É uma possibilidade, não para morar, apesar de ter uma residência lá e negócios, mas morar não. Pretendo passar um verão por lá e voltar pra cá. Deixa eu te falar uma coisa: sempre quando compro passagens pra ir pra lá, compro ida e volta, porque sai mais barata, mas sempre antecipo a minha volta, porque sinto muita saudade daqui. (YOUSSEF HABIB).

Além disso, na figura 12 temos Mohamed Hijazi visitando seus pais e irmãos

no Líbano.

Figura12: Visita ao Líbano para encontrar os familiares.

Fonte:<http://focasdomadeira.blogspot.com/2014/11/do-libano-ao-brasil-mohamad-conta.html>
Acesso em: 17 nov. 2020.

Entendemos que os libaneses territorializados e o novo território hoje faz parte dos projetos construídos ao longo dos anos, com sonhos, entregas, renúncias e que hoje desencadearam um conjunto que os vinculou à Cidade do Sol, Porto Velho.

Embora percebamos a superação dos libaneses e amor que foi construído ao longo dos anos pelo Brasil, por Rondônia e por Porto Velho, fizemos a mesma pergunta à Badra: “Voltar a morar no Líbano é um sonho lindo que eu tenho, se Deus quiser realizarei, mas jamais abandonarei o Brasil”. (BADRA HIJAZI ZAGLOUT).

É notório a saudade daquele lugar que é referência, que, mesmo deslocando-se geograficamente, as origens estarão presentes, pois é a essência de cada sujeito. O tempo vivido no Brasil foi construído para uma nova história, voltar é voltar à inocência, aos tempos de boas lembranças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo geral o estudo da interculturalidade da diáspora libanesa. Os objetivos específicos foram os de levantar os fatores que motivaram a saída do país de origem, verificar como se deu a integração linguística, social e cultural dos membros do grupo com o novo local e observar os elos com a terra natal. Para versar e sustentar nossa argumentação, destacamos as concepções sobre diáspora, o multiculturalismo, interculturalismo e redes sociais.

O interculturalismo desperta relações interculturais e comunicação entre os sujeitos, motivando competências como: empatia, flexibilidade, curiosidades, interesses pela cultura , tradições e costumes do Outro, concebe uma capacidade de reger conflitos e emoções, estabelecendo confiança e cooperação.

Percebemos que a abordagem do interculturalismo pode ser a ferramenta para gerenciar de forma mais compreensiva a diversidade cultural. Ele permite uma análise ampla entre as culturas , a partir das diferenças entre essas, mesmo que sejam apresentadas ou até mesmo intituladas como minorias/maiorias, dominantes/dominadas. A aprendizagem mútua é fortalecida através do interculturalismo, o reconhecimento de cada cultura como igual ou diferente, garantindo o valor e a importância desses diálogos culturais, indo além de tolerância, equidade e convivência, promovendo respeito e valor.

Em seguida, fomos para a ação da pesquisa: a escolha metodológica. Executamos uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, por percebermos que está fundamentada na observação cuidadosa das práticas realizadas. Nos embasamos em Segovia Herrera (1988) sobre a pesquisa etnográfica, de que a finalidade é desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural. Também em Mattos (2011, p. 50) que enfatiza na etnografia algumas contribuições no campo da pesquisa qualitativa, principalmente para estudos que se interessam por desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sociointeracionais. Aplicamos um questionário, composto por trinta e três perguntas, tentando fazer com que estas fossem convenientes para a análise.

Os resultados apontaram que o perfil da mostra utilizada foi o seguinte: tivemos informantes de 62 a 69 anos, todos de origem libanesa há mais de quinze anos estabelecidos aqui em Porto Velho. A motivação para saída do Libano até a chegada

ao Brasil foi: visitar parentes, vir morar com a família e fugir da guerra de 1975. Percebemos que o movimento diaspórico deu-se por motivos diferentes, que em alguns casos as diásporas exercem “movimentos de pressão” nas políticas de relações, no caso de fugir da guerra.

Quanto à rota percorrida até chegar ao Brasil foi : via Líbano, Egito, Roma , Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Velho; Beirute, Egito, Itália, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Velho; Beirute, Dakar, Campinas, Porto Velho; Karaoun de carro até Beirute, Senegal, Dacar, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Porto Velho; todos utilizaram transporte aéreo. Tornou-se perceptível que a diáspora deixou de ter uma implicação somente negativa, haja vista que nos dias atuais muitos imigrantes com dinheiro ou não podem deslocar-se para qualquer lugar de sua escolha.

Eles não tiveram qualquer ajuda financeira do governo libanês e nem do governo brasileiro, apenas da família. Observamos que o deslocar é um procedimento social movido por ações migratórias, através do sair e adentrar em novo território, essas ações são constantemente alicerçadas pelas redes, uma vez que todo esse processo diaspórico é a mola impulsora para criação de ambientes em rede.

Não enfrentaram problemas de imigração, desconheciam as leis de imigração na época. A principal dificuldade encontrada foi com a língua, embora três dos nossos informantes tinham conhecimento de mais uma língua, além da sua; com exceção de uma informante que falava apenas o árabe, também ela acrescentou que a alimentação também foi um fator de dificuldade, uma vez que não havia material para fazer o que gostavam de comer. Ao ultrapassarem suas fronteiras se depararam com outras adversidades culturais ou multiculturais. Apesar das dificuldades com a língua, os informantes procuraram aprendê-la: dois dos informantes aprenderam a língua trabalhando e tendo contato com brasileiros, a informante aprendeu na escola a qual foi matriculada, o quarto informante aprendeu com a esposa que era brasileira. Notamos que aprender a língua portuguesa para os libaneses tornou-se um mecanismo de socialização, de apropriação e acima de tudo, um fator que proporcionou a permanência no Brasil.

A religião foi outro resultado interessante, os libaneses trouxeram religiões distintas, entre essas estão: maronita, catolicismo romano e mulçumano. Os três homens deixaram claro que não encontraram dificuldades de exercitar sua religião, porém nossa informante encontrou um certo preconceito pelas pessoas que

desconheciam sua religião. Outro fator analisado sobre nossos informantes foi sobre o casamento: dois deles casaram com libaneses também, os outros dois casaram com brasileiros. É por isso que o multiculturalismo propõe a realização de convivência num mesmo espaço social de culturas diferentes sob o princípio da tolerância e do respeito à diferença, considerando as diversidades de interesses caracterizados nas disputas das representações ideológicas, culturais e políticas na atualidade, encontrando um caminho na perspectiva do interculturalismo para compreender a diversidade entre os sujeitos.

Dois de nossos informantes nos relataram que imaginavam o lugar conforme era descrito pelos parentes que aqui já estavam; os outros dois não construíam nenhuma imagem sobre o local, até porque vieram muito cedo e pouco sabiam do local. Fixar-se no novo lugar implica em levar em consideração as construções trazidas no imaginário dos sujeitos e misturadas com o novo território. Já a escolha por Porto Velho foi motivada pelo fato dos parentes já estarem inseridos aqui. Portanto, a participação das famílias nos processos diaspórico é ativa e abrangente, apresentando funções diversificadas, como recrutamento, intermediação, suporte social na origem e no destino até mesmo como o provimento de moradia, seja ela temporária ou definitiva. Enfim, as famílias dos libaneses contribuiram decisivamente para a inserção social bem sucedida; as redes constituem vias condutoras, dinâmicas e variadas nessa construção social.

O sentimento de pertencimento foi algo apontado de forma muito explícita pelos informantes e por conta disso nunca sentiram que estavam invadindo o território. Vimos que em nossos dias o mundo é composto por sociedades de mudanças e que Porto Velho é uma capital acolhedora de imigrantes, pois a formação de seu povo deu-se por várias construções imigratórias. Por isso, aqui predomina o multi, o híbrido em sua construção histórico-social.

Os libaneses deixaram claro que tiveram liberdade de viverem sua cultura e declararam que adquiriram costumes portovelhenses. Por se sentirem bem inseridos ao novo local disseram que os brasileiros recebem bem os imigrantes, porém deve haver trabalhos mais específicos para uma ajuda mais consistente ao imigrante. Embora a mídia propague campanhas publicitárias sobre os imigrantes, apenas uma informante sentiu-se representada pelas propagandas. Fica claro que o

interculturalismo não está somente no espaço físico, mas também no imaginário dos sujeitos, nos costumes e na identidade.

Eles narraram que sempre que podem estão reunidos com outros libaneses que moram aqui em Porto Velho, sejam em festas de aniversário, final de ano, toda oportunidade procura estar juntos. Na medida do possível estão falando com os que ficaram no Líbano e quando podem sempre vão visitar os parentes e a terra natal. Quanto ao retorno ao Líbano, somente uma informante tem esse desejo, os outros apenas para visitar. Os libaneses resistem inconscientemente e mantêm suas memórias como sujeitos de linguagem, assim revivem o Líbano por meio de músicas, comidas, datas comemorativas, telefonam para suas famílias e amigos. Porém, eles também se integraram à língua, aos costumes, à vida social dos portovelhenses , colaborando para a hibridização e construção de novas identidades.

Concluimos salientando que a contribuição libanesa para Porto Velho é sem dúvida, ampla , diversa e precisa ser abordada através de estudos mais profundos para que a memória dessa etnia não caia no esquecimento, além de aprendermos com eles e com as circunstâncias por eles vividas de que é possível construir uma sociedade híbrida, a fim de conviver com as diferenças, construindo relações harmoniosas entre os sujeitos envolvidos.

REFERÊNCIAS

ANSION, Juan; TURBINO, F.; ALFARO, S. **A interculturalidade e os desafios de uma nova forma de cidadania. Educar na cidadania intercultural.** Chile: Fundo Editorial da Universidad de la Frontera e Pontificia Universidad Católica del Perú. Pp, pág. 37-62, 2007.

ÁVILA, Janayna. **A procura pela libertação em Exodus.** Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, v. 7, n. 1, p. 1-18, 2020.

BARNES, John A. **Redes sociais e processo político. Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, p. 159-194, 1987.

BAUMAN, Zygmunt **Estranhos à nossa porta** . John Wiley & Sons, 2016.
_____ **O desafio ético da globalização**. Revista colombiana de sociologia , v. 6, n. 2 P. 95-99, 2001.
_____ **identidade: entrevista com Benedetto Vecchi** . Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2003; 2005

BENCHIMOL, Jaime Larry; DA SILVA, André Felipe Cândido. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 3, p. 719-762, 2008.

BORZACOV, Yêda Pinheiro. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré: História em fotografia.** Porto Velho: Grafiel Gráfica, 2007.

BOYARIN, Jonathan; BOYARIN, Daniel (Ed.). **Judeus e outras diferenças: Os novos estudos culturais judaicos** . U of Minnesota Press, 1997.

BRASIL, Lei de imigração.1850.Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm>Acesso em: 06 nov. 2020.
BRASIL ,Lei de imigração.1891.Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>Acesso em: 06 nov. 2020.
BRASIL ,Lei de imigração.1934.Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm> Acesso em: 06 nov. 2020.
BRASIL ,Lei de imigração.1937.Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm > Acesso em: 06 nov. 2020.
BRASIL ,Lei de imigração.1946.Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm > Acesso em: 06 nov. 2020.
BRASIL ,Lei de imigração.1988.Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm >Acesso em: 06 nov. 2020.

BRAH, Avtar. **Mobilidades globais, dificuldades locais: globalização e a imaginação crítica.** Revista Feminista , v. 70, n. 1, pág. 30-45, 2002.

BRITO, Fausto (jan./jun. 2004). **"Crescimento demográfico e migrações na transição para o trabalho assalariado no Brasil".** In Revista Brasileira Estudo Populares, v. 21, n. 1, p. 5-20.

BUCCI, Maria Paula Dallari. **O conceito de política pública em direito**. In: BUCCI, Maria Paula Dallari (Org) Políticas Públicas: reflexões sobre o conceito jurídico. São Paulo: Saraiva, 2006.

BURGEILE, Odete. **Um estudo Sociolingüístico dos Afro-Amazônidas no Brasil**. The Edwin Mellen Press: Lewiston, 2009.

BUCHABQUI, Jorge Alberto. **A imigração sírio-libanesa pelas memórias de Tanous**. 1ª Edição revisada. Porto Alegre, 2017

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
_____. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.
_____**Latino americanos à procura de um lugar neste século**. Editora Iluminuras Ltda, 2008.
_____**Conflictos interculturales.** Barcelona: Gedisa, 2011.
_____**Diferente, desigual ou desconectado.** CIDOB Magazine d'Afers Internacionals, p. 113-133, 2004; 2006

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de educação, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008.Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964.
_____**Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** Currículo sem fronteiras, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

CANEN, A. **Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares.** Cadernos de pesquisa, n. 111, p. 135-149, 2000.
_____**Relações raciais e currículo: reflexões a partir do multiculturalismo.** *Cadernos PNESB*, n.3, p.63-77, 2001.
_____**Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio.** In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.) *Currículo*: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002. p.174-195.

CARDOSO, C. M. 2003. **Tolerância e seus limites: um olhar latino- americano sobre diversidade e desigualdade.** São Paulo: Editora UNESP.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** / Manuel Castells; tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CAVALCANTI, R. 2002. **Preconceito, tolerância, radicalismo e , discriminação.** Disponível em: << www.geocities.yahoo.com.br/amigodafamiliabr/preconceito.html>>acesso em 06 de novembro de 2020

COHEN, Robin. **Diasporas, the nation-state**, and globalisation. Global history and migrations, p. 117-43, 1997.

CONSTANTINIDOU, Vassiliki Thomas. **Os guardiões das lembranças: memória e histórias dos imigrantes gregos no Brasil.** São Paulo: Ed. do autor, 2009.

DA ROCHA PINTO, Paulo Gabriel Hilu. **Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil**. Revista Usp, n. 67, p. 228-249, 2005.

DE MORAES, Dênis. **Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural**. Revista Contracampo, n. 01, 2002.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Imigração, Urbanização, Industrialização**. Rio de Janeiro: Exército Editora, 1980

DORNELAS, Juliana Gomes. **Na América, a esperança: os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes em Juiz de Fora, Minas Gerais (1890-1940)**. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado). Minas Gerais: Universidade Federal de Juiz de Fora.

EMMI, Marília. **Fluxos migratórios internacionais para a Amazônia brasileira do final do século XIX ao início do século XX-Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA, p. 263-279, 2009.

FABRINI, Pollyanna; MAHL, Marcelo Lapuente. **A HERANÇA DAS TEORIAS RACIALISTAS E O DESEMPENHO DA EDUCAÇÃO EM PROMOÇÃO À IGUALDADE ETNICO-RACIAL. FORMAÇÃO INICIAL, HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFROBRASILEIRA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI FEDERAL 10.639/2003**, p. 20.

FANTAZZINI, Orlando Dep. (2005). **Políticas públicas para as migrações internacionais. Comissão de Direitos Humanos da COPA. Subcomissão sobre Migrações no Parlatino.** Brasília: Mimeo, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Conversas com tradutores: virtudes e controvérsias da linguística** / Antonio Carlos Xavier e Suzana Cortez (orgs.) 2. Impr. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

FAZITO, Dimitri. **Análise de Redes Sociais e a Migração: Mito e realidade.** Anais… XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, setembro de, 2002.

_____**Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do" retorno"**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 25, n. 72, p. 89-176, 2010.

FERNANDES, A. O. **Madeira-Mamoré: Do Gênero Humano ao Abandono.** Porto Velho: [s.n.], 2005.

FERREIRA, M. R. **A ferrovia do diabo: História de uma estrada de ferro na Amazônia.2005**

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e educação**. Revista brasileira de educação, n. 23, p. 16-35, 2003.
_____ **Desafios à interculturalidade no Brasil**. Revista Educação, 2001.

FIGUEREDO, Luiz Orencio; ZANELATTO, João Henrique. Legislação e políticas públicas voltadas à imigração no Brasil. **Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, v. 8, n. 2, p. 252- 274 , 2016.

FONSECA, Dante R.; TEIXEIRA, Marco A. D. **História regional** (Rondônia). 2.ed. Porto

FOUCALT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2002.
_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência.** Cadernos de pesquisa, v. 34, n. 121, p. 169-186, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Bahia e baianos**. Fundação das Artes, 1990.

GATTAZ André, **História oral da imigração libanesa para o Brasil**: 1880- 2000.
_____**Braços da Resistência: uma história oral da imigração espanhola** (1995); **Lapidando a fala bruta: a textualização em História oral** (1996);
_____**A Guerra da Palestina: da criação do Estado de Israel à Nova Intifada** (2002).
_____ **Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes.** São Paulo: Gandalf, p. 78, 2005.
_____ **Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes.** 2ª edição. Salvador: Editora Pontocom, 2012
_____**Meio século de história ora**l (1998) **e La búsqueda de identidade en las historias de vida** (1999)

GATES JR, Henry Louis. Haiti. In. **Os negros na América Latina**. Tradução Donald M. Garschagem. 1a ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Marco Zero, 1994.
_____ **A Invenção da Amazônia,** Manaus, Série Memórias da Amazônia, Ed. **Valer,** 2007.

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração árabe: cem anos de reflexão** . Icone editora ltda, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
_____**Da Diáspora, Identidade e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
_____**A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução: Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10a ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
_____**Politiques des cultural studies**. Éditiond Amsterdam, 2008.
_____ (1997a). **Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente nos estudos culturais.** In: STOREY, John, (ed.). O que são estudos culturais? Um leitor. 2ª ed. Londres: Arnold.
_____(1997b). **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, v. 22, nº 2, jul./dez.
_____1997c). **Estudos Culturais: dois paradigmas.** In: STOREY, John, (ed.). O que são estudos culturais? Um leitor. 2ª ed. Londres: Arnold.

HEYE, Jürgen. **Considerações sobre bilingüismo e bilingualidade: revisão de uma questão.** Revista Palavra, p. 30-38, 2003.

HOBSBAWM, Eric. Ranger, Terence. **A invenção das tradições**, v. 2, 1984.

KHATLAB, Roberto. **Religiões no Oriente Médio - Árabes Cristãos do Líbano**.Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião, v. 15, n. 1, p. 134-148, 2017.

KINCHELOE, J. L. e STEINBERG, S. R. **Repensar el multiculturalismo.** Barcelona: Octaedro, 2012.

KHODR, H. **O libanês no Brasil**.3 ed. Brasil -Líbano, 1987.

LARAIA, Roque De Barros. **Cultura um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LESTINGE, Sandra Regina. **Olhares de educadores ambientais para estudo do meio e pertencimento**. 2004. 2004. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado). Piracicaba SP.

MAHER, Terezinha Machado. **Sendo índio em português.** Língua, v. 18, p. 115-138, 1998.

MARTA, José Manuel Carvalho.**Rondônia: da Colonização à Integração Latino -Americana.** Cuiabá: Edufmt, 2018. 464p

MASSEY, Douglas S. et al. **Retorno a Aztlan: o processo social da migração internacional do oeste do México.** Los Angeles: Imprensa da Universidade da Califórnia, 1987

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico** / prefácio Paulo Freire ; apresentação Moacir Gadotti ; tradução Bebel Orofino Schaefer. - São Paulo : Cortez, 1997
_____**Multiculturalismo crítico**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
_____**Multiculturalismo crítico.** 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2000. Medeiros. Rio de Janeiro, 2005.

MEIHY, Murilo. **Os libaneses**. Editora Contexto, 2016.

MENEZES, Lená Medeiros de. **Movimentos e políticas migratórias em perspectiva histórica: um balanço do século XX.** p. 126. In: CASTRO, Mary Garcia. (coord.). **Migrações Internacionais:** Contribuições para Políticas. Brasília: CNPD, 2001. p. 123-136.

MILROY, Lesley; MILROY, James. **Social network and social class: Toward an integrated sociolinguística model. In. Language in Society.** Cambridge University Press, 1992.

DE MORAES, Dênis. **Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural.** Revista Contracampo, n. 01, 2002.

MOSCOVICI, S. (1988) '**Notas para uma descrição das representações sociais**' European Journal of Social Psychology 18: 211-250.

NADEL, Siegfried Frederick. **A teoria da estrutura social**. Routledge, 2013.

NEVES, Miguel Santos e ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (2008), **"As diásporas e a globalização – a comunidade de negócios chinesa em Portugal e a integração da China na economia global**", in OLIVEIRA, Catarina Reis e RATH, Jan (org.), Revista Migrações - Número Temático Empreen- dedorismo Imigrante, Outubro 2008, n.º 3, Lisboa: ACIDI, pp. 165-189

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno e PIMENTEL, Nábila Raiana Mágno. **Da Ameaça a Esperança: Memórias e Histórias sobre a Primeira Mãe de Santo do Município de Porto Velho**. In: Revista Labirinto – Ano X, no 13 – 2010.

TRUZZI Oswaldo, **De Mascates a Doutores: sírios e libaneses** em São Paulo, p. 8.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. **História, Desenvolvimento e Colonização do Estado de Rondônia.** Porto Velho: Dinâmica Editora, 2001.

OSMAN, Samira Adel. **Imigração árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos**. Xamã, 2011.

PATARRA, Neide Lopes; SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES. **Movimentos migratórios internacionais recentes de e para o Brasil e políticas sociais: um debate necessário.** Travessias na Desordem Global–Fórum Social das Migrações. São Paulo: Paulinas, 2005.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2007

PORTES, A. **Sociologia econômica e sociologia da imigração: um panorama conceitual.** No: _____. (Ed.). A sociologia econômica da imigração: ensaios sobre redes, etnicidade e empreendedorismo. Nova York: Russell Sage Foundation,1995. p. 1-41.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. Estrutura e função. **Sociedade Primitiva,** 1952.Reis. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2014.

RAFFESTIN, Claude. **Per uma geografia delpotere**. Milão: Unicopli, 1981.

RAMOS, Jair de Souza. **Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração na década de 20**. p. 61. In: MAIO, Marco Chor (org.). **Raça, ciência e sociedade.** Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz/CCBB, 1996. p. 59-82.

REDIN, Giuliana. **Novo Marco Legal para a Política Imigratória no Brasil: Por um Direito Humano de Imigrar.** In: Imigrantes no Brasil: Proteção dos Direitos Humanos e Perspectivas Político-Jurídicas. Giuliana Redin, Luís Augusto Bittencourt Minchola. Curitiba: Juruá, 2015.

SANTANA JÚNIOR, Fernando Oliveira. **A trilogia da inquisição de richard zimler: a saga transcultural da família zarco.** 2015.

SANTIN, Valter Foleto. **Controle judicial da segurança pública.** 2ª ed. São Paulo: Verbatim, 2013.

SANTOS, Adilson Silva. **Sírios e Libaneses no Sul do Espírito Santo (1890-1930).** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente** / Edward W. Said, tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. São Paulo: Melhoramentos, 1981.
_____ **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAYAD, Abdelmalek. **O retorno, elemento constitutivo do migrante.** Travessia-Revista do Migrante, São Paulo, número especial, 2000

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais.** Edições Loyola, 1993.
_____ **Das mobilizações às redes de movimentos sociais.** Sociedade e estado, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.
_____**Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. Hucitec, 1999.
_____**Fóruns e redes da sociedade civil: percepções sobre exclusão.** Política & Sociedade, v. 6, n. 11, p. 19-40, 2007.
_____**Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória?.** Caderno Crh, v. 21, n. 54, p. 505-517, 2008.

SCHUINDT, Elisangela Lima de Carvalho; SAMPAIO, Sônia Maria Gomes. **A diáspora barbadiana e o legado educacional em Porto Velho.** 2016.

SEGOVIA HERRERA, M. **Risco e segurança do trabalho desde o ponto de vista de um grupo de trabalhadores de uma agência de distribuição de energia elétrica.** In: ENCONTRO INTERAMERICANO DE PESQUISA QUALITATIVA EM ENFERMAGEM, I. São Paulo. Trabalhos**.** São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo/ Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, 1988. p. 63-9. (Resumo)

SEYFERTH, Giralda. **Constuindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização.** p. 48. In: MAIO, Marco Chor (org.). **Raça, ciência e sociedade.** Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz/CCBB, 1996. p. 41-58.

SILVA, Maria Lúcia Carvalho da et al. **Movimentos sociais e redes: reflexões a partir do pensamento de Ilse Scherer-Warren.** Serviço Social & Sociedade, n. 109, p. 112-125, 2012.

SILVA,A. O. da. 2004. **Reflexões sobre a intolerância**. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/Acesso em 18/11/2020

SOARES, Weber. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga.** 2002.
_____ **Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional**. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 21, n. 1, p. 101-116, 2004.

SOTELO, Daniel Martins. **A Torah e a obra historiográfica deuteronomista: as revisões sob a influência persa no contexto sócio-histórico do pós-exílio. 2010. 226 f**. 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia.

TERRA, João Evangelista Martins. **Catequese de índios e negros no Brasil colonial**. Aparecida: Santuário, 2000.p. 239

TILLY, Charles. **Redes transplantadas**. In: YANS-MCLAUGHLIN, Virgínia (Org.). **Imigração reconsiderada: história, sociologia e política.** Londres: Nova York: Universidade de Oxford, 1990.

TOURAINE, Alain; MCDONALD, Kevin. **Democracia**. Tese Onze , v. 38, n. 1, pág. 1-15, 1994.

TRENTO, Ângelo. **Os italianos no Brasil**. São Paulo: Prêmio, 2000. p. 24.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. John Mursay , Albemarle Street, W. v.I. 6.ed. Londres, 192

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento "otro" from la diferencia colonial. El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global** , p. 47-62, 2007.

_____ I**nterculturalidad y (de) colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. Visão Global**, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2012.

ZAIDAN, Assaad. **Raízes libanesas do Pará. Belém**:[sn], 2001.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UNIR

Endereço: Campus José Ribeiro Filho - BR 364, Km 9,5, sentido Acre, Bloco de departamentos, sala 216-2C

Bairro: Zona Rural **CEP:** 76.801-059

UF: RO **Município:** PORTO VELHO

Telefone: 2182-2116

E-mail: cep@unir.br

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa sobre XXXX, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador (a) ou com a instituição.

Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador (a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

PROGRAMA: de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado em Letras da UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL:

ENDEREÇO:

TELEFONE:

OBJETIVOS:

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:

RISCOS E DESCONFORTOS: Os riscos oferecidos pela pesquisa são mínimos como: Invasão de privacidade, Responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, sexualidade, Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado, Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista. Que serão minimizados com as seguintes medidas: garantir o acesso aos resultados individuais ao entrevistado, minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras, garantir que o pesquisador seja habilitado ao método de coleta dos dados, estar atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto, garantir a não violação e a integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras, assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro.

BENEFÍCIOS: Abordar contribuições de grande relevância para fomentação multicultural entre as etnias, a fim de elencar questões sobre cultura, identidade e memória, visto que estão imbricadas nas representações e formações do sujeito.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não haverá nenhum gasto ou pagamento com sua participação.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Garantia de sigilo que assegure a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os dados e o seu nome não serão divulgados.

_____

Assinatura do Participante

_____

Assinatura do Pesquisador

Data:_____/_____/_____.

ANEXO B- LEI 2069 DE 23 DE ABRIL DE 2009: DIA DA COMUNIDADE LIBANESA

1

GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA
GOVERNADORIA

LEI Nº 2069 , DE 23 DE ABRIL DE 2009.

Institui no Estado de Rondônia o "Dia da Comunidade Libanesa".

O GOVERNADOR DO ESTADO DE RONDÔNIA:
Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. Fica criado, no âmbito do Estado de Rondônia, o "Dia da Comunidade Libanesa".

Art. 2º. O "Dia da Comunidade Libanesa" de que trata o *caput* desta Lei é comemorado, anualmente, no dia 22 de novembro.

Art. 3º. A data comemorativa objeto desta Lei não implicará em decretação de feriado.

Art. 4º. Cabe ao Poder Executivo incluir o "Dia da Comunidade Libanesa", criado pela presente Lei, no calendário oficial de eventos do Estado.

Art. 5º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governo do Estado de Rondônia, em 23 de abril de 2009, 121º da República.

IVO NARCISO CASSOL
Governador

APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Roteiro das entrevistas

I-Perfil dos colaboradores

1-Nome
2-Idade
3-Descendência
4-Quantos filhos tem
5-Estado civil
6-Qual seu grau de instrução?

II-Motivação para a saída do país de origem

7-Qual foi o motivo da saída do seu país?
8-Por que escolheu o Brasil?
9-Há quanto tempo está no Brasil?
10-Por onde você passou até chegar ao Brasil e que transporte utilizou?
11-Você teve ajuda financeira para conseguir chegar ao Brasil?
( ) Não ( ) Sim. De quem?

III-Integração no novo local

12- Teve algum problema quanto à migração para o Brasil? Qual (quais)?
13- Qual foi a principal dificuldade encontrada na sua chegada?
14- Como você imaginava o local?
15- Como você imaginava as pessoas do local?
16- Você sabia algo sobre as leis de imigração do Brasil quando chegou? E atualmente?
17- Qual sua religião? Sentiu liberdade de praticar essa religião?
18- Você veio casado ao Brasil ou casou aqui?
19- Qual a nacionalidade de sua esposa? Interferiu na sua escolha essa nacionalidade?
20- Por que você escolheu ficar em Porto Velho?
21- Em Porto Velho, você frequentou lugares onde havia muitos brasileiros para tentar aprender/aperfeiçoar a Língua Portuguesa logo que chegou aqui?
22 -Procurou aprender a Língua Portuguesa com outros libaneses que já moravam em Porto Velho?
23-Você já adotou algum costume portovelhense?
24 -Quem te ajudou quando você chegou a Porto Velho
25-Qual seu sentimento de pertencimento em Porto Velho?
26- Houve alguma sensação de estar invadindo um local que não te pertencia? Por que?- Você acha que teve liberdade para viver sua cultura em Porto Velho?
27-Como você acha que a cultura libanesa contribuiu na cultura local?
28- Você como imigrante já integrado no Brasil, o que acha que deveria ser feito para ajudar os imigrantes recentes em Porto Velho?
29- Você se sente representado pelas campanhas das mídias de inclusão social para imigrantes/refugiados no Brasil? Por que?

IV-Integração com os membros do grupo e com a terra natal

30- Você se encontra com outros libaneses em Porto Velho para conversar? Em que local?
31- Quais são as maneiras para superar a falta de sua terra natal?
32- Você sempre se comunica com a família que mora no Líbano? Como?
33- Você pretende voltar a morar no Líbano ?